

JOÃO DIAS
MÉDICO - CIRURGIÃO
—
NÚCLEO MUSEOLÓGICO
ALCOUTIM
—
—

JOÃO DIAS
MÉDICO - CIRURGIÃO

NÚCLEO MUSEOLÓGICO
ALCOUTIM, 2013

Catálogo

Coordenação Geral

Alcance - Associação para o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio

Acompanhamento

Município de Alcoutim

Colaboração

Comunidade Local

Textos

Carlos Brito, Fernando Estêvão Dias, Francisco Amaral, Gaspar Santos, Jorge Palma, José Manuel Simão, Victoria Cassinello

Recolha de Fontes Orais

Mara Campos, Carlos Brito

Design Gráfico

Nerve, Atelier de Design

Fotografia

Arquivo Família Dias, Arquivo Família Andrade/Tavira, Município de Alcoutim, Jorge Palma, José Serafim, Mimi Amaral

Revisão de Trabalho

Onoma

Impressão

ACD Print

N.º de Exemplares

500

Depósito Legal

xxx

ISBN

xxx

Edição

Município de Alcoutim, 2013

Exposição

Coordenação Geral

Alcance – Associação para o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio

Acompanhamento

Município de Alcoutim

Colaboração

Comunidade Local

Museologia

José Simão e Victoria Cassinello / Alcance – Associação para o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio

Fernando Estêvão Dias, Jorge Palma, Manuela Teixeira e Nelson Fernandes / Município de Alcoutim

Rita Manteigas / Nerve, Atelier de Design

Fotografias

Arquivo Família Dias / Alcoutim, Arquivo Família Andrade /Tavira, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim, Arquivo da Universidade de Coimbra, Arquivo de Conceição Amaral/Alcoutim, Arquivo do Hospital de S. José / Lisboa, Arquivo Municipal de Alcoutim, Nerve, Atelier de Design / Lisboa

Tradução

Michelle Nobre Dias

Museografia

Nerve, Atelier de Design

Produção e Montagem

Nerve, Atelier de Design

Conservação e Restauro

Manuela Teixeira/Município de Alcoutim
Isabel Tissot, Isabel Zarazúa, Manuel Lemos, Matthias Tissot, Pedro Pedroso / Archeofactu – Arqueologia e Arte, Lda.

Agradecimentos

Arquivo Distrital de Faro

Arquivo da Escola Secundária João de Deus de Faro

Arquivo da Faculdade de Medicina de Coimbra

Arquivo Municipal de Alcoutim

Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim

António Lopes Teixeira

Cândida Caimoto Amaral

Carlos Pinto Barão

Conceição Caimoto Amaral

Francisco Abril Franco

Jaime Lemos Roque

Luís Andrade

Maria Irene Dias Amado

Mário Nobre

Norberto Ferreira de Sousa

Rui Manuel Ribeiros da Cruz

Projecto de arquitectura / adaptação a Núcleo Museológico

João Pereira

Empreitada

Carlos Manuel Marques Teixeira

Documentário

Documentário

Dr. João Dias, Médico e Benemérito

Realização/Direcção/Produção

Nerve, Atelier de Design

Guião

Alcance- Associação para o Desenvolvimento do Nordeste Algarvio, Município de Alcoutim, Nerve, Atelier de Design

Legendagem

Onoma

Fotografia

Paulo Torrado

Trilha Sonora

João Fernandez

Finalização

Filipe Nobre

Estúdio de som

(?)

Depoimentos

Carlos Brito, Fernando Estêvão Dias, Francisco Amaral, Gaspar Santos, João Cassinello Dias, Jorge Palma, Maria dos Reis Pinto, Maria Teresa Cassinello Dias, Mário Valente Dias, Matias Pereira, Victoria Cassinello

Dramatização

Teatro Experimental de Alcoutim (Director artístico: Francisco Braz)

Grupo Etnográfico Artes e Ofícios da Freguesia do Pereiro (Coordenação: Susete da Palma Romba Guerreiro)

Associação A Moira





Dr. João Dias
Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim

ÍNDICE

- [7] **Palavras prévias**
Francisco Augusto Amaral
- [9] **Agradecimento da família**
- [11] **O Mundo em que viveu o Dr. João Dias**
Carlos Brito
- [20] **Vida e Obra do Dr. João Dias**
Victoria Cassinello
- [38] **Não há dois iguais**
Entrevista a Conceição Amaral (Mimi)
Carlos Brito
- [44] **Dr. João Dias em Alcoutim**
Gaspar Santos
- [56] **Dr. João Dias**
O Homem e o Médico no seu meio social
Gaspar Santos
- [70] **Projeto de um Hospital Sub-Regional em Alcoutim**
Fernando Estêvão Dias
- [76] **Homenagens prestadas ao Dr. João Francisco Dias**
Jorge Palma
- [90] **O Desaparecimento do Grande Médico**
José Manuel Simão
- [98] **Bibliografia**
- [102] **Catálogo – Sala 1**
- [112] **Catálogo – Sala 2**
- [138] **Créditos**



PALAVRAS PRÉVIAS

O Dr. João Dias faleceu no ano em que eu nasci. As nossas famílias eram, e ainda hoje são, muito chegadas. A sua esposa (já viúva) e o seu filho mais velho (Fernando) foram os meus padrinhos de batismo.

Frequentei, desde miúdo, a sua casa. Fui lá tratado como um filho. Não sou isento ao falar do Dr. João Dias, que pessoalmente não conheci. A ligação afetiva é muito forte. As múltiplas conversas que, desde pequeno, ouvia, despertaram em mim um profundo respeito, admiração, por tal vulto alcoutenejo, embora nascido em Castro Marim.

Profissionalmente competentíssimo, capacidade de trabalho única. «Mãozinhas de ouro», diria. Diagnósticos clínicos «a olho». Quase infalível, adivinhava muitas vezes o que iria encontrar após a «barriga aberta». Exames auxiliares de diagnóstico eram uma miragem.

Alcoutim era um hospital. A fama dos seus «milagres» percorreu todo o país e a nossa vizinha Espanha.

Sem nunca o ter visto, admirava-o como se tivesse sido seu íntimo. O meu pai sim, foi seu íntimo e confidente.

Transbordava humanismo por todos os lados. Haver ou não dinheiro nunca foi obstáculo para o tratamento. A minha mãe, ajudante farmacêutica, que aviava os seus «preparados», também me contou imensas situações que o comprovavam.

Claro que, desde miúdo, foi nascendo em mim o desejo de ser como ele. Daí o sonho da minha vida: ser médico em Alcoutim. E realizou-se. A política foi um acidente de percurso. Mas não cheguei aos calcanhares do meu ídolo. Talvez numa próxima vida. Levo comigo, no meu coração, a admiração, o respeito, o reconhecimento da sua obra e do seu humanismo. Pelo que fez pela gente de Alcoutim e pelo bom nome que deu à nossa terra.

Como representante do povo de Alcoutim, não encontro palavras para descrever tamanha gratidão!

Francisco Augusto Amaral

Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim



AGRADECIMENTO DA FAMÍLIA

Ao ser inaugurado o Núcleo Museológico Dr. João Dias, a família do insigne médico e cirurgião faz questão de trazer a público o seu reconhecimento à convergência de vontades que se afirmou para perpetuar a memória do seu familiar como grande benemérito do concelho de Alcoutim.

Conhecedora de que o Núcleo Museológico Dr. João Dias constituía um sonho antigo da comunidade alcouteneja, a família disponibilizou todo o espólio e documentação à sua guarda para que o sonho se tornasse realidade.

Mas esta contribuição nada seria sem a vasta comunhão de vontades que se juntou e trabalhou arduamente até à inauguração.

Por isso mesmo, a família apresenta agradecimentos especiais, pelo seu papel decisivo, à Câmara Municipal de Alcoutim e ao seu Presidente, Dr. Francisco Amaral, à Santa Casa da Misericórdia e ao seu Provedor, o Sr. Rui Cruz.

Ao mesmo tempo, salienta que grandes agradecimentos são igualmente devidos, a todos que colaboraram com as suas investigações e os seus testemunhos, aos autores dos textos da exposição e do catálogo, à comunidade local e ao seu interesse, sem os quais o Núcleo Museológico não teria visto a luz do dia.



À esquerda:
Reunião de curso
de colegas com
a escadaria da
Universidade
de Coimbra ao fundo
(Dr. João Dias 2.º
à direita da 2.ª fila)

* Escritor. Antigo
parlamentar.

O Mundo em que viveu o Dr. João Dias

*Carlos Brito**

Nascido quase a findar do século XIX, João Francisco Dias encontrou, na infância e na juventude, um país e um mundo atravessados por grandes tensões e confrontações políticas, mas onde, ao mesmo tempo, as ciências, a literatura e as artes floresciam como em raros períodos da história.

Estas circunstâncias não podiam deixar de influenciar os seus gostos, curiosidades, preferências, predilecções e, até certa medida, contribuir para moldar o seu carácter.

Na infância e juventude

Limitando-nos apenas aos acontecimentos políticos em Portugal, comecemos por referir que tinha dez anos quando o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro, D. Luís Filipe, foram mortos num atentado – «o regicídio» – que produziu uma onda de choque que percorreu o país, chegando aos lugares mais recônditos, como seria a sua Corte Velha natal, no interior da serra algarvia, junto à ribeira da Foupana.

Tinha doze anos quando foi implantada a República, iniciando-se um novo período de esperança nos destinos do país, com mudanças do poder, das leis, das ideias dominantes e até das modas.

Tinha dezoito anos quando a Alemanha declarou guerra a Portugal e o nosso país se viu envolvido na I Guerra Mundial. Tinha um ano mais quando partiram de Lisboa os primeiros contingentes de soldados portugueses para serem massacrados na Flandres.

Ao longo destes anos, a vida mundial tinha sido, em grande medida, dominada pela rivalidade, confrontos e disputas entre as maiores potências de então, Inglaterra e Alemanha, cada uma com um rosário de países apoiantes, que inevitavelmente conduziram à guerra que avassalou o mundo entre 1914 e 1918, deixando exangue a maior parte da Europa, o principal teatro das operações militares. Portugal, apesar de longe destas, não escapou às suas pesadas consequências.

O jovem João Dias viveu no Algarve, como estudante do secundário, os anos terríveis que se seguiram à guerra e aqui assistiu ao propagar

da pandemia que ficou conhecida entre nós pelas designações de «pneumónica» ou «gripe espanhola», fazendo, entre 1918 e 1919, mais de cem mil mortes no país.

Com forte probabilidade, o impacte da «pneumónica» — «os cadáveres amontoavam-se nas ruas que exalavam um cheiro nauseabundo», segundo um testemunho da época —, a impotência da ciência para lhe fazer frente e o desamparo das pessoas, principalmente dos mais necessitados, terão despertado no carácter generoso do jovem João Dias a vontade de se fazer médico.

Em Coimbra

Foi em Coimbra, onde chegou em 1923 para iniciar os estudos de medicina, que se deparou não só com a decantada boémia estudantil, mas com um ambiente cultural intenso, onde os acontecimentos do país e do mundo estavam em permanente discussão e as novidades do saber eram recebidas com sofreguidão e logo questionadas e debatidas.

Era assim com a questão religiosa recolocada pelas «aparições de Fátima» de 1917 e as polémicas que se lhe seguiram.

Era assim com a ideologia marxista a que a Revolução de Outubro, do mesmo ano, na Rússia, e o crescimento do movimento operário no nosso país conferiam crescente importância.

Era assim com a marcha de Mussolini sobre Roma e a instalação da ditadura fascista em Itália, em 1921, a incentivar planos de tomada do poder pelas forças da extrema-direita noutros países, incluindo no nosso.

Os diversos movimentos modernistas nas artes e nas letras não escapavam também à atenção e ao debate na Academia Coimbrã.

No tocante às primeiras, os estudantes gostavam dos impressionistas franceses e de Cézanne, mas já conheciam as posteriores correntes modernistas, sabiam de Picasso e de Souza Cardoso.

Em relação às letras, liam com certeza Eça de Queirós e António Nobre, mas pelo menos os mais dados à literatura conheciam a revista *Orpheu* e já tinham lido alguma coisa de Fernando Pessoa, de Mário de Sá Carneiro e de Almada Negreiros.

Os estudantes de Medicina acompanhavam com paixão as notícias sobre os progressos científicos.

O século XX começou com a descoberta do rádio por Marie Curie, um avanço que teria repercussões em todos os ramos científicos, mas muito especialmente na medicina. Na mesma altura, Max Planck funda a física quântica. Em 1902, é formulada a teoria da hereditariedade. No mesmo ano, Pavlov anuncia a descoberta do reflexo condicionado. Em 1905, a aspirina começa a ser comercializada pela Bayer. E seguem-se muitas outras importantes descobertas, como a criação da BCG, vacina contra a tuberculose e, em 1921, a descoberta da insulina, que começa a ser aplicada na diabetes, no ano seguinte.

Algumas destas descobertas levaram anos a chegar a Portugal, mas o simples anúncio alargava os horizontes dos futuros médicos.

Em 1927, João Francisco Dias concluiu com brilhantismo a sua licenciatura. Ao deixar Coimbra não levava, no entanto, apenas o diploma para exercer medicina, levava também a bagagem cultural e dialéctica adquirida no ambiente que aqui sinteticamente deixamos descrito.

No seu livro de curso, os colegas assinalam-lhe duas paixões: o Algarve, através de um cestinho de figos algarvios, e a leitura do jornal *A Batalha*. Este jornal era o órgão de imprensa da CGT, a Central Sindical, mas tornara-se o terceiro mais lido no país não só pelo sector social a que se dirigia, mas pela sua qualidade jornalística. Seja como for, o facto de lhe ser apontada esta paixão mostra como o novo médico era preocupado com as questões sociais e se colocava numa posição de esquerda.

No início da carreira médica

O início da carreira do novo médico realizou-se num clima de grande instabilidade política no país.

Em 1926, um ano antes de João Dias concluir a sua licenciatura, um golpe de Estado dirigido por generais - «o 28 de Maio» - derrubou a I República e instaurou uma ditadura militar.



Página do Livro de Curso da Licenciatura Médica de 1927/28 onde o jovem Dr. João Dias aparece caricaturado com as duas paixões que os colegas lhe assinalam: o Algarve e o jornal *A Batalha*.

Menos de um ano depois, revoluções no Porto e em Lisboa, esta com ramificações em todo o Sul (até houve um confronto armado em Alcoutim), tentaram restaurar a República. Várias outras tentativas revolucionárias republicanas - «o revirvalho» - sucederam-se nos anos seguintes.

Ao mesmo tempo, no campo da ditadura, a luta pelo poder entre os chefes militares era também intensa. Formavam-se e caíam governos com uma rapidez que rivalizava com a dos últimos anos da República.

A atmosfera geral era de intrigas, boatos, conspirações, perseguições, prisões em massa e deportações para África.

Foi neste período que o Dr. João Dias, já casado, se deslocou para Lisboa, onde foi aconselhado pelo professor de Medicina Dr. Dias Amado, familiar da mulher, em casa de quem viviam, a estagiar na área da cirurgia nos hospitais centrais da capital.

É mais que certo que o ambiente político que encontrou em Lisboa não era o que melhor quadrava ao jovem idealista formado em Coimbra. Um caso, entre muitos, que certamente lhe desagradou foi o assalto violento e destruidor à redacção do jornal *A Batalha*, seu preferido, perpetrado por gente da ditadura.

Já a realidade que encontrou nos hospitais lhe deve ter provocado sentimentos contraditórios. Por um lado, o choque com as instalações precárias, os recursos parcos, a falta de higiene, o reduzido número de camas, o acesso difícil a qualquer espécie de cirurgia. Por outro, o encontro com o novo espírito que vinha de fora e se formara no mundo civilizado, após a I Guerra Mundial, acerca da saúde, que começava a ser reconhecida como um direito, implicando severos deveres para o Estado.

Em Portugal, iniciavam-se então os cuidados diferenciados no combate ao cancro e à tuberculose, na assistência à maternidade, numa nova filosofia em relação ao sistema hospitalar que estava quase completamente entregue às misericórdias. Observe-se, porém, como atestam historiadores, que em Lisboa e no Porto havia bancos nos hospitais principais, onde se realizavam «todas as grandes operações da moderna cirurgia de urgência.» (1) Ora foi nestes bancos dos hospitais de Lisboa que o Dr. João Dias fez o seu estágio em cirurgia.

(1) *Portugal da Monarquia para a República*, Coordenação de A.H. de Oliveira Marques, citando a obra de José Gentil *A cirurgia em Portugal*, pág. 649, Editorial Presença, 1991.

Anote-se também que o número de médicos por habitante tinha feito grandes progressos nas zonas mais avançadas do país, ao longo do século XX. Cálculos feitos para 1924 estimavam 1 médico para 700 habitantes em Lisboa. Nesta cidade, no Porto e em Coimbra, os médicos de vanguarda tinham nos seus consultórios os equipamentos mais modernos.

Claro que na província a situação era bastante diferente, para pior, e muitíssimo mais atrasada no interior rural. Aqui ainda imperava a medicina doméstica, em que as pessoas se auto-medicavam. O boticário continuava desempenhar o papel do médico onde este não existia. Onde este existia, o médico reproduzia a figura do João Semana, o personagem literário criado no século anterior por Júlio Dinis, lutando desesperado e desamparado não só contra a doença, mas ao mesmo tempo contra as carências alimentares, a ignorância e as superstições das populações pobres e analfabetas.

Foi este o terreno que o Dr. João Dias escolheu para o seu campo de luta e realização profissional e assim se estabeleceu em Alcoutim.

A vida económica e social desta vila e do respectivo concelho era bastante semelhante à da generalidade do interior rural do país, com algumas particularidades. Assentava numa agricultura de subsistência em terras pobres, mas muito influenciada pelos frutos secos do pomar algarvio – amêndoa, figo e alfarroba; tinha uma pecuária com alguma importância dinamizada pelo comércio transfronteiriço, com o ponto alto no mercado mensal de Alcoutim; tinha o tráfego fluvial do Guadiana com três pólos principais – Vila Real de Santo António, Mina de S. Domingos, através do Pomarão, e Mértola.

O Dr. João Dias trazia consigo um curso de Medicina tirado com brilhantismo em Coimbra, um talento especial para a profissão, um sentido de solidariedade social que o levava a conceber a medicina como um sacerdócio, a teoria e a prática da cirurgia de ponta adquiridas nos bancos dos hospitais de Lisboa, que fazia toda a diferença em relação a outros médicos.

Não admira que, logo que começou a dominar a situação, sonhasse pôr em prática toda a gama dos seus conhecimentos e muito especialmente os cirúrgicos.

Entretanto, cerca de um mês depois de o Dr. João Dias se instalar em Alcoutim, operou-se um novo acontecimento marcante na vida política do país.

Vista do Hospital de S. José, em Lisboa, onde o Dr. João Dias fez um importante estágio de cirurgia que influenciou muito a sua carreira de médico-cirurgião.



O ministro Oliveira Salazar, detentor da pasta das Finanças, mas já dominante no executivo, assumiu-se como Chefe do Governo. A partir daqui a ditadura vai acentuar os seus traços fascistas inspirados na ditadura de Mussolini em Itália. As liberdades políticas e sociais foram sufocadas, a censura ampliada e reforçada, a polícia política reorganizada e tornada mais poderosa. Foi criado o partido único da ditadura – a União Nacional – e as organizações para militares – a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa. O objectivo era enquadrar a população nas estruturas ideológicas do regime, que passou a auto-designar-se de Estado Novo. Com o mesmo objectivo de enquadramento, as pessoas de maior destaque na vida das comunidades eram pressionadas a colaborar com a ditadura em cargos administrativos, políticos e da organização corporativa. O jovem médico instalado em Alcoutim não escapou, é claro, a estas pressões e sofreu alguns dissabores provocados por apaniguados do regime nos cargos que desempenhou na Câmara e no Grémio da Lavoura.

Mais uma razão para se dedicar na totalidade à medicina, que era a sua paixão e razão suprema da sua vida.

No auge da carreira

O Dr. João Dias foi sucessivamente designado médico da Misericórdia, médico municipal e subdelegado de saúde.

O seu sistema de trabalho assentava, contudo, em dois pilares principais: o primeiro, o sistema de avenças que o ligou estreitamente à população local, que sempre privilegiou, e lhe assegurou desde o início parte da subsistência; o segundo, o hospital local, que conseguiu ver construído algum tempo depois de chegar. Era pequenino, sem luz eléctrica, nem água canalizada, nem esgotos, mas tinha uma sala de operações, algumas camas para o pós-operatório e internamentos. Este foi, a par do rigor dos seus diagnósticos, um elemento decisivo das intervenções cirúrgicas que lhe espalharam a fama pelo Algarve e Baixo Alentejo e depois por todo o país e por largas regiões de Espanha.

Entretanto, novos acontecimentos exteriores vieram marcar a carreira do Dr. João Dias.

A eclosão da Guerra Civil de Espanha, em 1936, teve uma repercussão extremamente negativa em Alcoutim. A fronteira foi completamente fechada, fazendo cair de repente o comércio transfronteiriço em que

assentava uma boa parte da vida económica local e todo o intercâmbio social e cultural com Sanlúcar e outras localidades próximas do país vizinho. Vieram depois os aspectos emocionais. Alcoutim assistiu em directo aos fuzilamentos no cemitério de Sanlúcar, incluído de espanhóis queridos dos alcoutenejos. E finalmente a fome e as doenças que assolaram toda a Espanha e que levaram o Dr. João Dias a passar o rio com frequência para ajudar a minorar os sofrimentos dos que padeciam do outro lado da fronteira.

Mal terminou a Guerra Civil em Espanha, em 1939, começou a segunda Guerra Mundial, ainda mais mortífera e destruidora do que a primeira. Registaram-se, só na Europa, dezenas de milhões de mortos nos campos de batalha e nas cidades arrasadas pelos bombardeamentos. Teve aspectos ainda mais sangrentos a guerra no Pacífico, onde populações inteiras foram dizimadas.

A primeira bomba atómica lançada sobre a cidade japonesa de Hiroxima, em Agosto de 1945, provocou um horror nunca visto, com 90 mil mortos e 70 mil feridos nas primeiras horas, tendo os seus efeitos mortíferos perdurado por muito tempo.

Embora Portugal não tenha participado como beligerante no conflito, os anos da guerra foram duríssimos no nosso país. A escassez e a falta absoluta de produtos alimentares, incluindo os de primeira necessidade, e o desemprego em massa foram, entre as duras consequências da guerra, as que mais se fizeram sentir entre nós. Os produtos alimentares foram racionados, só se podendo adquirir em quantidades escassas, mediante senhas emitidas por organismos oficiais.

Na serra algarvia, ainda hoje se fala desse período como «os anos da fome».

O desemprego assustador foi atenuado pelas autoridades com o lançamento de empreitadas de obras públicas, onde vigoravam trabalhos muito violentos e salários muito baixos. Todos estes factores combinados originavam graves problemas de saúde pública a que o médico tinha de acudir.

Já por esta altura começavam a chegar a Alcoutim doentes desengañados de outros médicos que vinham à procura de cura, trazidos pela fama do Dr. João Dias, que começava a espalhar-se.

Era na área da cirurgia que as suas intervenções causavam maior espanto, porque se sabia que eram feitas em condições logísticas muito precárias – o hospital não tinha luz eléctrica, nem água corrente,

como já dissemos – e porque atalhavam doenças da maior gravidade, nomeadamente, no domínio canceroso.

Nessa altura, no Algarve, as grandes operações só estavam ao alcance das famílias mais abastadas. Faziam-se nas casas de saúde de Tavira, Faro, Loulé e Portimão, aonde se deslocavam cirurgiões famosos vindos de Lisboa. Partiu dalguns destes a tentativa de uma campanha de descrédito do Dr. João Dias, baseada precisamente nas condições precárias em que trabalhava e até no facto de fazer medicina quase gratuita. Chamavam-lhe aventureiro e outras coisas do estilo. Mas a inexistência de casos negativos e os sucessos continuados das suas intervenções acabaram por calá-los.

Por todas estas razões, a sua consulta em Alcoutim começou a tornar-se imensamente concorrida. Mas mesmo assim arranjava tempo para participar numa tertúlia que se reunia na loja do Serafim aos fins da tarde onde, como figura preponderante, dissertava sobre os mais variados assuntos — lá estava a cultura e a dialéctica coimbrã, ao lado da leitura e do estudo que sempre manteve. Comentava sobretudo a marcha da guerra, tomando abertamente partido pelos Aliados (Inglaterra, Estados Unidos, França e União Soviética) contra o eixo nazi-fascista (Alemanha, Itália e Japão). Tinha sempre um bom auditório, a que às vezes também se juntavam alguns miúdos da escola, como era o meu caso.

Logo a seguir à guerra, o eco das curas operadas pelo Dr. João Dias em relação às mais variadas doenças e o êxito das suas intervenções cirúrgicas mais famosas engrossaram o caudal dos que vinham do país e de Espanha procurar os seus cuidados médicos.

Deu brado a operação em que transformou uma mulher em homem, correspondendo ao desejo que este manifestara. Tratava-se de um hermafrodita. A cirurgia consistiu em dar saliência aos órgãos reprodutores masculinos, que até eram mais desenvolvidos do que os femininos, depois de um estudo aturado da questão. (2)

A sua consulta era uma manifestação diária, com longas filas que se estendiam da porta do hospital até à Praça. Passou a ter dezenas de doentes em tratamento que se albergavam em quartos alugados às famílias de Alcoutim. A vila tornou-se num grande hospital.

Nesta altura, já era uma prestigiada casa de saúde de Faro que o convidava a operar como antes fazia com os famosos cirurgiões de Lisboa. Também operava por convite na Mina de S. Domingos. Não

(2) A destreza e rapidez com que operava impressionavam tanto o Dr. Francisco Abril, médico de Sanlúcar, que num certo período o assistia nas intervenções cirúrgicas, que este comentava com a família: «até parece que já trabalhou em cenários de guerra» lembra a filha do médico espanhol, Maria Victoria Abril Cassinello, co-autora deste catálogo.

parava, o pouco tempo que lhe sobrava do trabalho prático dedicava-o ao estudo e à actualização. A sua fama atingia o ponto mais alto e o seu valor era amplamente reconhecido.

Por isso mesmo, voltou a ser muito pressionado pela gente do regime salazarista, que mais uma vez queria explorar o seu prestígio como um bom trunfo não só para a serra algarvia, mas para todo o Algarve.

A ditadura tinha saído da guerra muito abalada em consequência do desmascaramento da sua simpatia ideológica pelos países do «eixo» derrotados e da denúncia dos grandes apoios sub-reptícios que lhes prestara. Note-se que, já mesmo no final da guerra, Portugal foi dos poucos países do mundo a decretar luto nacional e a pôr as bandeiras à meia haste pela morte de Hitler.

A oposição ao regime aproveitou as debilidades que este revelava e o seu isolamento no mundo para intensificar a sua acção com, entre outras, as manifestações de regozijo pelo final da guerra e a derrota das ditaduras, os movimentos de unidade democrática e a candidatura de Norton de Matos. O regime fez então um novo grande esforço para atrair para o seu lado gente profissionalmente prestigiada nas várias regiões do país. Mais uma vez, o Dr. João Dias não escapou a esta vaga de pressões. Nessa altura foi frequente ver em Alcoutim o muito conhecido presidente da União Nacional do Algarve, que vinha tentar recolher o apoio do Dr. João Dias para as listas do partido único da ditadura. Depois da sua morte, gabou-se de o ter obtido. Não se sabe se foi exactamente assim, nessa altura o Dr. João Dias já não podia protestar.

O que é verdade é que, até ao último sopro de vida, se dedicou inteiro à prática da medicina, com abnegação, generosidade, profundo humanismo, rigor profissional, pondo todo o seu imenso talento e saber científico ao serviço da vida humana e da comunidade, ao serviço dos outros.

Estas notas são escritas para enquadrar a figura do Dr. João Dias no mundo muito duro em que viveu. Julgo, no entanto, que delas ressalta ainda mais iluminada a sua imagem de verdadeiro benemérito.

Por decisão pessoal, o autor não escreve segundo o Acordo Ortográfico.



João Francisco Dias
- Prep. mediana -
1922-1923

100

AGUIVO
MUNICÍPIO
CASTRO MARIM

Atestamos José João Valsão de Almeida, Oficial de Registo Civil do Concelho de Castro Marim:

Que nos livros do registo parochial, arquivada nesta Repartição da freguesia de Odeleite, deste Concelho, e relativos ao ano de mil novecentos e noveenta e nove a folhas trezentos e cinco e seis o numero trinta e tres se encontra o seguinte: N.º 93. João. Corte Velha: Aos dois dias do mês de maio do ano de mil novecentos e noveenta e nove, nesta igreja parochial da freguesia da Visitação de Odeleite, concelho de Castro Marim, Diocese do Algarve, batizou solemnemente um individuo de sexo masculino, a quem deu o nome de João, que nasceu no sitio da Corte Velha, desta freguesia as duas horas da tarde de dia vinte e dois do mês de setembro do ano de mil novecentos e noveenta e oito; filho legitimo de José Francisco Dias, e de Maria Ana, aquelle lavrador, natural da dita Corte Velha na qual são parochianos moradores, e esta empregada no servico domestico, natural da freguesia da freguesia na qual se mencionam; neto paterno de Manuel Francisco Dias, e de Dominga Simoes, e materno de Domingos Dias e de Ana da Rocha. Foi padrinho Domingos Dias casado, lavrador, e madrinha Catarina Cavaco solteira empregada no servico domestico os quaes se uniram no matrimonio. E para evitar maior honra e respeito deste acerto que depois se lerá e cumprir-se perante os padrinhos

À esquerda:

Vista de Odeleite, com destaque para a igreja onde João Dias foi baptizado

Certidão de baptismo de João Francisco Dias

Vida e Obra do Dr. João Dias

Victoria Cassinello*

Infância. Estudos Primários e Secundários

João Dias nasceu a 22 de Novembro de 1898, em Corte Velha, freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim. Na certidão de baptismo consta o nome completo de João Francisco Dias, filho legítimo de José Francisco Dias e Maria Ana Cavaco.

As vivências da sua meninice, passada na Corte Velha, vão construir em João Dias uma bagagem sólida e perfeitamente ajustada à vida simples e à ruralidade, que sempre o acompanharam no amor ao território que o viu nascer.

Sobre a frequência na escola primária sabe-se apenas ter feito, em Tavira, o exame da 4.ª classe, conforme consta da certidão extraída, do ano de 1911.

Consta que João Dias continuou os estudos secundários bastante mais tarde, por conselho de um lavrador amigo do pai que lhe reconheceu aptidões para o estudo.

De referir que, nos começos do século XX, a instrução primária era obrigatória, justificando campanhas e preocupações para que assim fosse de facto; no entanto, no que diz respeito ao acesso à instrução secundária, esta dependia, quase exclusivamente, das possibilidades económicas de pais, parentes ou educadores. Antecâmaras da universidade, num país pobre e pouco desenvolvido culturalmente, os liceus foram, assim, frequentados por uma pequena minoria de alunos.

No ano de 1917, João Dias matriculou-se na primeira classe do Curso Geral dos Liceus, no Liceu Nacional de Faro, conforme consta de documentos obtidos no seu processo escolar existente nos arquivos deste Liceu (depois denominado Liceu João de Deus e hoje Escola Secundária).

Em 1922 completou o Curso Complementar de Ciências da Instrução Secundária, rumando logo a seguir para Coimbra.



Certidão de Exame da 4ª Classe

* Professora aposentada. Investigadora na Área do Património Cultural- Associação Alcance - Alcoutim.

Forma n.º 251

Nome: João Francisco Dias

Naturalidade: Odeleite

Residência: João Francisco Dias

Classificação no exame de 1.º grau: 2.º

Altura: _____

Idade: _____

Primeira Marcação: _____

Spinoetria: _____

Alteza visual: _____

Qualificação: _____

Visionagem: _____

Reverência: _____

FREQUENCIA

Disciplina	Português	Francês	Latim	Matemática	Algebra	Geometria	Química	Física	Medicina
1.º	15	15	15	15	15	15	15	15	15
2.º	15	15	15	15	15	15	15	15	15
3.º	15	15	15	15	15	15	15	15	15
4.º	15	15	15	15	15	15	15	15	15
5.º	15	15	15	15	15	15	15	15	15

Percurso Académico em Coimbra

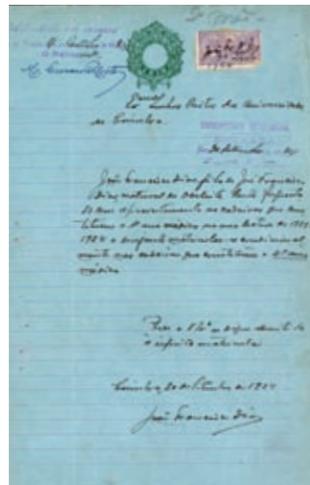
Em Coimbra, em 1923, João Dias matricula-se no primeiro ano da Faculdade de Medicina – a mais conceituada na época.

João Dias viveu numa época importante para a medicina portuguesa, assistindo na Faculdade de Medicina de Coimbra a um estudo científico e pedagógico desenvolvido, comparável com o de boas universidades europeias.

A Universidade de Coimbra, desde finais do séc. XIX, conhecia um certo desenvolvimento científico e pedagógico, não obstante a manutenção de alguns modelos tradicionais da Reforma Pombalina, considerados livrescos. As relações internacionais da Faculdade de Medicina de Coimbra conheceram um grande desenvolvimento, na medida em que passou a ser almejado um nível comparável com o de outras boas universidades europeias, assistindo-se a uma melhoria significativa do ensino das ciências médicas. Esse progresso foi sobretudo expresso, nalgumas cadeiras básicas de Medicina, com o incremento da aprendizagem experimental mediante a aquisição e uso da instrumentação adequada, possibilitando uma melhor preparação dos médicos. Em 1901, os estudos da Universidade de Coimbra vieram a ser regulamentados por um novo decreto, a mudança mais significativa sendo a introdução de aulas práticas. As Ciências Médicas e Cirúrgicas constituíram-se como cadeiras autónomas, foi criada uma cadeira de Propedêutica Médica e Cirúrgica e um Gabinete de Radioscopia e Radiografia no Hospital da Universidade, reconhecida a relevância cada vez maior do raio X no diagnóstico.

Certidão académica do ensino secundário

Requerimento de matrícula no 2.º Ano Médico – 1924



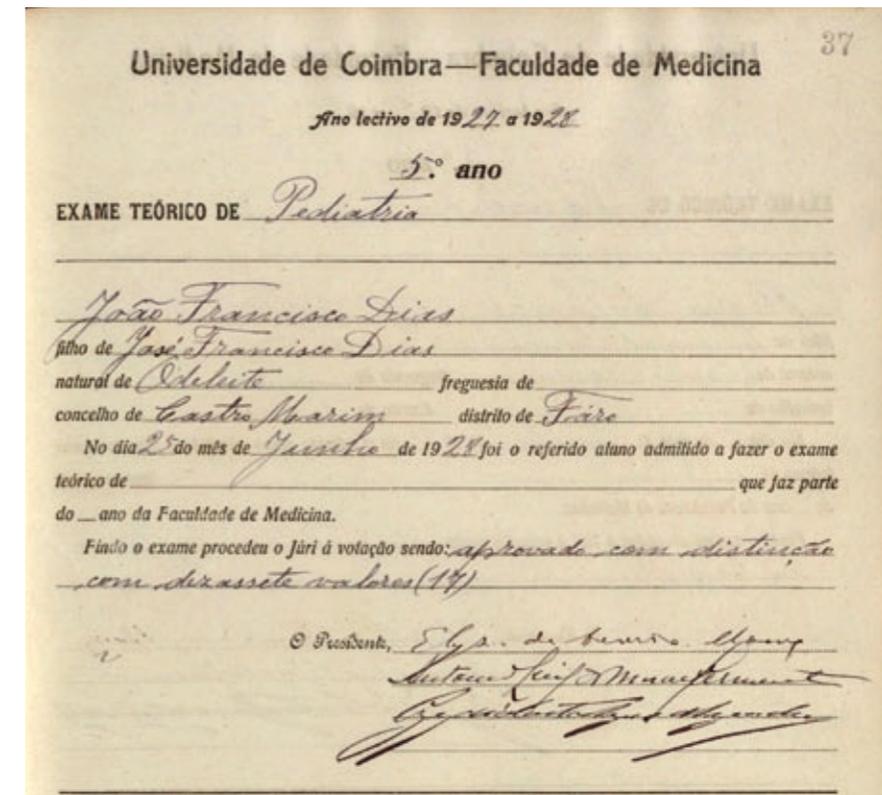
No seu percurso académico, João Dias fez parte da geração de médicos que foram alunos do Professor Bissaya Barreto, cirurgião brilhante e impulsor de um trabalho fundamental no campo de saúde pública. Em 1927/28, completou com distinção o curso de Medicina e Cirurgia.

É no Serviço de Cirurgia, sob a orientação do Professor Bissaya Barreto, que adquire grande prática cirúrgica que irá utilizar, sempre, ao longo da sua profissão.

Devemos referir que, por essa altura, conheceu a futura mulher, Maria Cecília de Figueiredo Lopes, nascida em Carregal do Sal (Viseu).



João Dias e colegas (teceiro em pé a contar da direita), no Hospital da Universidade de Coimbra, por volta dos anos trinta



Certidão académica do exame de pediatria

Sabe-se, ainda, que de passagem por Lisboa o casal permaneceu em casa de um familiar da esposa, o Professor Dias Amado. Este grande Mestre da Medicina, verificando que o jovem licenciado João Dias demonstrava uma excepcional vocação e capacidade para a Cirurgia, convenceu-o a fazer a especialidade nessa área. Foi, assim, após convívio intenso com estes dois vultos da Medicina, os Professores Bissaya Barreto e Dias Amado, e com a experiência adquirida nos Hospitais Centrais, que o jovem licenciado João Dias chegou a Alcoutim.



Dr. João Dias e esposa,
Maria Cecília Lopes
de Figueiredo Dias

Estruturas Sanitárias e Assistenciais durante o Estado Novo. Saúde Pública em Portugal

No correr do tempo, o conceito de saúde pública e a noção de responsabilidade dos governos e autoridades constituídos na defesa e promoção da saúde das respectivas populações sofreu evolução apreciável. Presentemente, a moderna orientação dos serviços de saúde procura assegurar a saúde das populações por intermédio da coordenação das diversas actividades médicas de saúde, com início a nível periférico (local), e o planeamento central de serviços e actividades de saúde, no seu sentido mais vasto, correspondendo a uma visão compreensiva da saúde pública.

Quando o Dr. João Dias foi nomeado médico municipal de Alcoutim, em 1932, grande parte do território de Portugal ainda permanecia rural.

A falta de saneamento básico e de água potável, assim como a falta de programas de saúde dirigidos ao nível da vacinação e da saúde materno-infantil eram uma constante entre a população portuguesa. Do mesmo modo, eram escassos os recursos humanos e financeiros, poucos os serviços e infra-estruturas aos mais diversos níveis e baixo o índice cultural da população. Portugal detinha indicadores de saúde que o colocavam nos últimos países da Europa. A baixa esperança de vida da população, a elevada mortalidade de crianças e jovens, assim como a maternal, eram algumas das situações a ter em conta.

No início do séc. XX, Portugal sofria o declínio do seu Império Colonial, experimentando grandes dificuldades em adaptar o País ao desenvolvimento industrial e sócio-cultural que era norma na Europa.

A República ocupou-se da reforma profunda dos serviços de assistência pública. Na Constituição de 1911 reconhecia-se o direito à assistência pública, embora essa prerrogativa se encontrasse estipulada na Carta Constitucional. Nessa ordem de ideias, foi criado o Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral. No quadro desta legislação algo de válido se produziu na prestação de serviços aos necessitados, todavia, o período da República foi uma época de muita conturbação. Em 1926, um regime autoritário e centralizado foi introduzido, tendo durado até Abril de 1974.

O sistema corporativo, instituído por Salazar, tentou preencher o vazio existente, no campo das estruturas sanitárias e, como em outros países, foram introduzidas medidas para um Estado de bem-estar.

Para o historiador Veríssimo Serrão, a política de assistência pública, levada a efeito pela Ditadura e depois pelo Estado Novo, pode ser considerada de «notável». Para grande parte dos investigadores actuais, as estruturas sanitárias e de assistência existentes em Portugal, apesar das expectativas criadas pelos regimes autoritários e centralizados que aqui vigoraram, resultaram incompletas, irregulares e insuficientemente financiadas, caracterizando-se por uma clara não intervenção do Estado, assim como pela reabilitação da noção de «actos misericordiosos» e do papel assistencial das Misericórdias.

Seguindo a secular tradição instituída em Portugal, a caridade e as esmolas continuaram a ser da responsabilidade da Igreja, que proporcionava ajuda aos pobres e cuidados aos doentes, viúvas e órfãos. Este sistema de caridade, que era regra do cristianismo e das elites socioeconómicas, provavelmente funcionava enquanto Portugal

se mantinha rural e a sociedade católica, mas o crescimento da sociedade industrial e urbana, assim como o secularismo, entre outros factores decisivos, tornaram este velho sistema inadequado.

Foi neste contexto que o licenciado João Dias terá começado a pôr em prática, no Nordeste Algarvio, as suas valiosas aprendizagens médico-sanitárias e cirúrgicas. Tanto a conjuntura nacional como a internacional não podiam ser mais desfavoráveis ao jovem clínico. A Guerra Civil Espanhola (1936-39) e a Segunda Guerra Mundial (1939-45) vão obrigar a exercer uma medicina cheia de desafios. É este esforço e competência na execução das suas tarefas, sempre com o bem-estar dos seus pacientes em mira, que vamos tentar analisar.

Ambiente do Consultório Médico do Dr. João Dias

Em Junho de 1931, o jovem licenciado João Dias chegou a Alcoutim. Nesta vila, sem qualquer recurso quanto a condições de trabalho, instalações, acessibilidades, com uma população extraordinariamente carenciada e longe dos centros médicos onde poderia encontrar qualquer apoio, iniciou o Dr. João Dias a sua carreira profissional, notabilizando-se rapidamente na actividade médico-cirúrgica. Por deliberação camarária de 27 de Setembro de 1934, toma posse do lugar de médico municipal e em 1935 assume o cargo de subdelegado de saúde. Foi, ainda, escolhido para Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim.

Casa onde viveu e faleceu o Dr. João Dias



Habitou uma casa na antiga Rua Miguel Bombarda, onde passou a ter o seu consultório, que equipou, na medida do possível, com uma secretária com cadeira e uma marquesa de observação; uma vitrina com material cirúrgico e desinfectantes; um estetoscópio, um esfigmomanómetro e um termómetro; um microscópio; uma máquina de escrever e uma estante para os livros trazidos de Coimbra.

Posteriormente, a casa onde habitava foi remodelada, passando a ser o consultório formado por uma sala ampla de espera e o consultório propriamente dito.

Na sala de espera do consultório, os funcionários (Sr. Alfredo Martinho, D. Maria Marques) utilizavam fichas, com formulário próprio elaborado

pelo Dr. Dias, onde ficavam registadas informações sobre os doentes. Desta forma, tinha alguma informação necessária sobre o paciente, maximizando assim o seu escasso tempo e a eficiência para poder ver e tratar todos os doentes.

Quando o paciente passava ao consultório, o exame realizado era feito através das informações fornecidas pelo doente e com um exame físico rigoroso. No início da sua carreira, o método clínico tradicional seguido pelo Dr. Dias baseava-se fundamentalmente na utilização do estetoscópio, do aparelho de tensão arterial ou do termómetro, entre outros instrumentos básicos clínicos existentes, necessários na época; gradualmente, passa a fazer diagnósticos auxiliando-se, com frequência, de exames complementares de laboratório e material radiográfico.⁽¹⁾ Após realizar o exame ao doente, reunia as informações que considerava necessárias para o seu diagnóstico e importantes para uso durante o tratamento. Gradualmente, passou a ser um profissional treinado no conhecimento de grande parte dos seus pacientes, conhecendo com profundidade as principais causas que estavam na origem das suas doenças, assim como todos os factores associados à saúde biopsicossocial. O seu famoso «olho clínico» era fruto de uma actuação «multiprofissional».

Sobre essa capacidade específica, o seu filho, o Dr. João Lopes Dias, refere:

«As circunstâncias em que exercia a medicina em Alcoutim, na serra algarvia e junto das pessoas que o procuravam das mais variadas regiões do País e até de Espanha, forçavam-no a uma intensa actividade - um autêntico João Semana - distinguindo-se por uma capacidade absolutamente rara de realizar diagnósticos exactos. Por esta razão era muito solicitado por numerosos colegas para participar em Juntas Médicas e muito procurado por doentes desenganados, desejosos de ouvir o seu juízo e conselho».⁽²⁾

No estudo das causas cumulativas das doenças dos seus pacientes, o Dr. Dias enfatizava as causas sociais. A conjuntura nacional e internacional vivida nesta época agravava a situação socioeconómica de Portugal, nomeadamente o Nordeste Algarvio, território transfronteiriço onde o Dr. Dias exercia a sua profissão. São inúmeros os casos de doentes que passam a ser atendidos de modo gratuito e, até, com ajudas pessoais do Dr. Dias, nomeadamente em géneros alimentares, receitas pagas na farmácia e, ainda, algum dinheiro para os primeiros socorros.

(1) Após o seu falecimento, a família recebeu numerosos exames radiográficos e laboratoriais de doentes, pedidos pelo Dr. Dias.

(2) João Lopes Dias - «Breve Biografia do Dr. João Dias», in *Jornal do Baixo Guadiana*, s/d

Era chamado - O MÉDICO DOS POBRES!

Sobre o agravamento da situação socioeconómica das gentes do Nordeste Algarvio, João Lopes Dias dirá:

«A seguir à Guerra Civil Espanhola (1936-1939) veio a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e muito embora não tenhamos entrado directamente nesse conflito, também fatalmente sentimos as suas desastrosas consequências; foi o período de bichas motivadas pelo racionamento dos alimentos e pela falta de petróleo. Em Alcoutim, havia mesmo miséria. O Governo de então não dava a mínima atenção aos casos gritantes de carência económica. Não havia assistência médica oficial, bem como reformas».(3)

Em relação ao considerável movimento de pacientes que acorriam ao consultório do Dr. Dias, oriundos de uma vasta parcela de Portugal e Andaluzia, assim como a dinâmica adquirida pela vila de Alcoutim, referimos o seguinte depoimento:

«Conheci o Dr. João Francisco Dias em 1952. O Dr. Dias tinha uma consulta com características especiais; vinha gente de todo o País, não só de Alcoutim e dos povos limítrofes, pois a sua fama tinha adquirido tal natureza que vinha gente de todas as partes. Por isso não tinha tempo para atender todas as pessoas diariamente, a tal ponto que eram improvisadas pensões onde se alojavam os doentes esperando turno, às vezes, mais de 15 dias para serem atendidos pelo Dr. Dias».(4)

Ambiente do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim

O Dr. Dias não ficou em Lisboa, como o Prof. Dias Amado o aconselhava, quis vir para a província, onde achava que era mais necessário.

«Foi assim que chegou a Alcoutim não só um médico de grande vocação, mas também um cirurgião, um especialista daqueles que só se encontravam nas grandes cidades do país. Mesmo no Algarve de então seriam raríssimos, em geral vinham operar a Faro, Portimão ou a Tavira, mas residiam em Lisboa».(5)

Manteve-se ligado durante toda a sua vida profissional à Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim. Foi aceite como Irmão e escolhido para Provedor, função que exerceu por vinte e três anos, até ao seu falecimento.

(3) João Lopes Dias, Comunicação no Dia do Município de Alcoutim, 1996. (Arquivo Família Dias)

(4) Francisco Abril Franco - Entrevista realizada, na cidade de Múrcia, no ano de 1990 (Arquivo Família Dias)

(5) Carlos Brito – Homenagem no 100.º Aniversário do Nascimento do Dr. João Dias. (Arquivo privado Sr. Carlos Brito)

(6) João Lopes Dias – Comunicação no Dia do Município de Alcoutim, 1996. (Arquivo Família Dias)

Em 1932, nas instalações da Santa Casa da Misericórdia, enquanto Provedor, o Dr. Dias coloca em execução a criação de um pequeno hospital onde foi possível ter uma enfermaria com cerca de uma dezena de camas e um compartimento que adaptou a «bloco operatório» com os mecanismos minimamente necessários para poder operar, utilizando várias práticas generalizadas, assim como tratamentos operatórios e pós-operatórios.

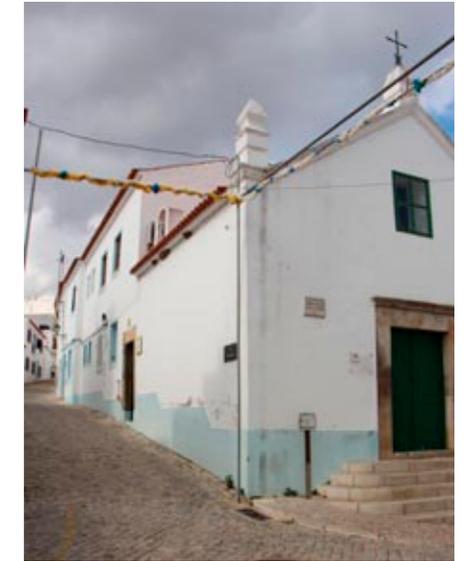
Sobre a importância dos trabalhos de cirurgia praticados pelo Dr. Dias, o seu filho dirá:

«Vou procurar abstrair-me da qualidade de filho, para me refugiar na de médico e dizer que aqui nesta pequena vila perdida no Nordeste Algarvio, na altura sem estruturas básicas, funcionou um pequeno hospital de 1932 a 1955, onde se praticou um tipo de cirurgia só possível, na época, nos grandes centros. Ao contrário do que hoje acontece, em que os casos mais difíceis são remetidos para o Hospital Regional de Faro ou Lisboa, naquela altura era este pequeno hospital que recebia de outras zonas, algumas bem distantes, alguns casos bem difíceis; e não deixavam de ser socorridos, mesmo que não tivessem dinheiro. Recordo-me da existência no velho hospital de peças anatómicas, conservadas em formol, devidamente classificadas e catalogadas que podiam testemunhar o tipo de obra realizada».(6)

Sobre a competência científica do seu pai, continua a sublinhar:

«Como médico-cirurgião, muito hábil e sabedor, o meu pai trabalhava noite e dia, minorando o sofrimento dos seus pacientes. Mantinha-se permanentemente actualizado não só pelo estudo, como pela assistência a congressos e outros eventos científicos. Mantinha contacto permanente com as últimas novidades médicas e cirúrgicas.

De entre a actividade cirúrgica realizada pelo meu pai, em Alcoutim, Mina de São Domingos, Faro, podemos destacar, a título ilustrativo, a intervenção de um caso de hermafroditismo que originou grande admiração na época, revelador da sua perícia profissional. Foi o caso de um indivíduo do sexo feminino devidamente identificado e registado numa Conservatória do Registo Civil e que o meu pai, após exame minucioso, operou e corrigiu com terapêutica hormonal, passando a



Edifício do antigo hospital de Alcoutim e Igreja da Misericórdia na actualidade

Reunião de colegas com a porta da Biblioteca da Universidade de Coimbra ao fundo (Dr. João Dias, primeiro à esquerda).



Faro. Reunião de Médicos onde figuram o Dr. João Dias (6.º em pé, da esq. para a dir.) e o Dr. Santos Martins, médico-cirurgião do Hospital da Mina de São Domingos



Reunião de Curso , com colegas e familiares, na Universidade de Coimbra.

usar um nome masculino. Esta situação originou problemas jurídicos morosos e complexos só vindo a resolver-se através do Tribunal e após relatórios circunstanciados de endocrinologistas famosos».(7)

Outro depoimento importante, obtido dentro da classe médica, para uma reconstituição aproximada do trabalho do Dr. Dias, é do Dr. Francisco Abril Franco, em entrevista feita pela autora, na cidade de Múrcia, no ano de 1990:

«Conheci o Dr. João Francisco Dias em 1952. Fui nomeado médico titular nesse ano em Sanlúcar de Guadiana. Convivíamos uns com os outros, não havia fronteira para os médicos. A especialidade do Dr. Dias era a cirurgia. Com apenas os elementos básicos de que dispunha, operava abscessos abdominais internos, inclusive úlceras gástricas, porque realmente era um homem com uma destreza fantástica para a cirurgia. Sobretudo o que mais se operava naqueles tempos eram os cancros de lábio, que havia muito, provavelmente devido ao costume de fumar com o cigarro permanentemente na boca. Tinha uma técnica especial, que para mim era desconhecida. Ajudava-o em algumas operações. Tinha também um praticante e vinha ainda um outro companheiro de Mértola, o Dr. Santos Martins, que também o ajudava».(8)

Ambiente da Sala de Operações

Existem igualmente depoimentos de enfermeiros que ajudaram o Dr. Dias nas suas intervenções cirúrgicas, permitindo-nos reconstituir aspectos do ambiente da sala de operações.

Um destes depoimentos é do Sr. Alfredo Martinho, natural de Alcoutim, onde nasceu em 1931. Com vinte anos começou a trabalhar com o Dr. Dias tendo, posteriormente, tirado o Curso de Enfermagem na Escola Dr. Ângelo da Fonseca, actualmente Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

«Comecei a trabalhar no consultório, não fui logo para o hospital. O Dr. João Dias atendia as pessoas que vinham de todo o Alentejo, de Espanha, de Lisboa, vinham de todo o lado. Dava consultas de manhã à noite. Às vezes ia a casa, quando estava cansado. Ia por aqueles montes fazer os partos mesmo de noite. Nunca se queixou. Dava as consultas no consultório e quando havia necessidade de operar os doentes iam para o hospital. Marcava as operações nos casos não urgentes.

(8) Francisco Abril Franco – Entrevista realizada, na cidade de Múrcia, no ano de 1990 (Arquivo Família Dias)

Gostava de ser cirurgião. Se tivesse ficado em Coimbra, se calhar tinha sido muito «maior» porque teria outras condições. Outra projecção. Depois é que passei a ir para o hospital onde era ajudante do Dr. Dias. Ele fazia a operação e a sutura e eu punha as pinças para estancar o sangue. Ia fazendo de acordo como ele me ia ensinando. A maior coisa que fazia era extrair o cancro da mama. Era impressionante. Era uma operação muito demorada, para tirar a mama toda, os gânglios debaixo do braço. Era para mais de 3 horas. Éramos 2 ou 3 praticantes. O Dr. Dias durante as operações normalmente estava sereno e se calhava gritar connosco era porque não fazíamos as coisas bem. Não era pessoa de falar quando estava a operar. Concentrava-se no que estava a fazer.

Nesse tempo o material era esterilizado a vapor. Aquilo aquecia e o material ficava esterilizado, não havia infecções. Não me lembro de ter morrido alguém durante uma operação.

As operações dele corriam sempre bem, mesmo aquelas ao cancro da mama. Operava o que lhe aparecia. Se fosse uma coisa mais complicada mandava para Faro. Mas hérnias, quistos, apendicites, coisas assim fazia-os ali. Começou a constar que ele era bom. A fama dele era grande. Começou a operar, a operar... e como não tinha acidentes, corria tudo bem.

O cancro da mama era raro, não fazia muitas operações. Fazia outras coisas. O cancro da mama, por exemplo, não operava sem primeiro ter a certeza. Fazia uma biópsia, que ia para Lisboa, para o Instituto de Oncologia e só depois é que operava. Por palpação ele descobria o que as pessoas tinham. Foi para mim um privilégio trabalhar com o Dr. João Dias. Aprendi muito com ele, de prática. Teoria não».(9)

Temos, ainda, um outro depoimento de uma outra colaboradora do Dr. João Dias, a D. Arlete Maria Pereira, hoje com 75 anos, natural de Alcoutim. Começou a trabalhar com o Dr. Dias em 1952, apenas com a instrução primária acabada. No decorrer dos anos adquiriu significativos conhecimentos e experiência, devido ao ensino contínuo que o benemérito transmitia aos seus colaboradores. Após o falecimento do Dr. Dias, foi trabalhar na Clínica de Santo António de Faro e posteriormente frequentou a Escola de Enfermagem em Lisboa, obtendo altas classificações.

Sobre a diversidade de cirurgias realizadas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim e a consideração que tinha pela obra realizada pelo Dr. Dias, a D. Arlete testemunha:

(9) Alfredo Martinho
- Entrevista
realizada em 2011.
(Arquivo Associação
Alcance)

«Operações a que assisti no hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim, realizadas pelo Sr. Dr. João Francisco Dias, a partir do Verão de 1953, altura em que fui trabalhar para o hospital até ao dia da sua morte súbita e inesperada em princípios de Março de 1955. As operações foram as seguintes: hérnias vulgares, hérnias estranguladas (numa teve de cortar mais ou menos 70 cm de intestino); apendicites (muitas apendicites agudas) algumas cesarianas, não muitas mas ainda assim assisti a algumas.



Extracção de mamas, não sei bem se o nome científico é mastectomia (julgo ser este o nome certo) fez também bastantes operações destas. Dias houve em que fez duas de seguida, com extracção de gânglios nas axilas. Operações ao hidrocelo (testículos), também destas fez várias. Fórceps (criança tirada a ferros no parto). Amputação de uma perna um pouco acima do joelho. Cancro do lábio (destas também fez várias com extracção de gânglios cancerígenos existentes no pescoço, na zona vulgo papada). Extracção de miomas fez bastantes e extracção de amígdalas também fez bastantes. Quero também referir que houve um certo período de tempo em que o Dr. João Dias ainda foi operar à Clínica de Santo António em Faro (com o Dr. Moniz Nogueira, Otorrinolaringologista, o Dr. Balté, Obstetra e Cirurgia Geral e o Dr. Guerreiro, Urologista) e no Alentejo, não me lembro bem se foi na zona de Beja ou na zona de Almodôvar. Mas, no entanto, não foram muitas as vezes que se deslocou a operar fora do hospital de Alcoutim (pelo que me consigo lembrar).

É possível ter-me esquecido de algumas outras operações ou de situações mais aflitivas mas já lá vão muitos anos e nem tudo nos vem nitidamente à memória, passando tanto tempo. Mas uma coisa é certa, com a morte súbita e prematura do Sr. Dr. João Francisco Dias perdeu-se um grande médico, um grande cirurgião e um grande homem, com um coração enorme, pronto a ajudar todas as pessoas que dele necessitassem.

Dr. João Dias e enfermeiras rodeados de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim

Ano	Mês	Dia	Nome: e Naturalidade	Diagnóstico	Tratamento
1952	7	2	Teustício Manuel Salvador	Apêndicite	Operado Pensos
Alta: 13-1-952			Empu estado saio - curado		
11	I	2	José Antónis Luísel Majoreira	Epitelioma Lévis	Operado Pensos
Alta: 29-I-952			Empu estado saio - curado		
11	I	2	Manu Sousa Vovineira	Heimias	Pensos tribral e curativos
Alta: 17-I-952			Empu estado saio - curado		
11	I	5	José da Silva Rodrigues Lejois	Heimias	Operado
Alta: 25-1-952			Empu estado saio - curado		
11	I	5	Palmeira Rosa	X.I.	Operado

(10) Arlete Rodrigues - Entrevista realizada em 22/10/2011. (Arquivo Associação Alcance)

(11) Cf. Teresa Rita Lopes, in *Algumas Estórias do Sul*

Perdeu a família dele, perdemos todos nós residentes no Concelho de Alcoutim e perderam muitos doentes por falta de quem os tratasse, o que não teria acontecido se Deus nos tivesse dado a felicidade e a sorte de termos o Sr. Dr. João Francisco Dias mais alguns anos junto de nós». (10)

Para um maior conhecimento deste grande homem, referimos, ainda, o que a escritora Teresa Rita Lopes descreveu sobre as efabuladas intervenções cirúrgicas realizadas pelo Dr. Dias:

«Ainda me lembro de ver o Dr. João Dias sentado depois de um dia de labuta, à porta da loja do Sr. Serafim nas mesas que, nas tardes de Verão, eram colocadas à porta, no largo. Isto nos dias em que não estava com alguma urgência entre mãos. Tinham fama as suas curas e, muito particularmente, as suas miraculosas operações. Todo o êxito se devia às suas prodigiosas mãos. O meu tio - avô Manuel Lopes, já reformado da Guarda Fiscal, que, à cabeceira do paciente, o ia entre-tendo com a sua voz grave e pausada, pontuada por gargalhadas suaves, fazendo-lhe perguntas sobre as sementeiras, o porquinho, as colheitas. Descontraído com esta apaziguante conversa, o doente recebia apenas uma pequena dose de anestesia química, que o Dr. João Dias era minimalista em tudo». (11)

O Dr. Dias teve necessidade de incluir na sua equipa alguns colegas e enfermeiros locais que ele próprio ensinava. Com o seu falecimento, a Misericórdia e o Hospital entraram em decadência.

As pessoas que no futuro visitem o Núcleo Museológico Dr. João Dias ficarão impressionadas ao comparar as instalações onde ele tanto operou com o que é hoje o aspecto e o equipamento de uma sala de operações.

Existem numerosos registos clínicos no Arquivo da Misericórdia que nos permitem reconstituir o movimento que a Santa Casa passou a ter, no

Cirurgias efectuadas pelo Dr. João Dias, em 1952 (Fonte: Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim).

ANO 1952	
Cirurgias	N.º de casos
Apêndicite	35
Hérnia	30
Apêndicite crónica	22
Hidrocelo	20
Amigdalite crónica	18
Amigdalite	11
Fístula	10
Hérnia inguinal	10
Abcesso	8
Carbúnculo	5
Cancro no lábio	4
Epitelioma no lábio inferior	4
Nódulo no nariz	4
Nódulo no peito	4
Dacriocistite	3
Epitelioma no nariz	3
Osteomielite	3
Quistos	3
Úlcera duodenal	3

À esquerda: Registos extraídos dos fundos documentais da Santa Casa da Misericórdia

campo das consultas clínicas, operações cirúrgicas, internamento de doentes e, ainda, o registo de alguma complementaridade com os Serviços de Saúde Pública que o Dr. João Dias desempenhava.

Esta documentação, relacionada com a vida e obra do Dr. Dias, encontra-se devidamente inventariada e informatizada, constituindo um significativo manancial de informação para investigadores ou pessoas interessadas em consultas referentes aos seguintes temas:

- Registos de consultas e intervenções cirúrgicas realizadas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim;
- Lista das vacinas que na época do Dr. João Dias eram ministradas;
- Fiscalização de Higiene dos estabelecimentos abertos ao público.

De referir que uma parte significativa da investigação feita para este trabalho se baseou em pesquisas realizadas nos fundos documentais da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim. Este trabalho de investigação baseou-se igualmente no espólio documental e fotográfico doado pela Família Dias, assim como nas preciosas informações recolhidas através de contemporâneos do Dr. João Dias, nomeadamente do seu filho, João Lopes Dias, assim como o testemunho de Carlos Brito, Gaspar Santos, Francisco Abril, Conceição Amaral, Arlete Pereira, Alfredo Martinho, entre outras importantes testemunhas da vida e obra do Dr. Dias.

Toda a documentação encontra-se devidamente inventariada e constitui um riquíssimo manancial de informação, raro em núcleos museológicos desta dimensão ou mesmo em museus nacionais.

Outras Facetas do Dr. João Dias

Além das suas actividades clínicas, o Dr. Dias interessava-se, nos seus momentos de lazer, pela agricultura e por outras actividades do mundo rural onde tinha as suas raízes.

Mantinha-se atento aos acontecimentos do país e do mundo, assim como aos diversos movimentos modernistas nas letras e nas artes.

Angelus (1857-1859)
por Jean-François Millet



Sobre a biblioteca privada do seu consultório é de referir as assinaturas que mantinha com numerosas editoras nacionais e internacionais, que enviavam com regularidade livros actualizados de carácter científico e literário. Da sua biblioteca, salienta-se o conteúdo significativo de livros sobre temas histórico-políticos. No seu consultório, dominava uma reprodução a óleo do quadro de J.Millet *L'Angelus* conjunto pictórico de temática paisagística e de cenas da vida rural, lida a partir de um posicionamento crítico de análise social.

Era extraordinariamente sociável. Formavam-se grupos em seu redor, onde quer que o Dr. João Dias se encontrasse. Amigos e colegas, pessoas dos mais variados quadrantes sociais e culturais assistiam a conversas amenas, sobre os mais variados temas, com alusões frequentes ao ambiente estudantil coimbrão da sua época.

A confirmar o reconhecimento das suas capacidades para intervir e pensar estrategicamente o território, sabemos que, entre 1936-1938, o Governador Civil o manda tomar posse interinamente do lugar de Administrador e de Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alcoutim.

Ainda em vida, o povo do concelho de Alcoutim prestou-lhe homenagem, testemunhada por uma lápide colocada na fachada do hospital. Por portaria, o Governo louva-o, em 1940, nos seguintes termos: «Pelo seu devotado esforço profissional e por suas iniciativas de benemerência tão bem conduzidas que já lhe permitiram exclusivamente por contribuição própria e pelo das forças locais, conseguir para a população desse concelho, tão afastada dos centros, possibilidades notáveis de auxílio aos doentes e inválidos».

Faleceu no dia 8 de Março de 1955, às primeiras horas da manhã. Para prestar-lhe os primeiros socorros, acorreram durante a noite vários colegas, como o seu irmão Dr. Francisco Dias Cavaco, os Drs. Francisco Abril Franco, de Sanlúcar de Guadiana, Fernando Neves, de Mértola, e António Balté e Manuel da Silva, de Faro.

Alcoutim, além de perder com o seu desaparecimento um indivíduo de enorme vulto, ficou, nessa altura, sem grande parte da sua animação, pois todos os dias acorriam à vila dezenas de pessoas vindas de vários pontos longínquos do país em busca de cura para os seus males.

Por decisão pessoal, a autora não escreve segundo o Acordo Ortográfico.



À esquerda:
Dr. João Dias e esposa

* Escritor. Antigo parlamentar.

«Não há dois iguais» Entrevista a Conceição Amaral (Mimi)

*Carlos Brito**

Conceição Amaral, mais conhecida por Mimi Amaral, é professora aposentada do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico. Foi afilhada querida do Dr. João Dias e da sua mulher, D. Cecília. Quando o Padrinho faleceu, tinha apenas dez anos, mas era das pessoas que convivia mais de perto com o casal, a quem diariamente e por largos períodos fazia companhia, pois nessa altura os filhos já estavam a estudar em Coimbra. As suas recordações têm por isso um interesse muito especial.

Conceição Amaral disse-nos logo a principiar:

– Foram os meus padrinhos que me começaram a chamar Mimi, porque a Madrinha tinha uma prima em Viseu, salvo erro, que se chamava assim e de quem gostava muito. Portanto, vou falar como Mimi.

Foi assim que a conversa prosseguiu.

Carlos Brito Qual a principal imagem que guardas do Dr. João Dias, que conhecestes tão bem em menina?

Mimi Amaral Por tudo o que apreciei, e hoje sei, tenho a dizer que o Dr. João Dias era um homem extremamente generoso, muito bom, sempre atento a tudo e a todos, especialmente aos doentes e à medicina. Era um homem que não fazia distinção entre ricos e pobres e, se alguma havia, acho que era muito atento aos pobres... Penso que isto diz tudo.

CB Podes ilustrar essas impressões com alguns factos?

MA Vamos então a factos. Ele não tinha horas para comer, nem para dar consultas. Tinha um horário para as consultas, é verdade, mas quando era preciso estava sempre presente, de manhã, à tarde e à noite, a qualquer hora. Lembro-me bem do consultório estar cheio de gente até de noite. Posso dar um exemplo que tem que ver com a minha própria família. Nós éramos os proprietários da farmácia que

nos tinha sido deixada pelo meu avô. E até tínhamos uma farmacêutica diplomada que vivia connosco. Mas muitas vezes batiam-nos à porta de madrugada: três ou quatro da manhã. Lá ia a minha mãe, que era ajudante de farmácia, atender para não incomodarmos a farmacêutica. Isto prova que havia consultas a essas horas.

E até havia operações.

CB Disseste que não tinha horas para as refeições...

MA Mas não disse tudo. É que horas de refeições era coisa que não havia, era quando calhava e, ainda por cima, quando se sentava à mesa também era quase sempre para ler e estudar. A maior parte das vezes eram uns grandes calhamaços. Pensei mais tarde que ele aproveitava os bocados que estava à mesa para estudar os casos clínicos mais complicados que tinha entre mãos ou outros.

CB Disseste há pouco que havia operações noite avançada e pela madrugada dentro. Até que ponto te apercebeste da actividade médica do teu Padrinho e das suas famosas curas?

MA Lembro-me bem do hospital e da Sra. Chica, que dava injeções e ajudava o meu Padrinho nas operações. Eu ia lá porque ele dava-me frasquinhos vazios para eu brincar em casa e eu gostava daquelas coisas todas. Lembro-me de ouvir falar lá em casa de operações ao apêndice ou apendicite, não sei bem o termo técnico, mas aquilo eram duas ou três por dia! A «hérnia estrangulada» é outra expressão que tenho no ouvido, não sei o que é, mas também se operava muito.

Em relação a mim, desde o dia em que fiz um ano comecei a deitar sangue do nariz. Era uma loucura, houve um dia em que me foram levar ao Doutor em braços porque era muito. Ele inventava tudo: algodões, água oxigenada, mas não resolvia. Um dia disse-me: «Agora há uma coisa nova, umas esponjinhas.» Pôs-me as esponjinhas e aquilo pareceu melhorar. Mas só se curou quando ele me mandou a um colega para me queimar as veias do nariz.

Claro que depois, pela vida fora, ouvi contar muitos casos dos grandes êxitos das operações do Dr. João Dias. Não há muito tempo, uma senhora contou-me que uma pessoa de família tinha sido operada a um cancro da mama, pelo Dr. João Dias, e ainda estava viva.

CB E como era para ti o teu Padrinho? Era pessoa severa?

MA Não, não, não era nada. Lembro-me que nos pequenos intervalos dos seus trabalhos costumava passar pela loja do Sr. Serafim, a maior da terra, e estar ali um bocado à conversa. Às vezes, quando eu ia fazer qualquer recado à minha mãe, lá o encontrava. Então ele começava logo a brincar comigo e eu ficava muito envergonhada. Perguntava-me: queres arroz, queres massa... Perguntava-me tudo que havia nas estantes. Por fim, dizia-me: então não queres um chocolate? Eu respondia envergonhada: não, Padrinho, muito obrigada. Mas claro que saía sempre dali com uma tablete, daquelas de catorze tostões que tinham recheio no meio, mas muito envergonhada.

CB Mas eram só chocolates?

MA Não, os meus Padrinhos mimavam-me muito. A primeira pasta de cabedal que existiu em Alcoutim fui eu que a tive, não foram os meus pais que a compraram, foram eles que me ofereceram. Lembro-me tão bem pois o cabedal não era liso, era trabalhado com uma espécie de ondinhas. Também a primeira borracha de tinta e lápis, etc. Traziam-me sempre qualquer coisa de Faro, o que para mim era uma maravilha. Às vezes, até algum tecido para um vestido.

CB E do convívio com o teus Padrinhos recordas assim alguns momentos especiais, onde ele, particularmente, revelasse a sua maneira de ser?

MA Recordo aquelas noites de serão, sobretudo de Inverno, na «salinha verde», que era a chamada salinha da Sibéria, onde tinham o fogo. Era aí que o meu Padrinho via a sua correspondência. Via, rasgava e deitava ao fogo. Uma vez eu gritei. «Ai, Padrinho, uma nota de vinte escudos a arder!» Ele respondeu-me: «Deixa, não liguês.» Mais tarde percebi que eram pessoas que ele tinha tratado que depois lhe mandavam, pelo correio, um envelope com vinte escudos (era o preço da consulta!).

Também recordo os passeios aos Balurcos. Quando ele tinha um tempinho livre íamos, de carro, dar uma voltinha e, como ele dizia, «apanhar ar fresco».

Lá íamos, a Madrinha, o Padrinho e eu. Apanhávamos florzinhas e voltávamos para casa. Era o relaxe dele, não tinha férias, não tinha mais nada.

CB Diz-se que além da medicina, onde estava sempre atento aos mais pobres, como referiste atrás, também arranjava muitas outras maneiras de ajudar os mais necessitados. Lembras-te de assistir a casos desses?

MA Eu era pequena, mas lembro-me bem. Era também quando ia à loja do Sr. Serafim. Aparecia lá um Sr. Mateus, acho que se chamava assim, embora fosse tratado por uma alcunha, a quem o meu Padrinho dava ordem para lhe encherem o saco com arroz, massa, café, etc. O dito ia sempre muito satisfeito.

Recordo-me de o meu Padrinho ter organizado «um almoço para tudo o que era pobre na terra». Não posso precisar agora se foi pelo Natal, mas deve ter sido. O almoço foi feito numa cave que havia por baixo da antiga casa de jantar. Fui lá espreitar, estava a abarrotar e tudo muito contente. O que foi servido era tudo da melhor qualidade. São exemplos da generosidade, bondade e caridade do meu Padrinho, o Dr. João Dias. São palavras muito semelhantes, mas com algumas diferenças.

CB Não serão casos para se falar também de solidariedade?

MA A palavra solidariedade acho que se pode usar com maior propriedade a propósito de um outro aspecto da actividade do Dr. João Dias. Ele era muito procurado não só por pessoas que precisavam de cuidados médicos, mas por muitos que se queriam aconselhar com ele sobre partilhas, compra e venda de património e outros assuntos pessoais. Ele nunca recusava um conselho ou uma opinião. Aqui é que também aparece outra dimensão da sua bondade e da sua solidariedade.

Lembro-me de uma história engraçada que aconteceu uma vez, era eu pequenina, mas nunca mais esqueci.

Andava à volta da farmácia a brincar, ouvi a nossa lavadeira contar à minha mãe: «O Sr. Doutor está hoje muito zangado com a farmácia, estava a dizer a uma senhora, pois fizeram mal essas pastilhas!». Ouvindo isto, a minha mãe ficou aflita e foi a correr ao hospital para esclarecer o caso com o Dr. Dias. Este, muito admirado, repetia: pastilhas, pastilhas, para se tentar lembrar do que se passara. Até que se lembrou, e disse a rir: «Não eram pastilhas, eram partilhas». E explicou, que estava a aconselhar aquela senhora, que o procurara, por causa de umas partilhas.

CB Parece que podemos concluir que, além de médico dos pobres também era conselheiro dos pobres, mas além disso era homem de grandes amizades e numerosos amigos. Apercebias-te disso?

MA Apercebia-me muito bem. As nossas famílias eram muito juntas. Apesar de ele nunca ter tempo, lá arranjava uns bocadinhos para uns convívios de almoços e jantares. Eram vários amigos. Às vezes, havia uma espécie de concurso entre as senhoras para ver qual cozinhava o melhor prato.

Foi, no entanto, quando o meu Padrinho morreu que eu, ainda miúda, mas os adultos também, nos apercebemos todos da multidão dos seus amigos e do terrível choque que nos atingiu. Nem se queria acreditar. Parecia que o mundo tinha desabado. A vida ficou toda desestabilizada. O meu pai era dos seus maiores amigos, tanto assim que foi o primeiro a ser chamado quando ele faleceu.

Eu vim de Faro, onde estava a estudar, com os amigos da casa onde vivia. Quando cheguei a Alcoutim fui junto do meu pai para lhe dar um beijo, ele estava tão perturbado que não me reconheceu.

Alcoutim mudou completamente depois da sua morte. Era ele que dava vida à vila. Uns dias depois de falecer, a vila, que estava cheia de doentes, ficou vazia. Até os passageiros das camionetas da carreira diminuía...

CB Como sabes, dizem-se sobre o Dr. João Dias as coisas mais fantásticas. Achas que ele era um santo?

MA Ele era de facto excepcional. Não é por acaso que as pessoas diziam que era um santo. Era «santo» (entre aspas, sublinho) por isto tudo que contei e que se sabe, pelo bem que fazia, pelo que dava e, sobretudo, pela sua inteligência, pela cabeça que tinha e a sua queda para a medicina, não há dois iguais.

Fevereiro de 2013



À esquerda:
Vista de Alcoutim
e Sanlúcar de
Guadiana ao tempo
do Dr. João Dias

* Engenheiro
Electrotécnico
reformado da EDP.

Dr. João Dias em Alcoutim

*Gaspar Santos**

*É certo que grandes coisas se têm feito
com insuficientes recursos e ambientes desfavoráveis.
O génio paira acima destas circunstâncias.*

Percival Bailey

O início da atividade

O Dr. Dias começou por dar consulta na Corte Velha, na casa do seu Pai. Ele, a esse respeito, afirmava que o Pai lhe dissera: «Se te mantive estes anos todos a estudar, também te posso manter mais uns meses a tratar doentes por minha conta».

Nesse tempo, o concelho de Alcoutim só tinha um médico. Era o Dr. José Pedro Cunha, a poucos anos de se reformar de médico municipal e de subdelegado de saúde.

O primeiro doente grave que o Dr. Dias tratou em Alcoutim, por solicitação escrita do Dr. Cunha, foi António Patrocínio dos Santos. Este tinha uma apendicite complicada, próximo de desencadear uma septicemia e ainda não havia antibióticos. O tratamento que o Dr. Dias ministrou foi clisteres de ar e colocação de gelo em permanência sobre a fossa ilíaca direita. Como não havia gelo, foi com limos verdes da ribeira que o tratou!

Poucos meses depois, o lavrador José Beatriz, homem muito prestigiado, da Corte da Seda, à frente duma Comissão de Moradores do concelho, fez um convite formal ao Dr. Dias para que viesse trabalhar em Alcoutim.

Ao Dr. Dias a ideia não desagradou, mas objetou ser complicado começar essa atividade ali sem ter um mínimo de proventos garantidos. E, depois de ambos ponderarem, surgiu a ideia de que, mediante um sistema de avença de 1\$00 por família, e desde que completassem determinado número de famílias, ele viria. E assim aconteceu. Instituiu-se uma espécie de seguro de saúde, garantindo assistência médica gratuita para as famílias avençadas. Cobraria honorários apenas

às pessoas que não estavam avençadas, mas... na prática acabou por dilatar a gratuidade a quase todos.

Podemos dizer que, desta maneira, as famílias do concelho de Alcoutim tiveram um verdadeiro serviço de saúde gratuito, sem taxa moderadora, que só não ajudava nos fármacos, enquanto o S.N.S. atual é só tendencialmente gratuito.

O Dr. Dias iniciou assim a sua atividade profissional em Alcoutim como médico privado, sem emprego do Estado, depois de estabelecer essa avença, que teve pequenos ajustamentos no decorrer do tempo e que honrou até à sua morte. Foi o guarda-rios Primo Antunes quem cobrou essa avença nos anos 40 e 50, recebendo uma comissão.

Insuficientes recursos

O concelho era pobre. Em 1930, a sua população era de 9124 pessoas, distribuída por cerca de 40 povoações ou montes, tinha uma área de 577 quilómetros quadrados, atingindo os 10808 habitantes em 1950. Dedicava-se ao cultivo de cereais (trigo, cevada e centeio), em parte como trabalhadores rurais que possuíam alguma terra, permitindo-lhes fazer uma agricultura e pecuária de sobrevivência, e à produção daqui derivada de carne, leite e queijo. Alguns proprietários tinham alguma abastança devido à maior dimensão das suas terras.

A grande maioria desta população era analfabeta e tinha enormes deficiências de cultura sanitária.

Na sede do concelho, os seus habitantes moravam nas ruas medievais, limitadas a norte e a poente pelo Castelo e a sul pela Ribeira de Cadavais. Além dos empregados no comércio e serviços, tinha uma população muito considerável sem trabalho certo e que vivia de pequenos trabalhos indiferenciados: pesca no rio, trabalhos ocasionais, rurais ou de reparação dos caminhos, e cargas e descargas dos barcos, pois todas as trocas de mercadorias com o exterior se faziam pelo Cais Velho via Guadiana.

Não havia água canalizada, esgotos nem eletricidade, que só chegaram à vila em 12 de julho de 1965, 10 anos após a morte do Dr. Dias. Faro já tinha eletricidade desde 1911, Loulé desde 1916, Portimão desde 1916 e Olhão desde 1928. Algumas casas na vila tinham instalações sanitárias sem esgotos. Dentro do perímetro da vila havia animais em estábulos e a sul do Castelo havia umas dezenas de pocilgos de porcos.

As comunicações com o exterior realizavam-se apenas pelo rio, barcos à vela e o gasolina em dias alternados Mértola – Vila Real de Santo António, ou pelo telégrafo só a partir da vila.

Na vila havia telégrafo, mas só veio a ter telefone em 1941. Havia estrada em macadame até ao Pereiro. Por estrada, Vila Real de Santo António ficou acessível no final dos anos 30; e Mértola a partir do meio da década de 40. A ligação entre as muitas localidades do concelho fazia-se por caminhos onde podiam transitar carroças puxadas a animais, ou até apenas caminhos de cabras.

A farmácia baseara-se até então em plantas medicinais, uns quantos medicamentos manipulados e alguns desinfetantes, tintura de iodo, violeta de genciana, mercurocromo, um ou dois tipos de soros. As pessoas não tinham ainda adquirido o hábito da procura de saúde. Nasciam e morriam quando Deus queria. Curavam as maleitas com preces ou com chás. O médico existente, que era estimado por toda a população, tinha todo o tempo do mundo para se dedicar às artes de que era grande cultor.

O novo médico, o Dr. Dias, passou a receitar um outro tipo de medicamentos mais modernos e a utilizar desinfetantes e anestésicos gerais como éter e clorofórmio, e outros para anestésias locais e raquidianas e ainda outros fármacos de utilização mais específica das técnicas que ia passar a usar. A farmácia acompanhou a modernização.

Mas ainda vinha distante a era dos antibióticos. Em 1940, Howard Florey e Ernst Chain, de Oxford, conseguiram produzir penicilina com fins terapêuticos em escala industrial, inaugurando uma nova era para a medicina - a era dos antibióticos, que garantiu uma maior eficácia nos procedimentos cirúrgicos e que só nos meados dos anos 40 foi introduzida em Portugal. Alcoutim não dispunha na proximidade de centro de radiologia nem de análises clínicas. Só em Faro, distante 95 km, pouco acessível e dispendioso.

O Dr. Dias atendia os doentes na sua própria casa e fazia visitas domiciliárias em casos de extrema urgência em todo o concelho, do modo que se pode imaginar, a cavalo (sabia e gostava de cavalgar) e por barco a remos (de que nunca gostou), quando ia para os Montes do Rio.

Até ao fim da sua vida, as dificuldades de transporte mantiveram-se, com alguma atenuação após a construção das estradas da década de 40, e o uso do seu automóvel, embora muitas vezes tivesse de fazer a parte final do percurso a cavalo.



Construção do Cais Novo, início dos anos 40

Em 1931, o Dr. Dias passou a utilizar as instalações do Hospital da Misericórdia, criado por si com a colaboração do Prof. Trindade e Lima. Este hospital não tinha água canalizada, nem esgotos, nem eletricidade, nem frigorífico. A cozinha funcionava com carvão ou fogão a petróleo.

Aí já foi possível ter um espaço de enfermaria com cerca de uma dezena de camas e um compartimento que adaptou a «bloco operatório», sem ar condicionado, com luz natural se operava de dia ou com Petromax a petróleo com bomba de pressão suspenso no teto se operava de noite.

As pessoas que agora e no futuro visitem o Núcleo Museológico Dr. João Dias ficarão impressionadas ao comparar as instalações onde ele tanto operou, com o que é hoje o aspeto e o equipamento de uma sala de operações.

Estas condições mantiveram-se, embora com alguma melhoria após a ampliação das instalações hospitalares à custa da Capela adjacente, alguns anos depois, quando o Dr. Dias já fora nomeado médico municipal em 1932 e subdelegado de saúde em 1935.

Mas o elevado número de doentes, antes e depois de operados, por não caberem no hospital, bem como os seus acompanhantes, hospedavam-se em casas particulares na vila. Não haveria uma única casa em Alcoutim que, em dada altura, não tivesse recebido alguém doente! A vila de Alcoutim nos anos 40 e 50 era toda ela um hospital! E daí recebia proveitos económicos, a que hoje chamaríamos «turismo de saúde».

Quando havia uma cirurgia mais complexa, o Dr. Dias tinha sempre a colaboração graciosa do colega de Sanlúcar, o Dr. Adolfo, e mais tarde do Dr. Abril Franco.

Desde o princípio e até ao seu falecimento, não teve colaboradores próximos escolarizados, e ainda menos detentores de cursos técnicos. A formação técnica dos seus colaboradores foi mais uma tarefa que o Dr. Dias assumiu e cumpriu.

Teve vários colaboradores, nem todos contemporâneos entre si, no papel de «Enfermeiros», que a seguir se nomeiam: Domingos Mariano (reformado disponível desde a primeira hora); a Ti Chica (Francisca Adelaide) que sobreviveu ao Dr. Dias e foi a sua grande «enfermeira»; Augusto Batista e Manuel Veríssimo, ambos com passagem breve para outro emprego; António Guerreiro e Alfredo Martinho, que mais tarde fizeram cursos de enfermagem nos Hospitais da Universidade de Coimbra; Maria Arlete Pereira, Maria Marques Pereira, Vitorina Palma.

No atendimento no consultório pessoal, Maria Rita Marques.

Bernardino e Francisco Xavier (Afonso Costa) colaboraram como empregados a nível da manutenção do automóvel. Os carros nesse tempo não tinham motor de arranque, sendo um «inferno» fazer o motor arrancar com a manivela ou por empurrão. Assim, aqueles colaboradores garantiam a operacionalidade do carro nas emergências médicas e visitas domiciliárias.



Dr. Abril Franco, médico de Sanlúcar

O Génio

Com todas aquelas carências de instalações e meios, mas com uma profunda vocação e uma invulgar preparação científica, que nunca deixou de atualizar em permanência; uma enorme capacidade de



O olhar profundo e o sorriso acolhedor do Dr. Dias

trabalho e de sacrifício, aliada a uma constante e total disponibilidade que roçava o sacerdócio; uns olhos grandes, um olhar penetrante que o doente sentia que lhe observava a doença dentro de si, mas ao mesmo tempo o confortava e inspirava confiança; umas mãos e uns dedos sensíveis às patologias que o doente tinha; a auscultação, a percussão, um termómetro e a medição duma tensão arterial, e umas quantas perguntas certas deram ao Dr. Dias um poderoso «olho clínico».

Passado à fase de tratamento, se a intervenção era sua, impressionava a precisão e o desembaraço com que atuava. As intervenções que fez foram o fruto de permanente estudo e saber, embora pela sua grandeza e inovação muitos se referissem a elas como milagres. Passamos a descrever algumas delas.

Grandes coisas

- Matias Pereira era um bebé. Teria cerca de 2 anos. A gatinhar, mexeu no gatilho de uma espingarda caída no chão. O disparo levou-lhe o dedo indicador da mão direita. O Dr. Dias não se limitou a curar a ferida. Fez um trabalho de génio: «arrastou» o dedo médio para a cavidade articular do dedo indicador. O dedo médio, tornado «indicador», com o uso ganhou a força e a funcionalidade de um indicador oponível ao polegar. E este homem fez-se ferrador de animais e ainda hoje é vivo, podendo confirmar.

O caso foi-nos assim descrito pelo filho do Dr. Dias, também médico e nosso amigo, durante a I Feira do Artesanato, que se realizou no Castelo. Com a mão do artesão nas suas mãos, disse-nos: «Vejam o trabalho extraordinário que o meu pai fez!» Depois, o Matias contou-nos que, quando se empregou na Alemanha, os médicos da empresa empregadora fizeram-lhe vários testes para conseguirem entender como a mão dele era capaz de tão bom desempenho.

- Maria dos Reis, com 3 a 4 anos de idade, contraiu poliomielite. Durante o tratamento, o Dr. Dias achou necessário fazer-lhe transfusões de sangue, as quais só eram possíveis com dador direto, por não ter outras condições de Hematologia. O dador foi o pai, o mestre Manuel Pinto, e o sangue fluía diretamente das veias do Pai para as da criança. A Maria dos Reis curou-se completamente, com apenas uma ligeira menor musculação duma perna.

- Um homem natural da Palmeira, que morava no Pontal e era companheiro de escola primária do Dr. Dias, tinha uma úlcera de estômago complicada, resistente a todos os tratamentos. O Dr. Dias entendia que estava indicado operá-lo e disse-lho. Mas como esta era a primeira ou das primeiras operações deste tipo que fazia, estava hesitante e sucessivamente adiava tal intervenção. Um dia, o doente já impaciente irritou-se com o amigo Dr. Dias e disse-lhe que já há 6 meses que aguardava pela operação e já lhe parecia má vontade. O Dr. Dias replicou: «se não tens medo de morrer vou-te operar». A que o doente respondeu: «opera-me que eu não tenho medo. Não quero é padecer mais tempo!» Dias depois, operou-o com pleno sucesso, retirando-lhe uma larga porção do estômago. Foi a primeira operação deste tipo que se realizou no Algarve. Meses depois, na loja do Senhor Serafim, o Dr. Dias descreveu com muita satisfação este sucesso.

- Ti Rosalia Botelho tinha um tumor na mama. Operou-a. Não fez qualquer outro tratamento. Várias dezenas de anos depois, quando faleceu já velhinha, a causa da morte nada teve que ver com o tumor da mama. Foi um caso do conhecimento público.

- Um homem dos Montes do Rio teve um acidente por queda ou coice de animal, com fratura do crânio. Na reconstituição do tecido ósseo,

ficou um deficit de tecido ósseo estando o cérebro acessível à palpação. O doente curou-se, mas teria sempre de viver com grande cuidado e usar chapéu almofadado para evitar magoar-se. O Dr. Dias comentou com graça este caso, alguns meses depois, porque o paciente veio de novo com a queixa de que tinha «bichos» a sair da cabeça. Tratava-se da saída de delgados fios da cera que servira para reconstituir/substituir o osso do crânio.

- Um jovem de Palmela esteve dois ou três meses a tratar-se em Alcoutim com uma doença de pele que lhe estava a provocar fundas cicatrizes na cara. Jogou entretanto até alguns desafios de futebol pelo Grupo Desportivo de Alcoutim, que deve ter fotos das equipas que integrou. Curou-se com uma técnica, talvez hoje em desuso – o autossangue. Funcionava como uma autovacina: o sangue era colhido numa veia e, antes de coagular, era injetado nos músculos da nádega do doente.

- José Domingos era um garoto que, um dia, com outros, empurrava o carro do Dr. Dias para pegar. Um outro miúdo disse ao médico: «Senhor Doutor, veja lá o pescoço do “Zé Ninguém”». O Dr. Dias palpou-lhe o pescoço e disse: «Zé, vais ao Sr. Felício, dizes que vais da minha parte e que é para ele te dar um quilo de chouriço. Levas para casa e comes todos os dias um pedaço. Quando acabares vais outra vez ao Sr. Felício». Dois meses depois, a escrofulose estava curada. O grande conhecimento que o médico tinha do viver de todas as famílias deu-lhe de imediato a chave do diagnóstico: era má nutrição.

- Merece referência o cuidado que punha nas suturas cirúrgicas de partes mais visíveis dos doentes, nomeadamente nos lábios, quando extraía pequenas massas tumorais provocadas pelo cigarro ou pelo cachimbo. Vi isso no meu avô (em 1943) e no meu pai uns anos mais tarde: a pequena massa foi retirada do interior do corte praticado, tendo depois suturado na linha de separação da pele com a mucosa labial. Uma técnica que o seu colega espanhol Dr. Abril Franco disse só ter visto em Alcoutim (em 1952) quando colaborou com o Dr. Dias. Pode dizer-se que já então usava as modernas técnicas de cirurgia estética.

- E a «ressuscitação» do Gonçalo. Era um adolescente robusto, com atraso mental, retirado do rio em morte aparente e levado para o hospital. Assistimos com emoção pela janela do hospital ao trabalho da sua recuperação: - o Dr. Dias não se ficou pelo manual de primeiros socorros. Foi mais além. Suspendeu o paciente de cabeça para baixo por homens de pé sobre duas camas, para a água escorrer, enquanto, no intervalo das camas, manobrava a respiração artificial por flexão dos braços e massagens cardíacas. Passados longos minutos, o «afogado» deu sinais de vida, e foi um êxito que no entanto o reteve na cama durante algumas semanas e, mesmo depois, durante alguns meses, não conseguiu andar e somente gatinhar.

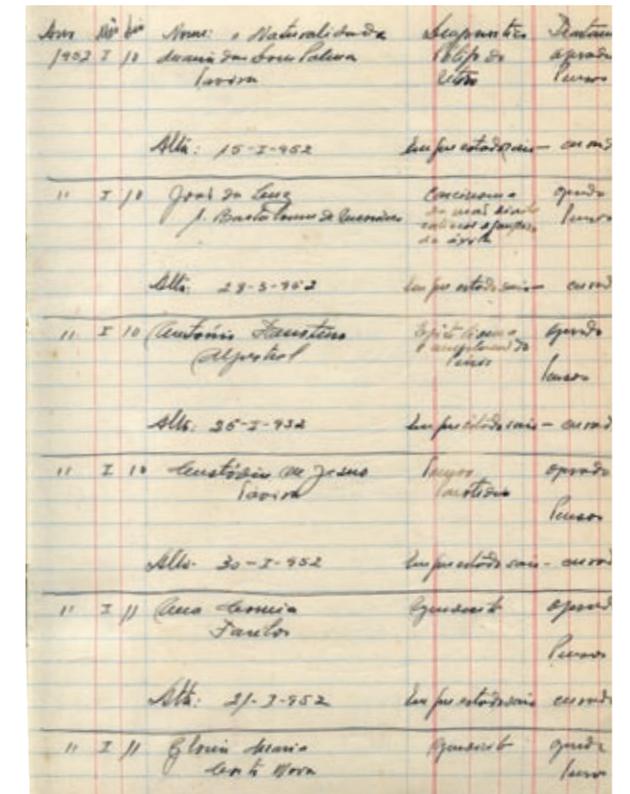
Nos casos que se escolheram, entre centenas que se poderiam citar, quisemos evidenciar como este cirurgião geral dominava quase sozinho o que hoje denominaríamos de anesthesiologia, cirurgia pediátrica, cirurgia reconstrutiva, neurocirurgia, hematologia (sangue), doenças de pele e cirurgia oncológica.

Como fontes de informação tivemos o próprio Dr. Dias, que comentou os casos ou por conhecimento público e pessoal.

Além dos casos que referimos, o precioso Livro de Registo das Intervenções, que o Dr. Dias deixou, tem os dados e os resultados, com todo o detalhe e precisão, para o estudo histórico de centenas de doentes tratados sendo a estatística das cirurgias de 1952 bem elucidativa: 200 operações nesse ano.

Cabe ainda uma referência à sua ação como subdelegado de saúde. Não é necessário referir os aspetos forenses nem as vacinações, que de certeza cumpriu como tarefas suas. Querendo realçar a sua ação na saúde pública, salientamos que não perdia uma oportunidade que se lhe deparasse para a divulgação de normas sanitárias

Uma folha do registo de internamentos. Notar a residência dos doentes: Tavira, S. Bartolomeu de Messines, Aljustrel, Tavira, Farelós (Alcoutim) e Corte Nova. Só um doente é do concelho de Alcoutim.



e de higiene, visando o combate às infeções e a outras doenças, numa palavra, ensinar a prevenir.

Essas oportunidades aconteciam todos os dias, individualmente no diálogo com o doente, ou na loja do Sr. Serafim para um maior número de pessoas. Mas também quando ensinava as técnicas de enfermagem aos seus colaboradores no hospital. Ou quando dava uma formação rápida a voluntário o que ocorreu em quase todos os montes: ensinava quem se dispunha a dar uma injeção ou a fazer um penso a um doente, evitando que este se deslocasse à vila, ao hospital.

Finalmente, pensamos não ser abusivo atribuir uma parcela do aumento da população do concelho entre 1930 (9124 habitantes) e 1950 (10808), ou seja mais 1684 habitantes (+18,5%) à diminuição da mortalidade, sobretudo infantil, devido aos cuidados do Dr. Dias.

O Dr. Dias também teve insucessos, como é inerente à atividade médica, que muito o desgostaram.

- Alguns destes irritavam-no, pois não tinham que ver com a sua técnica, mas por falta do medicamento que impedisse o alastrar da infeção. Demo-nos conta de dois ou três casos de homens atingidos no ventre por coices de animais e que recorriam ao médico muitas horas depois, quando o ventre já estava doloroso e inchado. Foram casos que, mesmo operados, não sobreviveram à infeção.
- Duas mortes por afogamento no Guadiana, junto ao Pinhão, do Guarda-fiscal Simão e da Maria Rita Domingos, em que tentou salvamento, mas que, por serem muito tarde retirados da água, não foi bem sucedido.
- Também ocorreram algumas mortes por ingestão de cogumelos.

Citação de parte da notícia publicada no *Diário de Lisboa*, um mês depois da morte do Dr. Dias e comentário:

...«Quem aqui tivesse vindo no tempo do Dr. Dias e agora volte, logo reconhece a profunda modificação da fisionomia da terra. Saíamos de casa e quase que só encontrávamos na rua caras desconhecidas. Hoje, essas mesmas ruas estão desertas e são muitos os que cruzam os braços desanimados, porque Alcoutim, com a morte do Dr. João Dias é também uma terra morta».

Esta imagem de desolação traduz bem, na verdade, o valor da figura que Alcoutim acabara de perder e o significado que atribuiu à sua morte. (*Diário de Lisboa*, sic).

Na verdade, a redução da atividade hospitalar por morte do médico teve, na vila, más consequências económicas, com repercussão em todo o concelho. Os rendimentos gerados pela ocupação de camas e o comércio local, que eram fruto do que chamámos «turismo de saúde», caíram bruscamente.

As famílias passaram a pagar a assistência médica de que se tinham habituado a usufruir gratuitamente.

A redução na vila do consumo de leite, queijos, carne e pão da produção do concelho, mais tarde agravada pelo abandono da agricultura de cereais por pouco rentáveis, resultou, no concelho, no início do processo de desertificação humana, de pouco valendo a melhoria das condições de vida com a instalação, em 1965, da distribuição domiciliária de eletricidade, água e esgotos na vila, que se generalizou a todo o concelho muito mais tarde, após o 25 de abril.

Foi grande perda
para a sua terra
a morte do dr. João Dias
«o médico de Alcoutim»



Precisamente, faz hoje um mês que faleceu o dr. João Francisco Dias, «o médico de Alcoutim», como simplesmente lhe chamavam as gentes do Alentejo e do Algarve. A sua morte foi muito sentida e, pode dizer-se, estão intactas, no povo de Alcoutim, a saudade e a surpresa que deixou.

Homem probo, belo carácter, bondoso, o dr. João Francisco Dias foi um carinhoso retentor de factos e costumes ligados à região, que é aquela que se debruça sobre as águas do rio Guadiana. E, sobretudo, foi um médico de grande nomeada, que podia ter alargado a sua fama até ao País inteiro, se a modéstia e o amor às terras do Algarve o não prendessem até à sua última hora.

Uma carta que nos vem de Alcoutim, onde de oito em oito dias a sua memória é lembrada com missas de sufrágio, diz-nos que oitenta por cento da sua população vivia hoje do nome do médico ilustre. Eram muitos e de valimento os que diariamente acorriam à pequenina e modesta vila, para ouvir a sua palavra de médico, animando, assim, estabelecimentos e toda a vida local.

«Quem aqui tivesse vindo no tempo do dr. Dias e agora volte, logo reconhece a profunda modificação da fisionomia da terra. Saíamos de casa e quase que só encontrávamos na rua caras desconhecidas. Hoje, essas mesmas ruas estão desertas e são muitos os que cruzam os braços desanimados, porque Alcoutim, com a morte do dr. João Dias é também uma terra morta».

Esta imagem de desolação traduz bem, na verdade, o valor da figura que Alcoutim acaba de perder e o significado que atribui à sua morte.



À esquerda:
Dr. Dias em
convívio na ribeira
da Foupana, junto
da antiga azenha,
com amigos e os
seus dois filhos,
em 22 de junho
de 1941, dia em
que a Alemanha
invadiu a Rússia na
2ª Guerra Mundial,
notícia que foi
conhecida durante
o convívio.

* Engenheiro
Electrotécnico
reformado da EDP.

Dr. João Dias O Homem e o Médico no seu meio social

*Gaspar Santos**

O Dr. João Francisco Dias viveu e trabalhou intensamente ao serviço da população do concelho de Alcoutim entre as décadas de 30 e 50 do século passado. O concelho, com uma área de 577 km² tinha, então, quando chegou, 9000 habitantes e 11000 quando faleceu. Cerca de 90% desses habitantes eram analfabetos e os restantes pouca escolaridade tinham.

É opinião generalizada que Alcoutim teve um durante e outro depois do Dr. Dias. Há alguns excertos de testemunhos de pessoas suas contemporâneas que nos dizem isso de uma maneira bela e clara:

«[...] nesse tempo enquanto ele foi vivo isto era Alcoutim, depois deixou de ser, agora é que já está melhor porque fizeram a escola, fizeram o centro de saúde e pronto desde o 25 de Abril isto melhorou pois deram as pensões às pessoas pobres, [...] e fez de Alcoutim uma coisa grande, pelo menos de fama porque nem se conhecia, depois ele morreu e isto parou novamente. Não havia cá bancos, caixas, nada, nada, nada, havia apenas uma lojinha e algum café ou alguma venda e pronto nada mais havia aqui. Depois é que começou a haver, o indispensável, o que não podia passar sem haver.» [Eulália]

«[...] Olhe as camas não eram suficientes em Alcoutim para deitar doentes que ele recebia e dizia que precisavam de estar aqui ao pé dele. Estava a dar uma vida a Alcoutim que não se calcula tão-pouco a vida que este senhor estava a dar a Alcoutim. Vinham doentes que enchiam isto tudo porque os de cá tinham casa e dizia: «Se tens casa vai para a tua casa que eu logo te vou lá ver.» Ia ver os doentes todos, quando eram pessoas com doenças mais graves ia ver sempre.» [Jesuína]

«[...] Vinham muitas pessoas de fora, quase toda a gente e quem tinha um quatinho vago alugava às pessoas que vinham. Uns que eram internados... tinham pessoas internadas, outras para dormirem, pessoas de longe que vinham para aí . Eu tinha uma tia que morava em Alcoutim e tinha um quarto vago e alugava-o, dormiam lá em casa, andavam a tratar-se com ele.» [Custódia]

Havia no concelho apenas mais um licenciado ao serviço dos Registos e Notariado sempre que o quadro estava provido. As pessoas mais escolarizadas do concelho eram o padre, quando o havia, um oficial da guarda-fiscal e alguns professores de ensino básico e funcionários públicos. Só mais tarde passou a haver uma licenciada na farmácia.

Vista parcial de Alcoutim contemporânea do Dr. Dias



O anterior médico, Dr. Cunha, até falecer, foi o único colega que o Dr. João Dias teve em todo o concelho. Só nos anos 50 passou a haver mais um médico no concelho, na Casa do Povo de Martinlongo. Não havia um único enfermeiro em todo o concelho. Por isso, o Dr. Dias teve de formar os seus enfermeiros e outros colaboradores com pouca preparação de base.

Em Sanlúcar, Espanha, na outra margem do Guadiana, teve um primeiro colega, o Dr. Adolfo, e após o seu falecimento o Dr. Francisco Abril. Médicos muito seus amigos e com os quais estabeleceu uma colaboração mútua e muito proveitosa. Porém, durante a Guerra Civil de Espanha e a 2.^a Guerra Mundial, havia algumas restrições de fronteira, mesmo para o trânsito dos médicos.

Os meios de transporte e as vias de comunicação eram muito escassos. O Dr. Dias sabia cavalgar e gostava deste meio de transporte, que utilizava para visitar doentes. A deslocação pelo rio parece não ter sido muito da sua simpatia e até algumas vezes a evitava. Nos primeiros anos de exercício médico, deslocava-se na sua égua pequena, mas muito azougada, ou na cavalgada de quem lhe solicitava auxílio.

Mais tarde, começou também a deslocar-se no seu automóvel, um *Chevrolet*, que foi o primeiro carro existente na vila de Alcoutim, até onde o caminho o permitia. O percurso final fazia-o em cavalgada.

Como os primeiros automóveis não tinham motor elétrico de arranque, para o motor pegar era necessário rodar uma manivela ou pegava de empurrão. Esse facto, aliado às necessidades de limpeza e manutenção, obrigaram o Dr. Dias a ter dois empregados (Bernardino e Francisco Xavier) para esses trabalhos, o que não dispensava muitas vezes meia dúzia de crianças de empurrar, com a maior satisfação, o carro do Senhor Doutor.

Este meio de transporte, sobretudo depois que adquiriu um *Opel* branco, mais moderno e eficiente, já equipado com motor de arranque, permitiu-lhe com mais facilidade alargar os seus contactos sociais e profissionais além do seu local de residência. Passou a fazer visitas mais frequentes a Faro e outras localidades do Algarve, para operar e para reuniões de atualização, para se encontrar com familiares e amigos ou simplesmente para assistir a um espetáculo.

Em Alcoutim, só excepcionalmente se realizava uma récita com atores amadores locais ou havia uma sessão de cinema, teatro ambulante ou circo.

Não havia ainda televisão. Apenas o rádio dava alguma atualização noticiosa, pois os jornais chegavam dias depois pelo correio que era transportado a partir de Vila Real de Santo António por barco à vela. De camioneta, só cerca do ano 1950.

O Dr. Dias não tinha assim muitos entretenimentos além da sua grande ocupação com os doentes e o convívio e atividades culturais com os amigos locais ou de fora que o vinham visitar. Era sócio da Sociedade Recreativa Alcoutenense, que algumas noites frequentava, sem muita assiduidade. Era também adepto da Académica de Coimbra, talvez por lá ter estudado e como fruto de uma certa tradição, mas sem grande arreganho clubístico.



Edifício da cadeia, na Praça da República. Na porta do rés-do-chão, a garagem do Dr. Dias

Daria um livro, ou pelo menos um capítulo de um livro, as referências que se poderiam fazer a muitas peripécias, ao relacionamento humano, às amizades que contraiu e manteve.

Na vila de Alcoutim eram seus amigos mais chegados, entre outros, Manuel Serafim, Luís de Brito, José Amaral, Francisco do Rosário, Trindade e Lima, António Joaquim Felício. Era frequente vê-lo na praça em passeio durante muito tempo de braço dado com o Francisco do Rosário. Há fotografias que mostram o Dr. Dias com semblante feliz com amigos após um almoço no campo.



Legenda conforme a referida na página 56.

Na rua, conhecia e cumprimentava toda a gente. Sendo extremamente popular, tinha sempre uma palavra agradável, bem-disposta e brincalhona para com todos. E as pessoas na generalidade gostavam muito dele.

«[...] Ele era um Deus do céu para esta gente porque era um homem que foi criado no campo e conhecia a vida do campo, os pais eram camponeses e a vida dele foi assim. [...]» [Eulália]

«[...] Era simpático, o máximo...o máximo [...] Ele conhecia-me muito bem, conhecia toda a gente do concelho. [...] Era um Senhor que tinha sempre uma boa graça. [...] Também tinha feitio assim de brincadeiras. [...] Aqui em Alcoutim também conversava com toda a gente, olhe estava ali um pau grande que lhe chamavam o pau da censura [...] e eles punham-se ali no pau da censura a dizer isto e a dizer aquilo das outras pessoas e ele sentava-se lá também. Conversava com a gente e conhecia a gente. [...]» [Jesuína].

Também na sua casa era frequente a visita de seu irmão Francisco, também médico em Castro Marim, e de sua irmã Claudina Xavier Cavaco, que residia em Odeleite, acompanhados das respectivas famílias. Também o seu primo, o Dr. Cavaco, advogado em Vila Real de Santo António, o visitava.

Muitas vezes, durante esses jantares, ouvia-se a esposa D. Cecília tocar piano. Ela era boa executante. Muitos dias a ouvíamos ensaiar. Constatou até que, uma vez, cerca do ano de 1950, o casal teve a visita do actor João Villaret, amigo pessoal do Dr. Dias, que teria cantado acompanhado ao piano pela D. Cecília.

Para distrair muitas noites na loja do Sr. Manuel Serafim, acontecia o que se pode considerar uma tertúlia onde, conversador animado e bom comunicador como era, polarizava as atenções dos interessados, comentando os acontecimentos locais, do país e do mundo incluindo a Guerra Mundial e os problemas dos cidadãos.



Loja do Serafim e Igreja da Misericórdia

Curiosamente, mesmo com clara dicção e dotes de orador, não gostava de botar discurso.

Noutras ocasiões, aproveitava essas reuniões informais para ensinar sem ares doutorais a fundamentação da higiene geral e de como levar à prática questões úteis de higiene pessoal: a lavagem, desinfeção e as consequências da sua falta – a propagação das infeções.

Também falava sobre os mecanismos de atuação das vacinas e soros, e muitos outros conceitos que influenciaram muitas pessoas de então. Do mesmo modo, respondia a qualquer questão que lhe colocassem sobre os mecanismos da contração de doenças e o modo de as prevenir.

A História da Medicina era tema muitas vezes. Dos seus grandes obreiros eram citados, entre outros: Hipócrates, Escolápio, Pasteur, Koch e o seu grande mestre de cirurgia Bissaya Barreto. Também as obras de alguns deles eram referidas. Era o que se chamaria hoje de pequenas sessões de divulgação de História da Medicina, uma prática louvável por pessoa tão ocupada.

Muitas vezes, falava do perigo de comer cogumelos do campo, das mortes horrorosas que provocavam por envenenamento. Aconselhava também a não beber de bruços em águas paradas, dado o perigo das sanguessugas e das ténias. Pelo menos, dizia: «— convém ver o que se bebe fazendo concha com a mão».

Foi, pois, com ele que muitos jovens ouviram pela primeira vez falar de assuntos científicos e filosóficos. Aqueles que souberam ouvir, aprenderam muito. Inclusivamente houve quem absorvesse a filosofia de vida que o seu exemplo influenciava.

Também não perdia uma oportunidade quando lhe surgia nessas noites um estudante, em especial se era um seminarista, para fazer perguntas de Latim, de que fora um aluno brilhante.

Era um homem bem-disposto que irradiava alegria e simpatia. Gostava de contar a sua anedota ou gracejar com histórias da sua vida real.

Entre elas recordamos a história de um burro jovem, mas escanzelado, que comprara na estrada a ciganos por 50 escudos; da sua surpresa por lhe virem entregar o burro depois de já pago, uma coisa pela qual não esperara; da hospedagem da caravana toda no seu quintal a comer e beber durante 8 dias; e ainda das proezas do burro depois de recuperado com boa alimentação.

Dizia com ironia: «Salvei o burro de morrer de fome e fiz ainda um bem para a saúde pública ao evitar que ele fosse abatido e fosse utilizado para fazer uns chouriços!»

Tinha toda a vaidade e ironizava com as capacidades e proezas do seu burro, que lhe foi de grande utilidade no transporte de água para sua casa e para o hospital e na ajuda na lavoura aos seus empregados. Tinha de facto lavoura na Corte Velha. Em Alcoutim, no Rocio, tinha a horta com uma nora em que o burro foi de muito préstimo.

Gostava também de ouvir anedotas, por vezes um pouco mais brejeiras, e casos irónicos da vida real, mas que suscitavam hilaridade. Apesar de alguns já terem sido contados várias vezes, desafiava sempre que a ocasião era oportuna para o protagonista o repetir como se fosse inédito.

E, ao que consta, também em Faro, no Café Aliança, quando aí se deslocava, se dispunha a alimentar o debate nessa tertúlia, possivelmente a um nível mais erudito. E não só o debate. Por vezes, um doente mais atrevido mostrava-lhe as maleitas mesmo ali e o Dr. Dias não se fazia rogado:

«— Então o que é que o Senhor tem?

— Então o Senhor é médico?

— Sou, eu sou o Doutor Dias de Alcoutim.

— Ai eu tenho ouvido falar, muito. Sabe o que é que eu queria Senhor Doutor? Se o Senhor Doutor sabe fazer a operação às varizes? Eu tenho estado desgraçado das varizes, tenho as pernas cheias de buracos, já não posso dar um passo, daqui a pouco tenho... que me sentar numa cadeira e estar ali.

— Isso opera-se em três dias e o Senhor põe-se bom mas tem que ir para a minha terra.

— Então porquê?

— Quero que você vá para a minha terra para tratar dos buracos e curá-los. Tem oito dias para se curar dos buracos e está outros oito para vir curado da operação [...].» [Jesuína]

Era um homem bom e sentia-se bem por ver os outros felizes: o casal Dias, como refere a sua afilhada Mimi Amaral, quando ia à sua aldeia natal da Corte, levava sempre um vasto provimento de rebuçados. Buzinava e a seguir distribuía os rebuçados pelo grupo de crianças

que rapidamente se formava em torno do carro. Para ele como para a D. Cecília, era uma enorme felicidade ver a alegria daqueles miúdos. Também adultos acorriam para os cumprimentar e receber uma palavra de amizade.

Gostar das pessoas e ter um enorme prestígio fizeram que o casal Dias fosse muitas vezes convidado para padrinhos de batismo de muitas crianças e de muitos casamentos. A partir de certa altura, o Dr. Dias começou a delegar nos seus filhos esses apadrinhamentos. Também as pessoas procuravam muitas vezes o seu conselho amigo sobre os mais variados assuntos: eram as partilhas, eram os casamentos dos filhos, o testamento a fazer, etc.

Os seus filhos Fernando e João foram educados no mais amplo convívio com todas as outras crianças e com os trabalhadores do rio — pescadores e barqueiros. As portas do quintal estavam sempre abertas a outras crianças.

Esse quintal ajardinado, com as suas árvores, arbustos, canteiros e algumas aves exóticas, entre as quais dois casais de pavões que de vez em quando abriam as asas para mostrar as suas lindas penas, ainda tinham espaço suficiente entre canteiros para se poder brincar.

O quintal, sempre com mais de meia dúzia de outras crianças, servia de campo de futebol e de pista do automóvel a pedais. A casa também estava franqueada até à cozinha, onde íamos beber água ou saborear algum doce com que nos presenteavam.

A simpatia destes filhos, aliada à gratidão e ao respeito para com o Pai, viu-a o João, já adolescente, reconhecida com a oferta pelo Chico Balbino de um barco à vela para uma pessoa — uma réplica pequena à escala de um *buque* que ele tinha construído. O João tornou-se um verdadeiro mestre na arte de bolinar ou bordejar, como aqui se diz, com o treino neste barco com a sua vela latina.

Tinha uma imensa ternura pelos filhos e um coração muito sensível. Uma vez, à noite, enquanto o Pai dormia, o filho João, que tinha 16 anos, foi dar uma volta com amigos no *Opel*. Na volta grande, com nevoeiro, um homem manda-os parar. Evita o atropelamento, mas amolga o carro a ponto de o guarda-lamas direito bloquear a roda, que depois desbloquearam. De manhã, ao pegar o carro para ir a Faro, o Dr. Dias viu aquela avaria e disse na G.N.R.: «— Cabo Martins prenda o meu filho João até à hora de eu chegar e depois decidiremos o que fazer!» O cabo não obedeceu. Quando o Dr. Dias regressou e ia

ralhar ao filho, este antecipou-se e disse: «— Pai, veja o que fiz, esta poesia que lhe dediquei!» estendendo-lhe um papel. Como resposta, perdoou e deu-lhe um beijo.

O Dr. Dias acompanhou os movimentos dos mais jovens em prol do seu desenvolvimento cívico, humano e desportivo e soube transmitir aos filhos a necessária formação nesses campos.

É por isso que não podemos desligar a fundação do Grupo Desportivo de Alcoutim e a realização das Festas de Alcoutim de um misto de uma bela inserção destes jovens filhos do Dr. Dias na juventude alcouteneja que sentia esse apelo, e de, com certeza, a «autorização paterna» para isso. Essa autorização é confundida por alguns como um «empurrão» para a causa ou mesmo com a sua paternidade.

Hoje pensamos que tinha a mente já bem desperta para as questões ecológicas. A qualidade do ar em Alcoutim não seria muito má no tempo em que viveu. No entanto, segundo refere a Mimi Amaral, ela teria viajado algumas vezes com o casal até próximo dos Balurcos, para irem apanhar ar puro, segundo ele dizia.

Mas o Dr. Dias foi muito mais do que o cidadão ativo e consciente na formação dos alcoutenejos e dos seus filhos de que demos alguns exemplos. Foi o médico cuja fama saiu muito para fora do concelho. Chegou a correr que fazia milagres. Essa fama de que fazia milagres nunca o Dr. Dias a alimentou, nem em Alcoutim assim se pensava. Conhecer toda a gente do concelho, o seu modo de vida, antecedentes pessoais, doenças anteriores, que retinha na sua prodigiosa memória e ter uma boa e atualizada preparação científica eram o segredo do seu sucesso com os doentes. Eis o que pensavam os seus contemporâneos:

«Depois alguns dos outros médicos não acreditavam no que ele fazia, chamavam-lhe a Santa dos Milagres, que ele fazia milagres... ele não fazia milagres, o saber dele é que o fazia e a bondade dele também, não era só o saber. Era uma pessoa muito inteligente, muito esperta.» [Jesuína]

«[...] Ouvi dizer que ele se dava com toda a gente, falava a toda a gente, metia-se com as pessoas, era um homem popular. Falava com todas as pessoas e enquanto ele esteve ao serviço teve muita fama e fez muitas coisas boas.» [Custódia]

Em Alcoutim sabia-se que ele fazia da medicina e cirurgia um sacerdócio, que era um médico infatigável possuidor de uma enorme

capacidade de trabalho e que tinha um grande despreendimento dos proveitos materiais.

Por vezes, o doente tanto de fora como do concelho não pagava os serviços médicos e ainda era auxiliado por ele para comer durante o tratamento, aviar a receita na farmácia e para se deslocar para a sua terra depois. Era a caridade, a solidariedade para com os seus semelhantes que o levava a não aceitar muitos pagamentos.

Há quem se lembre do Manuel, natural de Vaca Gorda, Vale da Amoreira, Odemira. O Dr. Dias tratou-o a uma hérnia inguinal, como era habitual com os pobres, não lhe cobrou um tostão. Passados poucos meses, ele atravessou todo o Algarve para vir entregar em sinal de reconhecimento um grande ramo de orégãos ao médico.

Alguns doentes de fora, com posses, até se aproveitaram algumas vezes para serem tratados gratuitamente!

Muitas famílias do concelho pagavam uma avença de alguns escudos anuais que lhes dava direito a assistência médica. Essa avença permitiu ao Dr. Dias instalar consultório em Alcoutim antes da nomeação para os cargos públicos de médico municipal e de subdelegado de saúde. Respeitou sempre essa avença até ao fim da vida.

Há quem pense que a prática insensibiliza o médico para o sofrimento. Isso não é verdade! O Dr. Dias, quando lhe ocorria uma morte, sentia uma enorme irritação e frustração por não poder salvar o doente. Nas conversas à noite na loja do Sr. Manuel Serafim referia-se ao facto com todo o pesar. Era o que acontecia perante uma pessoa envenenada com cogumelos ou um doente com os intestinos perfurados devido a um coice de animal no ventre e que recorriam ao médico quando já nada havia a fazer.

A humanidade deste ilustre cirurgião, a sua compaixão perante a dor alheia, que assumiu como missão atenuar, fizeram que não pudesse deixar de tratar animais em condições muito particulares. Citamos a operação a uma sua mula com o ventre perfurado pelos varais da carroça que se despenhou da rua para o seu quintal, a cerca de 5 metros de altura, durante as obras na sua casa, e a operação a um tumor numa égua, a cujos tratamentos assistia quase sempre acompanhado do seu velho colega Dr. Cunha.

Os alcoutenejos puderam observar muitas vezes a consideração, o respeito e a deferência com que tratavam o Dr. Dias pessoas a quem nada devia além desse respeito. Os médicos e outros oficiais do

Exército, quando vinham fazer a inspeção de mancebos para a tropa e se reuniam na rua informalmente com o Dr. Dias. Ou as autoridades judiciais (Juiz e Delegado da Comarca de Vila Real de Santo António) quando vinham em serviço assistir à autópsia realizada pelo nosso médico.

A sua boa disposição e simpatia não foram impedimento para que o Dr. Dias assumisse uma postura de firmeza sempre que pessoas colidiam com a saúde pública. São exemplo os dois casos que se citam a seguir.

Apreendeu e ele próprio deitou ao rio as ferramentas de dentista dum barbeiro de Alcoutim, depois de este quase matar um jovem a quem arrancou um dente seguido de infeção, quando ainda não tinham nascido os antibióticos.

Arromba a porta da Igreja da Misericórdia, então casa mortuária, mas fazendo também as vezes de Igreja Matriz durante a ruína do telhado da Igreja do Salvador, porque o padre se recusava a dar a chave para lá velarem um homem acabado de morrer depois de operação cirúrgica.



Igreja da Misericórdia

Fora do trabalho o Dr. Dias vestia sempre de maneira clássica, com fato (calça e casaco) e gravata. No inverno, agasalhava-se com um colete e, se havia mais frio, usava sobretudo e uns *polainitos* sobre os sapatos. Não sendo um fumador assíduo, gostava de vez em quando, em momentos de descanso e descontração, de fumar o seu grande charuto. Mas a partir de dada altura achou que não lhe fazia bem e deixou completamente essa prática.

«[...] Muito boa pessoa, um homem muito bonito, um Senhor forte e bonito, tinha dois filhos, o Fernando e o João. Ele era um homem vistoso e bonito e dava nas vistas, um homem maravilhoso. A mulher chamava-se ...chama-se, agora já morreu também, era Cecília, era a namorada em Coimbra, ele estava a estudar em Coimbra e ela era de lá...» [Eulália]



Busto da estátua do Dr. João Dias

«[...] Olhe a estátua que está além, é a figura dele, retratadinho.» [Jesusina]

A personalidade do saudoso Dr. João Francisco Dias pode sintetizar-se como sendo a de um Homem que soube viver intensamente a sua profissão. Exerceu-a com brio e brilhantismo e dela fazia um verdadeiro sacerdócio. Pode dizer-se, por outro lado, que não havia no concelho de Alcoutim quem não lhe devesse uma atenção ou favor além daquilo a que era obrigado como médico. Era um benemérito, como foi reconhecido ainda em vida e muito novo pela população do concelho, em 1942, com o descerramento de lápide no Hospital de que foi fundador, tendo a sua morte sido chorada de ambos os lados da fronteira por milhares de pessoas e o seu funeral uma manifestação de pesar impressionante. Como a sentiram os alcoutenejos:

«[...] Isso foi como uma bomba que estourou, eu já era casada nesse tempo, tinha 27 anos. Foi muito falado, eu nem me lembro de ver um funeral tão grande... vim ao funeral dele. Veio muita gente, encheu-se a vila. Ele estava em casa quando isso aconteceu. [...] Alcoutim morreu um pouco, isso foi um choque para muita gente, porque muita gente estava a fazer vida às custas dele...com quartos para alugar. Ele estava a dar vida a muita gente daqui e depois acabou-se isso.» [Custódia]

«[...] Numa ocasião consultei-me com o Doutor Balté [de Faro] e falámos nele e ele veio cá quando o meu padrinho morreu e disse-me assim: «Nem me fale nessa trágica noite.»[...]» [Eulália]

Meses depois da sua morte, ainda chegavam flores para honrar a sua memória.

O que mais poderia ser dito? Palavras de agradecimento pela sua obra, pelo seu exemplo.



À esquerda:
Capa do folheto
com o programa das
Festas de Alcoutim
de 1954.

* Técnico Superior
de Património
Cultural –
Câmara Municipal
de Alcoutim.

Projeto de um Hospital Sub-Regional em Alcoutim

*Fernando Estêvão Dias**

O Dr. João Francisco Dias veio instalar-se em Alcoutim, nos inícios da década de trinta do século XX, para exercer medicina, vindo encontrar parcas condições para tal missão. A maioria da população vivia de forma remediada e com poucos recursos económicos, ocupando-se maioritariamente nos trabalhos agrícolas, atividades ligadas ao rio e ao comércio com Espanha. A agricultura aqui praticada era de subsistência, procurando-se, sobretudo, garantir os alimentos indispensáveis para o agregado familiar e criar gado para vender nos mercados tradicionais da região, realizando dessa forma o indispensável pecúlio familiar. O rio Guadiana mantinha-se desde há séculos como a grande via de comunicação que ligava Alcoutim ao “mundo”, permitindo intenso comércio com a vizinha Espanha e com as cidades do litoral algarvio. As habitações existentes construídas de pedra e barro, cobertas com caniços e telhas de meia cana, não ofereciam o conforto das modernas habitações, sobretudo a nível do controle térmico e de humidade. A pequena vila raiana era dominada pelo castelo, que se encontrava em crescente ruína, contudo materializava a importância histórica da urbe. Alcoutim era uma terra com dificuldades idênticas às terras do interior, onde ainda não existia saneamento básico nem eletricidade pública. Neste contexto podemos perceber as dificuldades afetas ao exercício da medicina.

Foi este o cenário que o Dr. João Francisco Dias encontrou e que desde a sua chegada tentou mudar. Relembramos que, poucas décadas antes, do Dr. Dias, um médico aqui se veio instalar para exercer medicina e que só aguentou viver em condições análogas um mês. Esta situação aconteceu no verão de 1885 com o Dr. Tito de Bourbon e Noronha que deixou relato escrito da sua estadia em Alcoutim (NORONHA, 2006: 29-46). Perante o contexto existente em Alcoutim, o Dr. João Francisco Dias rapidamente começou a trabalhar para alterar o estado da situação e poder oferecer à população a melhor assistência médica possível. Em três de abril de 1932, pediu para ser admitido como irmão da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim (Ata SCMA de 3.4.1932) e em doze de julho desse mesmo ano toma posse

como provedor (Livro de tomadas de posse da SCMA). Desde logo começou por adaptar o edifício da Misericórdia transformando-o em pequenas instalações hospitalares, mas que com o passar dos anos, e muito devido à reputação que conquistou como médico, veio a revelar-se um espaço limitado. Assim, como provedor da Santa Casa da Misericórdia, começou a planear a construção de um hospital sub-regional em Alcoutim, que tinha como objetivo o tratamento e internamento de doentes de todo o Algarve e Baixo Alentejo. Para tal obra presume-se que solicitou estudos e apoios, disso nos dando conta as atas da comissão administrativa da SCMA de 1955, já após a sua morte (no arquivo da SCMA não existem os livros de atas entre 1940 e 1955):

«Tendo em atenção as diligências efectuadas para a construção do Hospital Sub-Regional em Alcoutim, junto da Direcção-Geral de Assistência, e Comissão de Construções Hospitalares, as quais têm sido relativamente coroadas de êxito...» (Ata da reunião da SCMA de 14 de julho de 1955)

Na mesma ata (14.07.1955) foi presente um ofício da Comissão de Construções Hospitalares informando que estava elaborado o anteprojecto da construção do Hospital Sub-Regional na vila de Alcoutim e que o andamento do assunto dependia da Direcção Geral de Assistência.

Na ata da reunião de 30 de junho de 1955 é referido ofício da Direcção-Geral da Assistência, em resposta a um ofício enviado a 21 de maio de 1955, informando «...que com a importância indicada – setenta mil escudos – como disponibilidade desta misericórdia, para fazer face à primeira fase das obras do Posto Hospitalar, não é possível levar a efeito tal empreendimento. Informa também, que aquela Direcção-Geral, por vezes, concede subsídios destinados a ajudar as Instituições, não ultrapassando porém, estes, normalmente, vinte e cinco por cento do custo das obras, e que a primeira fase da construção do Posto Hospitalar importa em seiscentos e quarenta mil duzentos e dez escudos. A Misericórdia terá de arcar com cerca de cento e sessenta e um mil escudos, pelo menos, faltam-lhe por tanto, noventa mil escudos, que deverá procurar arranjar, quer por meio de um cortejo de oferendas, quer através de uma campanha bem organizada.» Como se pode perceber pela análise atenta, houve aqui um erro nas contas feitas pelos elementos da comissão administrativa que tomou conta da Santa Casa após a morte do Dr. Dias, pois o valor a assumir pela

Santa Casa na obra era 480 157\$50 (75%), descontando os 70 000\$00 que já tinham faltava-lhe 390 157\$50.

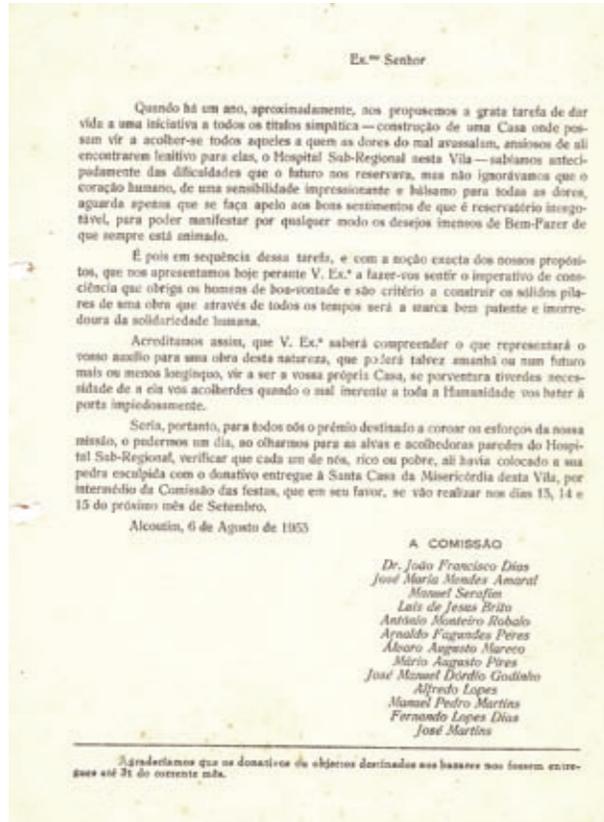
Assim se prova a existência do «projeto» do hospital sub-regional e dos contactos feitos com as autoridades competentes para a sua prossecução. A localização exata do hospital é desconhecida dos documentos consultados, mas segundo informações fornecidas pela Dr.^a Vitória Cassinelo, nora do Dr. Dias, a ideia do ilustre clínico era construir o novo Hospital Sub-Regional na zona dos Balurcos.

Como a instituição que dirigia não tinha os recursos económicos para tão grandiosa obra e os apoios a receber de outras instituições não iriam além dos vinte e cinco por cento, o Dr. Dias, homem dotado de grande inteligência, começou a estudar a forma de resolver a questão. Pelos factos conhecidos, deduz-se que lhe tenha surgido a ideia de lançar um grande evento, capaz de servir os interesses de angariar os fundos almejados. Assim surgiram as Grandiosas Festas de Alcoutim com a primeira edição oficial realizada em setembro de 1952.

Contudo, as «festas» herdaram a matriz dos festejos iniciados, em 1950, pela juventude do Grupo Desportivo de Alcoutim. A data já havia igualmente sido escolhida e coincidia com a moribunda feira anual iniciada em 1822, com autorização do rei D. João VI, nos dias 13, 14 e 15 de setembro de cada ano (MESQUITA; 2009). Porém, havia que dar-lhe outra dimensão, outra notoriedade, para que servisse ao mesmo tempo o propósito de promover a cultura, o desporto, o divertimento para os jovens e um objetivo ilustre de angariar os recursos económicos para a construção de um Hospital Sub-Regional em Alcoutim. Rapidamente este projeto ganhou adeptos e no dia 13 de agosto de 1952 a Câmara Municipal de Alcoutim, presidida pelo Prof. José Maria Mendes Amaral, fez um convite dirigido a todos os homens influentes da vila e alguns jovens para uma reunião na Câmara Municipal, a fim de tratar assuntos de interesse para o concelho (Arq. SCMA, Fundo Festas de Alcoutim). Esta convocatória apresenta trinta e seis nomes encabeçados pelo Dr. João Francisco Dias. Pelos factos conhecidos e documentados, podemos depreender que nesta reunião foi decidido avançar com as Grandiosas Festas de Alcoutim, em que os homens influentes e com poder em Alcoutim se comprometeram a contribuir para o sucesso do evento.

As «festas» integraram as várias provas desportivas que a juventude havia iniciado e foi desenvolvido um programa de grande valia artística e cultural com artistas de renome, fogos de artifício, geradores

para iluminação, aparelhagem sonora, bufete, quermesse, etc. Foram assumidas grandes despesas, pelo que havia que rentabilizar o investimento da melhor maneira para que houvesse lugar ao pretendido lucro. Passaram a ser realizadas circulares anuais e enviadas a todos os alcoutenejos e amigos de Alcoutim que se encontravam fora do concelho a solicitar o seu donativo a favor da construção do Hospital Sub-Regional em Alcoutim.



Circular enviada a milhares de alcoutenejos e amigos de Alcoutim a solicitar donativo a favor da construção do Hospital Sub-Regional.

Iniciou-se um peditório de donativos monetários e em géneros, por toda a freguesia de Alcoutim, principais povoações do concelho e concelhos vizinhos, de que se encarregaram os jovens. O peditório era iniciado dois ou três meses antes das «festas». Nos primeiros anos, organizaram-se cortejos de oferendas com grupos de danças e cantares representativos de todas as freguesias, que percorriam as ruas das portas de Mértola e da Misericórdia até à praça, transportando todo o espólio de ofertas recolhido no peditório. No peditório recolhiam grandes quantidades de cereal, que era vendido, enquanto os outros bens serviam de prémio nos bilhetes da quermesse.

No final de cada edição das «festas» eram feitas as contas e apresentadas à população em sessão pública no edifício dos Paços do Concelho. Os lucros ficavam à guarda da Comissão Angariadora de Fundos para a Construção do Hospital, que os depositava numa conta na Caixa Geral de Depósitos e Previdência. Esta comissão era constituída por três elementos: o provedor da Santa Casa; o presidente da Câmara; e o tesoureiro da Fazenda Pública. A Comissão Angariadora de Fundos tinha apenas por objetivo arrecadar fundos e guardá-los em conta autónoma, mantendo a separação necessária das instituições representadas e assegurando a maior transparência em todo este processo, transmitindo a confiança

necessária a todos os que haviam contribuído.

Com a morte prematura do Dr. Dias, a 8 de março de 1955, toda esta dinâmica esmoreceu, diminuindo o saldo dos peditórios, sofrendo a organização das «festas» um rude golpe. Nos anos seguintes, os responsáveis pelas instituições de Alcoutim tentaram a todo o custo continuar a iniciativa do Dr. Dias, mas a única coisa que sobreviveu foi a organização das «festas» anuais até à atualidade. O projeto do hospital nunca veio a concretizar-se, a iniciativa foi perdendo grandiosidade, a população começou a decrescer de forma irreversível e apenas se foram realizando pequenas obras de manutenção no espaço deixado pelo Dr. Dias. No início da década de setenta, houve a necessidade de ampliar o antigo hospital para o transformar no centro de saúde de Alcoutim, ampliação que acabou por acontecer roubando cerca de metade do espaço da Igreja da Misericórdia.

Nas «festas» realizadas no ano de 1955, ano do falecimento do Dr. João Dias, veio atuar a Alcoutim um grupo de cantares da Mina de S. Domingos, que fez uma «moda» em homenagem ao ilustre médico de Alcoutim:

*Situada à beira rio
Linda vila de Alcoutim
A terra te seja leve (Dr. Dias)
Quem de ti fez um jardim*

(Informação do Sr. José Francisco Cavaco de Alcoutim)



Vista parcial do recinto das «festas». Foto cedida por D.^a Maria Augusta Caimoto Amaral



À esquerda:
Monumento
ao Dr. João Dias
na actualidade

* Técnico superior
do Município
de Alcoutim
e investigador
de história local.

Homenagens ao Dr. João Dias

*Jorge Palma**

Do quadro de nomes que integram a galeria dos ilustres alcoutenejos, desde a fundação do concelho até à atualidade, João Francisco Dias é, seguramente, o mais relevante e conhecido. A sua vida foi curta: 56 anos, 23 dos quais passados em Alcoutim. Estes foram preenchidos a fazer o que melhor sabia – medicina. Em pouco mais de duas décadas dedicadas à causa pública, deixou o seu nome profundamente marcado na saúde e assistência social da população deste concelho do interior algarvio. Nesse intervalo de tempo angariou notoriedade, profunda admiração e devoção.

De carácter generoso, humanista e simultaneamente austero, tornou-se um verdadeiro líder local. Médico num concelho pobre, isolado e extenso, cirurgião exímio, dirigente político, cidadão interventivo e empreendedor foram características que, conjugadas, despertaram paixão e veneração. Por esta razão, foi alvo de inúmeras homenagens, tanto em vida como após o seu falecimento, momento que fez emergir o mito. Homenagens materializadas através de louvores, placas evocativas, topónimos e da perpetuação da sua efígie no bronze.

Tributos em vida

O primeiro reconhecimento público surgiu em 1940, cerca de 8 anos após a sua chegada a Alcoutim. O diretor-geral de saúde pública, José Alberto de Faria, em visita de trabalho ao Algarve, com o objetivo de elaborar um diagnóstico das condições hospitalares da província, deslocou-se a Alcoutim, nos dias 8 e 9 de julho, onde foi «encontrar um aspecto de tal interesse no ponto de vista de devoção humanitária e profissional»(1).

Tal situação foi relatada de imediato ao ministro do Interior, Mário Pais de Sousa, tendo o diretor-geral, na sua explanação, aditado: «sem qualquer prurido, sem outra finalidade que não a do cumprimento do dever humanitário, que ali no desconhecimento de todos, o Dr. João Francisco Dias (...) instalou umas camas e um progressivo serviço de socorro e operatório (...), feito com tudo o que é preciso para valer aos

(1) Ofício da
Direção Geral
de Saúde Pública
ao ministro
do Interior,
de 09/07/1940.

doentes e recolhi a impressão de que ali se praticava o que noutros pontos só se conseguiria depois de custosa instalação»(2).

Logo no dia 9 de julho, o ministro exarou um despacho no sentido de ser lavrada uma portaria, onde fosse consignado um louvor ao médico de Alcoutim. A portaria foi publicada a 11 de julho de 1940, com o seguinte teor:

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que seja louvado o Dr. João Francisco Dias, médico municipal e delegado de saúde do concelho de Alcoutim, pelo seu devotado esforço profissional e por suas iniciativas de benemerência, tam bem conduzidas que já lhe permitiram, exclusivamente por contribuição própria e pela das forças locais, conseguir para a população desse concelho, tam afastado dos centros, possibilidades notáveis de auxílio aos doentes e inválidos»(3).

Dois anos depois, na sequência da construção de instalações hospitalares em Alcoutim(4), cujo impulsor foi o Dr. João Dias, foi a vez da comissão administrativa da Santa Casa da Misericórdia, em representação do povo alcoutenejo, lhe prestar tributo, pela sua ação altruísta. O ato ficou assinalado numa lápide de homenagem, colocada na fachada do Hospital da Misericórdia e descerrada a 5 de abril de 1942, com a seguinte inscrição:

«HOMENAGEM AO FUNDADOR DESTE HOSPITAL DR. JOÃO FRANCISCO DIAS PELOS RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS AO POVO DESTE CONCELHO»

Esta iniciativa reconhecia em sua vida o mérito e a obra do médico que se empenhou, desde a sua chegada a Alcoutim, na melhoria contínua das instalações de saúde e do bem-estar da população, apesar dos poucos recursos disponíveis.

Já na década de 1950, foi o seu nome perpetuado na denominação de uma das principais artérias de Alcoutim. A Câmara Municipal, presidida por José Maria Mendes Amaral, resolveu proceder ao ordenamento toponímico da vila, que se apresentava confuso e incoerente, atribuindo igualmente numeração de polícia a todos os edifícios.

(2) *Idem.*

(3) *Diário do Governo*, II série, n.º 159, de 11/07/1940, p. 3539.

(4) O hospital foi edificado em local anexo à Igreja da Misericórdia, onde anteriormente se situavam a sacristia, a casa do despacho e a casa do andador. Cf. PINTO, Maria Helena Mendes; PINTO, Victor Mendes, *As Misericórdias do Algarve*, Ministério da Saúde e Assistência – Direcção-Geral de Assistência, Lisboa, 1968, p. 200.

(5) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/06/1950, p. 161.

(6) *Notícias do Algarve*, n.º 92, de 13/03/1955, pág. 2.

Após a análise da situação e a realização de um trabalho aturado, foi «deliberado por unanimidade manter ou dar novas denominações às ruas de Alcoutim com as numerações policiais respectivas»(5), em reunião realizada a 21 de junho de 1950. Entre as modificações empreendidas constou a alteração da nomenclatura da Rua Dr. Miguel Bombarda, antiga Rua Direita, que passou a denominar-se Rua Dr. João Dias. Era precisamente nesta artéria que o clínico havia edificado a sua casa de habitação e onde tinha instalado o seu consultório médico, local sobremaneira frequentado na vila de Alcoutim.

As homenagens ao médico não se cingiram à sede de concelho, estendendo-se igualmente a outras freguesias. A população de Giões também quis honrar a sua dedicação e humanismo, tendo-lhe rendido preito através do descerramento de uma lápide, no dia 15 de agosto de 1954, data da festa anual em honra da padroeira da freguesia, Nossa Senhora da Assunção. A placa, de mármore branco, ficou colocada na fachada do edifício da Junta de Freguesia, no centro da aldeia, e ostentava a seguinte epígrafe:

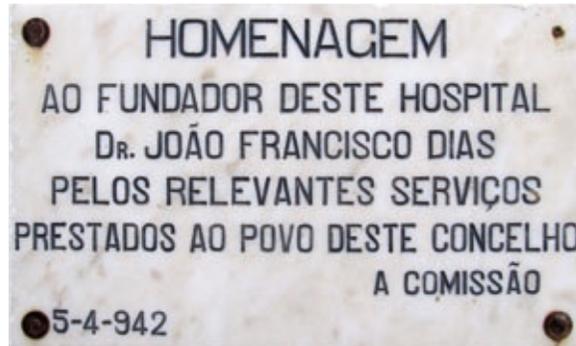
«HOMENAGEM AO DR. JOÃO FRANCISCO DIAS PELOS RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS AO POVO DESTA FREGUESIA; EMINENTE BENEMÉRITO DO SÉCULO XX, MÉDICO MUNICIPAL, SUB-DELEGADO DE SAÚDE E FUNDADOR DO HOSPITAL, NESTE CONCELHO. / O POVO»

A perda do líder e a edificação de um monumento

No dia 8 de março do ano seguinte, desceu um vazio sobre Alcoutim. João Francisco Dias extinguiu-se fisicamente. Mas mais do que isso. Alcoutim acabara de perder o seu médico. Um homem dedicado, carismático, humanista e principalmente um líder, «como se dum pai se tratasse»(6). Mas a sua memória permaneceria enraizada nestas terras do nordeste algarvio.

No dia 9, dia de exéquias, o povo saiu à rua vestido de negro. O funeral de João Dias trouxe para as artérias da pequena vila raiana milhares de pessoas que lhe prestaram o último tributo. Alcoutim

Lápide de homenagem na fachada do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim



Placa evocativa na fachada do edifício da Junta de Freguesia de Giões

nunca mais foi a mesma. «Oitenta por cento da sua população vivia (...) do nome do médico ilustre. Eram muitos e de valimento os que diariamente acorriam à pequenina e modesta vila, para ouvir a sua palavra de médico, animando, assim, estabelecimentos e toda a vida local. Quem aqui tivesse vindo no tempo do dr. Dias e agora volte, logo reconhece a profunda modificação da fisionomia da terra. Saíamos de casa e quase que só encontrávamos na rua caras desconhecidas. Hoje, essas mesmas ruas estão desertas e são muitos os que cruzam os braços desanimados, porque Alcoutim, com a morte do Dr. João Dias é também uma terra morta»(7).

Na semana sequente à morte do médico, observaram-se várias manifestações de pesar. «De oito em oito dias a sua memória é relembrada com missas de sufrágio»(8). Diversos jornais, principalmente regionais mas também nacionais (9), publicaram textos de vincado elogio fúnebre. Em unísono relataram a sua precoce morte; exaltaram o importante contributo para a melhoria significativa das condições de assistência à saúde dos alcoutenejos; clamaram o enorme vazio que a sua perda significara.

No dia 21 de março, em sessão da Câmara Municipal de Alcoutim, José Maria Mendes Amaral, presidente da autarquia, apresentou uma proposta, aprovada por unanimidade, para «que se guardasse um minuto de silêncio em memória do saudoso e ilustre médico municipal, Doutor João Francisco Dias e que ficasse exarado na acta um voto de profundo pesar pelo seu falecimento (...)»(10).

Logo a 24 de abril, Maria Natália Morgado, num artigo de opinião publicado no jornal *Gazeta do Sul*, do Montijo, além de tecer rasgados elogios ao médico, alvitrou a ideia de «pelo seu apostolado, o doutor João Dias bem digno se tornou de que lhe ergam uma estátua em sua memória, para que o seu nobre exemplo fique perpetuado»(11).

A ideia foi acolhida com agrado e ficou a ressoar no pensamento de vários alcoutenejos. No início do ano seguinte, uma comissão, composta pelo presidente da Câmara Municipal, José Maria Amaral, o comandante do posto da G.N.R., Manuel Pedro Martins, e o provedor da Santa Casa da Misericórdia, Luís da Silva Lopes Corvo, chamou a si a iniciativa de imortalizar a memória do falecido médico, através da construção de um monumento, organizando todo o processo dessa mesma homenagem.

A notícia veio a público através da imprensa: «o dr. João Dias (...)

(7) *Diário da Lisboa*, n.º 11617, de 08/04/1955, pág. 7.

(8) *Idem*.

(9) Destaque para *O Algarve*; *Notícias do Algarve*; *Gazeta do Sul*; *Diário de Lisboa*; *Jornal do Barreiro*; *Folha do Domingo*.

(10) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/03/1955, p. 31v.

(11) *Gazeta do Sul*, n.º 1280, de 24/04/1955, pág. 11.

(12) *Notícias do Algarve*, n.º 137, de 22/01/1956, p.1.

(13) *Notícias do Algarve*, n.º 140, de 12/02/1956, p.2.

(14) *Notícias do Algarve*, n.º 143, de 04/03/1956, p.2.

(15) As informações relativas ao processo de conceção e construção do monumento ao Dr. João Dias foram facultadas por um particular, pelo que não se encontram tratadas arquivisticamente e as referências nominais estão omissas.

(16) Carta do arquiteto Galvão Roxo ao presidente da Câmara Municipal, de 20/01/1956.

(17) Carta do arquiteto Galvão Roxo ao presidente da Câmara Municipal, de 23/03/1956.

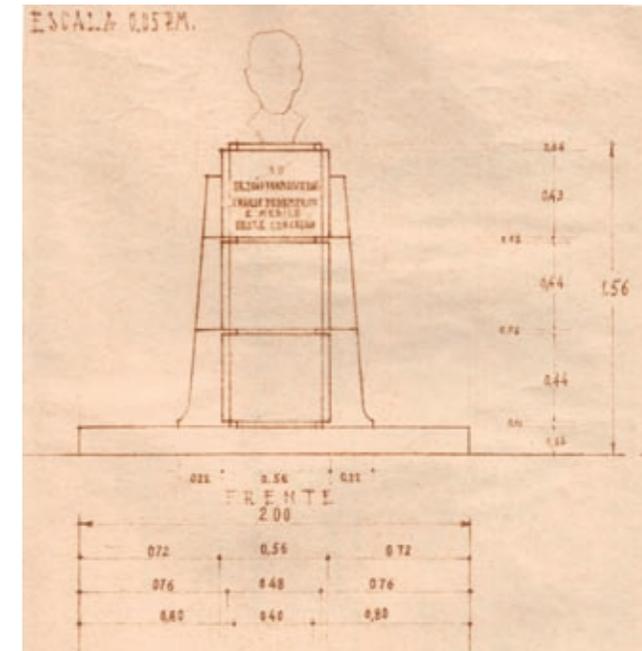
merece o respeito, a consideração e a gratidão de toda a gente. Ora, porque assim é, desde os primeiros tempos da sua morte que nos surgiu a ideia de prestarmos uma justíssima homenagem a este grande benemérito, erigindo na vila de Alcoutim, terra que tanto lhe ficou devendo, um monumento a perpetuar para sempre o seu nome e a honrar a sua memória»(12).

A subscrição pública, realizada com o objetivo de conseguir as verbas necessárias para a edificação da estátua, iniciou-se de imediato e duas semanas depois já haviam sido angariados aproximadamente 7 mil escudos(13). A relação dos donativos, provenientes principalmente do concelho de Alcoutim, mas também de outros pontos do país, foi publicada amiúde no semanário *Notícias do Algarve*: «É com prazer que a Comissão Angariadora de Fundos para a construção na vila de Alcoutim, de um busto ao saudoso benemérito dr. João Dias, tem verificado que uma grande parte, senão quase todos os alcoutinenses e amigos do dr. João Dias, têm correspondido ao apelo feito nas páginas do *Notícias do Algarve*»(14).

Para a conceção do monumento, foi selecionado o arquiteto Albertino Crujeiro Galvão Roxo, que iniciou celeremente os estudos necessários à sua concretização(15). Este sugeriu, para localização do monumento, o Largo de S. Salvador, junto à igreja matriz: «Não sei onde poderá ficar melhor mas talvez junto da igreja matriz fôsse mais de acôrdo com a dignidade do edifício, e é pelo menos mais fácil»(16). Contudo, a comissão decidiu que o mesmo seria erigido à entrada da vila, do lado norte do Hospital da Misericórdia, dado que «ali sempre tem a justificação do local onde exerceu a sua actividade com a dedicação que lhe faz merecida tal homenagem»(17). A troca de impressões, através de carta, entre o arquiteto e o presidente da Câmara Municipal, com vista a acertar pormenores acerca do projeto, foi frequente.

Através da memória descritiva do projeto é possível perceber a intervenção desenvolvida:

Pormenor do projeto do monumento de homenagem ao Dr. João Dias, da autoria do arquiteto Albertino Galvão Roxo



«No terreno cedido pela J.A.E., junto da Igreja da Misericórdia, pretende-se erigir um pequeno monumento perpetuando a memória do médico e benemérito que foi o Dr. João Francisco Dias.

O monumento é constituído por três blocos de pedra de lioz, assentes numa base circular do mesmo material.

Levará no bloco superior as letras em bronze com pregos chumbados na pedra.

Sobre a base ficará a cabeça em bronze moldado, que será colocada na parte superior do bloco.

O local será arranjado como se indica em planta geral e levará três bancos de madeira»(18).

Em maio de 1956, a comissão efetuou um balanço do trabalho realizado, divulgado através da imprensa: «Pela comissão encarregada de angariar fundos para a construção, na vila de Alcoutim, de um busto ao saudoso dr. João Dias, que já conta com a importância de 22 774\$, foi entregue ao arquitecto Albertino Galvão Roxo o projecto para este executar o referido busto. Foi também cedido, pela Junta Autónoma de Estradas, o terreno onde o mesmo será erigido, o qual fica junto à Estrada Nacional, do lado norte do Hospital da Misericórdia»(19).

Além do trabalho do arquiteto, existiu a necessidade de contratar um escultor, responsável pela execução do busto do homenageado. O nome escolhido recaiu sobre Fernando Fernandes da Silva, tendo sido lavrado contrato com este a 20 de abril de 1956. Para a execução do busto, o escultor solicitou que lhe remetessem diversas fotos do Dr. João Dias, nomeadamente as mais recentes. Contudo, o trabalho revestiu-se de algumas dificuldades, «por causa da deficiência e pobreza das fotos»(20). Este foi inicialmente moldado em barro e de seguida executado em gesso, no ateliê do escultor, em Lisboa. Devido à impossibilidade de deslocação dos membros da comissão organizadora àquela cidade, para verificação da qualidade do trabalho, foram nomeados para essa função dois alcoutenejos residentes na capital, Miguel Cadenas Caimoto, cunhado do presidente da autarquia, e Manuel José da Trindade e Lima. Após alguns reparos dos apreciadores e retoques do escultor, «encontraram semelhante não só com as fotografias, como também com a imagem memorial que lhes resta do conhecimento pessoal que tinham do falecido Dr. Dias»(21).

O molde foi remetido para a fundição, na cidade do Porto, «visto não haver em Lisboa, indústria especializada nestes trabalhos que será

(18) Memória descritiva do Projeto do Monumento ao Dr. João Dias – Alcoutim, s/d.

(19) Notícias do Algarve, n.º 155, de 27/05/1956, p.2.

(20) Carta do escultor Fernando Fernandes ao presidente da Câmara Municipal, de 22/10/1956.

(21) Carta do escultor Fernando Fernandes ao presidente da Câmara Municipal, de 06/07/1956.

(22) Carta do arquiteto Galvão Roxo ao presidente da Câmara Municipal, de 13/04/1956.

(23) Carta do escultor Fernando Fernandes ao presidente da Câmara Municipal, de 22/10/1956.

(24) Correio do Sul, n.º 2042, de 28/02/1957, p.1.

(25) Diário de Lisboa, n.º 12306, de 11/03/1957, p.14.

fundido em bronze o referido busto»(22). Em final de outubro, encontrava-se concluído, sendo «enviado [por comboio] para Vila Real de Santo António, (...) para que V. Ecia o possa levantar»(23).

A obra de construção do monumento prosseguiu a bom ritmo e os preparativos para a inauguração ultimaram-se. Para data da cerimónia foi escolhido o dia do 2.º aniversário do falecimento do notável clínico. A notícia veio a público, mencionando ter sido «erigido por subscrição pública e em tão curto espaço de tempo, o facto dá só por si a medida do profundo sentimento de saudade e do alto apreço em que Alcoutim tem a memória do que foi um dos seus mais prestimosos filhos»(24).

O dia 8 de março amanheceu em Alcoutim com a certeza da consagração a tão ilustre personalidade, a dois anos de distância do seu falecimento.

A vila engalanou-se para receber uma imensa mole humana, que se quis associar ao ato de homenagem, «que foi muito significativo por consubstanciar os anseios não só do Algarve como de grande parte do País»(25). Compareceram, além de todas as autoridades do concelho, representantes de várias entidades públicas regionais, nomeadamente o governador civil substituto, o Dr. José Ascenso, o presidente da Junta de Província do Algarve e da Comissão Distrital da União Nacional, os diretores de estradas e escolar do distrito, o delegado de saúde e, em representação dos comandantes da G.N.R. e da Guarda



Cerimónia de inauguração do monumento ao Dr. João Dias

Fiscal, os tenentes das respetivas secções, os comandantes da P.S.P. e da P.I.D.E. de Faro, os presidentes de quase todas as Câmaras do Algarve, o secretário geral do Governo Civil, autoridades espanholas de Sanlúcar de Guadiana, entre outros.

Na sessão solene de descerramento do busto, presidida pelo governador civil substituto, «que tinha à sua direita a viúva do homenageado e à esquerda o sr. presidente da Junta de Província, usou da palavra em primeiro lugar o sr. presidente do Município de Alcoutim que, depois de se referir à ideia da erecção daquele busto, que tinha como fim único perpetuar e honrar a memória de um grande benemérito de Alcoutim, cumprimentou e agradeceu a presença de todas as autoridades, agradecendo também a todos os que tinham contribuído para que aquele monumento se erigisse. Teve ainda palavras de lou-

vor e agradecimento para a Imprensa, saudou a viúva, filhos e a demais família do homenageado e terminou por afirmar que aquele busto representa a gratidão de todos para quem foi tão grande benemérito e médico, palavras que estão gravadas no pedestal do monumento, que é encimado com o busto de bronze»(26).

Seguiram-se as intervenções do «Dr. Pais Ribeiro, delegado de saúde do distrito; dr. João de Matos Parreira, chefe da Alfândega de Olhão; padre João de Araújo, secretário do bispado de Faro e pároco interino desta freguesia; dr. João Rocha Cardoso, advogado em Silves», que fizeram «com muito brilho, o elogio do homenageado»(27). Interveio ainda D. Miguel Ferreira, «alcaide do vizinho concelho de S. Lucar de Guadiana, [que] depôs na base na base do monumento uma coroa de flores naturais, e disse do reconhecimento do povo que representava ali pela memória do homenageado»(28). Encerrou o ato

(26) *O Século*, n.º 26915, de 11/03/1957, p.4.

(27) *Diário de Lisboa*, n.º 12306, de 11/03/1957, p.14.

(28) *O Século*, n.º 26915, de 11/03/1957, p.4.

(29) *O Século*, n.º 26915, de 11/03/1957, p.4.

(30) *Diário de Lisboa*, n.º 12306, de 11/03/1957, p.14.

(31) *Regulamento de Atribuição de Medalhas Municipais*, aprovado em reunião da Assembleia Municipal de 24/06/1994 e da Câmara Municipal de 13/07/1994.

o governador civil substituto, «condiscípulo de liceu do homenageado», que rendeu «à memória do dr. Dias os maiores e mais justos louvores»(29).

Com esta iniciativa, a principal prestada a João Francisco Dias, Alcoutim celebrou a memória e a obra benemérita daquele que fora seu médico e que mudou a vida da pequena vila raiana durante duas décadas.

Como imagem demonstrativa da importância do ato que acabava de ocorrer, e do reconhecimento popular, ficou a descrição publicada por um diário da capital: «a grande massa anónima do povo deste concelho e dos concelhos limítrofes que, com os olhos marejados de lágrimas, bem demonstrou a sua grande emoção e a sua saudade por aquele que em vida foi o seu maior amigo»(30).

Seis meses após a inauguração, a comissão promotora apresentou o balanço final das contas da obra, cujas receitas, provenientes dos donativos, se cifraram em 35 380\$00 e as despesas importaram em 29 166\$00. A título de curiosidade, refira-se que as principais despesas foram aplicadas no projeto de arquitetura (1000\$00), na execução do busto (10 000\$00) e no trabalho do pedestal em pedra (10.244\$20).

Consagrações no termo do século XX e dealbar do XXI

O tempo não apagou a memória e a admiração dos alcoutenejos pelo ousado médico, permanecendo bem vivos o seu carisma e humanismo.

Em 1995, quarenta anos após o seu desaparecimento, a Câmara Municipal de Alcoutim voltou a prestar-lhe tributo. Na ocasião, foi agraciado com a Medalha de Honra do Município (a título póstumo), a principal condecoração instituída pela autarquia, que visa «galardoar as pessoas (...) que tenham prestado ao Município de Alcoutim serviços considerados relevantes e excepcionais, designadamente de que resultem maior renome e prestígio para o Município, maior benefício colectivo»(31). A atribuição da medalha foi proposta por uma comissão constituída para o efeito e deliberada em reunião da Câmara Municipal de 12 de abril de 1995, sendo entregue no Dia do Município,

Monumento ao Dr. João Dias momentos antes da inauguração



Dr. João Rocha Cardoso discursando na cerimónia de inauguração do monumento ao Dr. João Dias



Fernando Lopes Dias, filho primogénito do Dr. João Dias, recebendo a Medalha de Honra do Município de Alcoutim

Diploma e Medalha de Honra outorgada a título póstumo ao Dr. João Dias



8 de setembro, pelo presidente da Câmara Municipal, Francisco Amaral, ao filho primogénito do médico, Fernando Lopes Dias.

Esta evocação pronunciou a posição de reconhecimento da autarquia de Alcoutim face à obra benemérita de João Dias.

Também na década de 1990, foi a vez da Junta de Freguesia de Vaqueiros reconhecer o mérito e o papel desenvolvido pelo insigne clínico na saúde de todos os habitantes do concelho, incluindo daquela distante e remota freguesia. Em 1996, decidiu immortalizar o nome do Dr. João Dias na toponímia da aldeia. De entre os 29 topónimos atribuídos às ruas de Vaqueiros, um deles foi dedicado ao insigne clínico.

No mesmo ano nova evocação, concretizada através da aposição de uma lápide na fachada principal da casa onde residiu e faleceu 41 anos antes, localizada na rua que ostenta o seu nome. Possui o seguinte texto:



Francisco Amaral, presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, discursando em homenagem ao Dr. João Dias

A cerimónia ocorreu a 13 de setembro, no Dia do Município, e contou com a presença de familiares de João Dias e de inúmera população que se quis associar ao ato. O descerramento foi efetuado pelo neto do homenageado, Mário Dias, tendo discursado o presidente da Câmara Municipal, Francisco Amaral, e o ilustre político e escritor alcoutenejo Carlos Brito.



Lápide na fachada da casa onde residiu e faleceu

«NESTA CASA RESIDIU E FAL-CEU A 8 DE MARÇO DE 1955 O ILUSTRE MÉDICO E BENEMÉRITO DESTE CONCELHO O DR. JOÃO FRANCISCO DIAS. LEMBRANDO-O NO 41.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO.»

(32) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 27/11/1996.

(33) *Jornal do Algarve*, n.º 2175, 03/12/1998, p.13.

Ainda em 1996, mais uma iniciativa de comemoração. A 27 de novembro foram criadas, através da aprovação do respetivo regulamento, bolsas de estudo para os alunos do concelho, que frequentam o ensino superior, com vista a subvencionar as despesas de estudo (32). A estas bolsas foi conferido o nome de «Bolsas de Estudo Dr. João Dias». Mais importante do que o ato de homenagem foi o valor simbólico que ele encerrou: possibilitar às novas gerações de alcoutenejos o incremento das suas qualificações escolares e simultaneamente legar-lhes o exemplo de cidadão e de ações meritórias desempenhadas pelo preclaro médico.

Em 1998, celebrou-se o centenário do nascimento de João Dias. As homenagens prestadas, organizadas pela Câmara Municipal de Alcoutim, centraram-se na evocação da imagem pessoal e do aspeto profissional que, apesar do hiato temporal, o espelho da memória conseguiu refletir. No dia 22 de novembro, numa sessão pública, «familiares, amigos e muitos populares lembraram a memória do grande médico e benemérito deste concelho, dr. João Dias, na passagem do 1.º Centenário do seu nascimento»(33). Carlos Brito recordou o homenageado, lembrando, resumidamente, que «o traço mais marcante da personalidade do Dr. João Dias é (...) a de um homem dotado de capacidades invulgares que viveu numa entrega à comunidade, aos outros, à vila e ao concelho que adoptou, ao seu país, e que sem cuidar nem de proventos, nem de honrarias, fez uso das suas raras capacidades para minorar o mal e as dores alheias, tudo fazendo para espelhar o bem à sua volta.»

Este destacado político e escritor desafiou ainda as autoridades a envidarem esforços no sentido da maior dignificação do nome de João Dias, através das seguintes iniciativas: «Um lugar mais importante [para o busto], de maior dignidade e visibilidade do que é este onde está localizado actualmente;



Carlos Brito discursando no centenário do Dr. João Dias

Atribuição do seu nome ao centro de saúde; Um livro que conte a história deste médico de excepção, cuja vida é um momento dos mais importantes de toda a história da vila de Alcoutim». Apesar do repto lançado, nenhuma das ideias teve prossecução.



Antigo edifício da Junta de Freguesia de Giões, onde se encontram apostas as placas de homenagem e toponímica

Já no século XXI, no início de 2004, a Junta de Freguesia de Giões resolveu inscrever o nome do ínclito clínico numa artéria da aldeia de Giões, no âmbito da organização toponímica do aglomerado urbano (34). Assim, este ficou eternizado no largo onde se localizava o antigo edifício sede de freguesia, e onde 50 anos antes havia sido descerrada uma lápide em sua homenagem. Mais um importante tributo e uma celebração da memória daquele que desempenhou com desvelo o seu ofício, amparando e socorrendo os doentes nos diversos cantos do concelho.

A mais recente consagração ocorreu em 2011, no âmbito das comemorações do 60.º aniversário das festas de Alcoutim. A 9 de setembro, Dia do Município, foram evocadas diversas personalidades que contribuíram para impulsionar a criação das referidas festividades. A cerimónia principiou com a homenagem a João Francisco Dias, concretizada através da deposição de uma coroa de flores junto ao seu busto, que foi alvo de trabalhos de conservação e restauro. No discurso oficial, o presidente da Câmara Municipal, Francisco Amaral, proferiu algumas palavras de tributo: «Relembro (...) a figura de João Francisco Dias, que homenageámos há pouco, o criador das festas, o idealizador deste magnífico acontecimento, que teve o seu início com o objectivo meritório de apoiar os mais carenciados. O Dr. João Dias, grande médico e benemérito, exerceu clínica em Alcoutim durante os anos de 1930, 40 e 50, levando o nome desta terra

(34) Ata da Junta de Freguesia de Giões de 31/03/2004; Ata da Assembleia de Freguesia de Giões de 23/04/2004.

Câmara Municipal de Alcoutim presta homenagem ao Dr. João Dias



por todo o sul do país e até à vizinha Andaluzia, de onde chegavam testemunhos das suas virtudes na medicina. Para os seus doentes não era apenas o médico, era também o amigo, tratando todos com igual carinho e desinteresse».

A memória perdura

No limiar dos quase sessenta anos volvidos sobre a morte de João Francisco Dias, o carisma do médico permanece. Não se nega o reconhecimento de uma personalidade ativa, de uma inteligência e perícia clínica invulgares, de uma capacidade de trabalho impressionante e uma audácia intrínseca. Foi, sem dúvida, em toda a história, dos mais notáveis alcoutenejos, apesar de aí não ter nascido, distinguindo-se na dedicação à causa da saúde e principalmente humana e contribuindo para difundir e prestigiar o nome de Alcoutim.

É sobretudo o reconhecimento desta maneira invulgar de viver e se dedicar aos outros que está presente na materialização das mais de uma dezena de homenagens de que foi alvo. O reconhecimento de uma figura invulgar que deixou a sua marca vincada nesta terra raiana.

Além dos tributos concretizados e apesar do hiato temporal, o mais relevante é que o paradigma do médico permanece bem vivo na memória de Alcoutim, ou não fosse ainda hoje, o seu busto, alvo de veneração, permanecendo quase sempre emoldurado de flores e velas.

Em jeito de conclusão e parafraseando Carlos Brito, nas comemorações do centenário do nascimento do Dr. João Dias, afirma-se que «as comunidades fortalecem-se conservando e valorizando a memória dos seus filhos mais ilustres e projetando o seu exemplo nas vicissitudes do presente e apontando-o para iluminar os caminhos do futuro».



FALECEU DR. JOÃO DIAS BENQUISTO BENEMÉRITO MÉDICO ALGARVIO

Só depois da morte se apreciavam, verdadeiramente, as virtudes dos que desaparecem para Todo o Sempre. Por complexas circunstâncias, só a título póstumo os homens sabem homenagear, com a devida grandeza, os Homens excepcionais. Esta velha verdade, tantas vezes demonstrada na História da humanidade foi, mais uma vez, exuberantemente aprovada na vida e na obra do saudoso dr. João Dias.

(Continua na 1.ª página)

HOMENAGEM ao saudoso dr. João Dias

(CONCLUSÃO NA 1.ª PÁGINA)
querido, como o adoravam, a gratidão pelos benefícios que dele receberam. De facto, todos quantos tiveram necessidade da sua ciência, do seu conselho amigo, do seu coração, numa palavra, dos seus serviços, são unânimes em afirmar que nunca encontraram da parte do dr. Dias nada que não afirmasse a sua bondade, a nobreza do seu carácter.

E quem passa pela Terra, como o dr. João Dias, espalhando o bem às mãos cheias, derramando benefícios por toda a parte...

Morreu um Homem...

«Tudo o que se faz por Amor adquire forma e nobreza.»

A Alcoutim, talvez a mais pequena sede do concelho do distrito de Faro, na margem do Guadiana, aflamam centenas de doentes de todo o Algarve e Baixo Alentejo para consultarem o médico local, sub-delegado de Saúde e médico municipal concelhio. E nesta pobre terra, no seu paupérrimo hospital, esse médico fazia mais que o possível, sozinho ou com o auxílio do colega espanhol da vizinha Sam Lucas, terra de igual importância da vizinha Espanha, do outro lado do rio, e muitas vezes com esse auxílio mas com os pobres recursos do hospital, ele fazia trabalhos de cirurgia e medicina que aos pobres doentes só seriam possíveis nos grandes centros.

«Este médico fazia da sua vida um verdadeiro apostolado. Não cuidava saber quem eram, dos seus meios de fortuna, se podiam se não, quanto ou como podiam pagar. Eram tratados sempre quaisquer que fossem as suas condições sociais ou económicas.»

O hospital não tinha condições para acomodar os seus doentes quer pelas suas proporções quer pelas suas aptecchamentos, e pelas causas da pobreza pela os meios de fortuna, se podiam se não, quanto ou como podiam pagar. Eram tratados sempre quaisquer que fossem as suas condições sociais ou económicas.

Prédios

Vendem-se no Lavradio, para partilha. R. M. Bombarda, 7 e 32. — Inf. R. Nova da Trindade. 1-5.ª letra X. LISBOA. Telefone 32864.

Prédio

Vende-se no Lavradio, para partilha. R. M. Bombarda, 7 e 32. — Inf. R. Nova da Trindade. 1-5.ª letra X. LISBOA. Telefone 32864.

Faz bem, não olhes a quem

Já vai para quatro anos que o dr. João Francisco Dias desapareceu do número dos vivos com grande mágoa daqueles que tinham nele as melhores esperanças. Esse grande médico foi um irmão dos seus semelhantes como todos deviam ser. Esse homem generoso e de belo coração, tão belo como sensível às dores humanas, merece que a sua memória fique gravada a letras de ouro em homenagem que ateste a nossa gratidão, pela acção desenvolvida como grande clínico e grande benemérito, sustentando um hospital em Alcoutim à sua própria custa, onde salvou milhares de vidas sem poupar a sua. Foi um trabalhador incansável pelo bem comum, sem olhar a recompensas. Esse homem ainda vive na memória daqueles que sofrem e não poderão jamais ser esquecidos porque as suas belas acções ficaram registadas no coração do povo. Dois aloucos, os médicos de...

FALECEU o dr. João Dias

Fez, no passado dia 8 do corrente, um ano que a vila de Alcoutim e toda a Província Algarvia foi despertada pela terrível notícia da morte do saudoso dr. João Francisco Dias, distinto médico, que exerceu a sua clínica durante muitos anos na vila de Alcoutim, onde pela sua popularidade, inteligência e dotes de bom coração gozava de geral simpatia, tendo a sua morte sido muito sentida por todos os alcoutinenses.

Com a morte do dr. Dias, perdeu não só o concelho de Alcoutim, como toda a Província Algarvia um distinto médico-cirurgião, que pelos seus dotes de inteligência, raramente se encontra quem o iguale.

O dr. Dias, não se poupando a ele próprio, trabalhava incansavelmente, operando todos os dias, tendo arrancado das garras da morte milhares de indivíduos, na sua maioria da classe pobre, a quem pela carência de meios, não só não lhes cobrava qualquer importância, como ainda os auxiliava com dinheiro ou medicamentos. Incansável como sempre, o dr. Dias morreu trabalhando, pois pouco antes de ser atacado pela terrível doença que súbitamente lhe arrancou a vida, havia operado quatro doentes e o seu consultório encontrava-se apinhado de pessoas que aguardavam que ele jantasse para o consultarem.

Alcoutim, além de perder com o seu desaparecimento a pessoa de maior destaque, perdeu para sempre o seu grande movimento, pois todos os dias acorriam a esta vila dezenas de pessoas vindas dos pontos mais longínquos em busca de cura para os seus males, e poucos eram os que deixavam Alcoutim sem irem curados ou na esperança de se curarem. Enfim, o destino assim o talhou, roubando-nos tão cedo, e precisamente na altura em que mais falta fazia, o Homem que em prol da humanidade prestou inúmeros benefícios, que ficaram bem vivos na consciência de quantos necessitaram dele.

ALCOUTIM ESTÁ DE LUTO! UM VERDADEIRO HOMEM E UM GRANDE MÉDICO QUE DESAPARECEU

Pode afirmar-se que a população e...

FALECEU o dr. João Dias

(Continuação da 1.ª página)

samente, ante o ateu do Doutor João Dias, imprimindo ao préstito aquele ambiente de trágica grandeza que caracteriza o luto próprio das grandes perdas.

Ao lado da massa imensa de povo, gente humilde e rude que ali foi para dizer o seu derradeiro adeus ao seu grande Amigo que, pode dizer-se, morreu por ele e das crianças de olhos assustados e tristes, às autoridades civis e militares do distrito.

Morreu, realmente, um Homem excepcional.

A sua sã filosofia da vida, a sua inteligência, as condições de equilíbrio e aprumo que reunia, a fidalguia do seu trato e, muito especialmente, a inegável humanidade com que sempre soube viver a nobreza da sua profissão, atendendo desinteressada e piedosamente os que sofriam, com todo o carinho do seu grande coração, desde sempre o tornaram credor da simpatia, do respeito e da mais viva amizade e admiração de quantos o conheceram. A grandiosidade da manifestação de pesar que o seu funeral constituiu, foi uma prova bem eloquente do justo e elevado apreço em que era tido.

Depois de rezada a missa de corpo presente na igreja paroquial, o préstito dirigiu-se para o cemitério. Ali, o senhor Doutor João Cardoso, com toda a vibração da sua sensibilidade...

ilustre morto em palavras repassadas de emoção e de saudade.

A multidão chorava. O Guadiana, correndo barrento e manso, e os serros íngremes e tristes, que o ladelam, avivando a tristeza do ambiente, dir-se-ia chorarem também aquele Homem nascido naquela região, na freguesia de Odeleite, apenas há 54 anos.

Deus permita que a Ex.ª Senhora que soube ser sua virtuosa Mulher, a senhora D. Cecília Lopes Dias e os seus dois...

* Presidente da Associação Alcançe Investigador na área da Sociologia Mobilidades e Identidades.

O desaparecimento do Grande Médico

José Simão*

8 de março de 1955. Na vila de Alcoutim, o dia decorrera com a normalidade própria do movimento que caracterizava a pequena vila e que desde há anos crescia em proporção com a fama do seu médico. O dia chegara ao fim e, no consultório do Dr. João Dias, vários doentes que o médico não tivera tempo de atender durante o dia esperavam que este fizesse uma breve pausa para continuar as consultas, como habitualmente fazia.

Pode dizer-se que «o Dr. Dias morreu trabalhando, pois pouco antes de ser atacado pela terrível doença que lhe arrancou a vida havia operado quatro doentes, e o seu consultório encontrava-se apinhado de pessoas que aguardavam que ele jantasse para o consultarem»(1)

Esta mesma versão foi-nos corroborada pelo testemunho de Arlete Pereira, na altura uma jovem assistente do Dr. João Dias. Arlete Pereira recorda que «quando o senhor doutor faleceu, pela primeira vez ele tinha tirado férias para ir a Coimbra com a esposa visitar os filhos (...) depois quando veio fez uma porção de operações, quatro ou cinco, e já tinha mais para a noite.»(2)

Momentos antes, o Dr. João Dias ausentara-se do consultório, situado no piso inferior da sua habitação, onde por capricho do destino não voltaria a entrar. Uma fulminante «trombose cerebral»(3) prostrá-lo-ia para sempre.

Alfredo Martinho, outro dos jovens assistentes do Dr. João Dias que ele próprio recrutara, encontrava-se no consultório e recorda o momento em que souo o alarme: «A Sr.ª gritou e eu fui a correr chamar o barqueiro para ir a Sanlúcar buscar o Dr. Francisco (...); o barqueiro estava na praça, numa taberna que lá havia, e foi lá num instante.»(4) Era comum os dois médicos ajudarem-se mutuamente, dos dois lados da fronteira, sempre que surgia um caso clínico mais complicado. Embora a fronteira se encontrasse encerrada e fosse necessária autorização expressa das forças de segurança dos dois lados para fazer a travessia, os médicos faziam parte do reduzido número de pessoas que tinham mais ou menos «carta livre» para cruzar a fronteira. Este

facto levou a que o Dr. João Dias tenha sido prontamente socorrido pelo Dr. Francisco Abril, o seu colega de Sanlúcar. «O Dr. Francisco demorou pouco tempo; não chegou a uma hora»(5), tendo o período de espera sido não mais do que o necessário para fazer as duas travessias do Guadiana no pequeno barco a remos. O próprio Dr. Francisco Abril recordaria, muitos anos mais tarde, a fatídica noite nos seguintes termos:

«(...) uma trombose cerebral, uma coisa instantânea, eu creio que provocada, entre outros problemas, por ele ser hipertenso... nunca cuidava dele e o excesso de trabalho... Sofreu uma trombose cerebral que provocou um processo agudo; entrou em coma imediatamente. (...) fiz saber à família a gravidade do estado dele. Acudiram muitos companheiros, entre eles um familiar que também era médico, mas apesar de todas as terapêuticas que se lhe aplicou não resultou e morreu passadas algumas horas, naquele mesmo dia.»(6)

De facto, as ajudas não se fizeram esperar, mas, «mau grado os esforços conjuntos dos seus colegas, Dr. Francisco Abril Franco, de Sanlúcar (Espanha), Dr. Fernando Castanheira Neves, de Mértola, e de seu irmão Dr. Dias Cavaco, que prontamente lhe assistiram, estes cuidados resultaram infrutíferos para salvar-lhe a vida.»(7)

A «Última» Homenagem

Ninguém queria acreditar no que acontecera; «foi como uma bomba que estoirou (...)»(8). A notícia circulou rapidamente e as pessoas começaram de imediato a concentrar-se junto á casa do Dr. João Dias. «Pessoas da vila, logo nessa noite. No outro dia eram milhares de pessoas... era um mar de gente».(9)

Das povoações do concelho de Alcoutim e de muitas dos concelhos limítrofes, afluíam grandes «grupos que desciam da serra, para virem saudar pela última vez o seu Doutor (...), usando todos os meios de transporte, e a pé, a maior parte, calados, os olhos rasos de água (...)».(10) Muitos deles «já tinham feito aquela mesma jornada um dia, em busca de alívio para as suas dores, e hoje vinham dar testemunho de uma dor que na memória da gente boa não tem alívio fácil».(11)

Dos locais mais afastados das regiões do Algarve e Alentejo e de muitos outros pontos do país, as pessoas chegavam às centenas, quer em carros particulares, quer em autocarros fretados para o efeito. Jesuína Maria, recorda que «assim que se fez de dia, deram em chegar as

(5) Alfredo Martinho – Entrevista realizada em setembro de 2009.

(6) Dr. Francisco Abril Franco. Entrevista realizada em 1990. Arquivo da família Dias.

(7) *Notícias do Algarve*, n.º 92 – 13/03/1955, pp. 1, 2.

(8) Maria Custódia – Entrevista realizada em julho de 2009.

(9) Alfredo Martinho – Entrevista realizada em setembro de 2009.

(10) *Folha de Domingo*, n.º 2080, 13/03/1955, pp. 1, 4.

(11) *Idem*.

(12) Jesuína Maria – Entrevista realizada em julho de 2009.

(13) Dr. Francisco Abril Franco – Entrevista realizada em 1990.

(14) Jesuína Maria – Entrevista realizada em julho de 2009.

(15) *Idem*.

(16) Maria Custódia – Entrevista realizada em julho de 2009.

(17) Alfredo Martinho – Entrevista realizada em setembro de 2009.

(18) *O Algarve*, n.º 2450, 13/03/1955, pp. 1, 4.

camionetas e não eram uma nem duas..., eram umas poucas cheias de pessoal (...)».(12)

Causou especial espanto a quantidade de carros que nesse dia afluíram a Alcoutim. Em todo o concelho não haveria por essa altura mais do que uma dúzia de carros e, para a esmagadora maioria do povo que assistiu ao funeral, tal concentração era uma coisa nunca antes vista. O próprio Dr. Francisco Abril, médico na vizinha Sanlúcar, recordaria mais tarde que, embora Alcoutim fosse nessa época uma terra com menos de meia dúzia de carros, nesse dia «ficou repleto deles. Desfilaram centenas de carros e milhares de pessoas que foram ao enterro»(13)

O funeral do Dr. João Dias constituiu a maior manifestação de pesar de que há memória em Alcoutim e a vila tornou-se pequena para acolher nesse dia os milhares de pessoas que aí se deslocaram. Passado mais de meio século, foram ainda vários os testemunhos recolhidos que atestam tal facto:

«(...) era um cordão de gente até ao cemitério e o cemitério encheu-se tanto que eu não fui capaz de ir lá dentro.»(14)

«(...) nunca vi na minha vida, em tantos anos que tenho de nascida, um funeral como o do Senhor Doutor Dias. Não houve nenhum que lhe ganhasse, era só pessoal de fora.»(15)

«(...) eu nem me lembro de ver um funeral tão grande (...) veio muita gente, encheu-se a vila.»(16)

«Era tanta gente no funeral que já o corpo estava no cemitério e ainda vinha gente junto ao posto da Guarda-fiscal.»(17)

A dimensão da manifestação de pesar é em sintonia, nas semanas seguintes, relatada pela imprensa regional e por alguns jornais nacionais.

Foi amplamente referido que «a grandiosidade da manifestação de pesar que o seu funeral constituiu, foi uma prova bem eloquente do justo e elevado apreço em que era tido (...)»(18); que «o seu funeral (...) constituiu um expressivo e sentido

Funeral do Dr. João Dias - imagem parcial do espaço envolvente da igreja



cortejo de comovida homenagem da parte das entidades oficiais, de seus inúmeros amigos e admiradores e do povo seu protegido, todos irmanados no mesmo sentimento de visível e sincero pesar»(19)

Nalguns casos os jornalistas procuraram, de uma forma mais emotiva, dar conta do sentimento geral de profunda consternação do momento; «Fui ao seu funeral e ouvi gente do povo a chorar. As suas lágrimas eram orações de quem não sabe rezar: “— Doutor tu salvaste a minha filha! Senhor, porque não me levastes antes a mim?!”»(20) «A multidão chorava. O Guadiana, correndo barrento e manso, e os cerros íngremes e tristes, que o ladeiam, avivando a tristeza do ambiente, dir-se-ia chorarem também aquele homem nascido naquela região, na freguesia de Odeleite, (...)»(21) «É com bem profunda mágoa que nos associamos ao luto que nesta hora envolve a histórica vila marginal, cuja população humilde pranteia – e muito justamente – a morte do benemérito Dr. João Dias, como se de um pai se tratasse.»(22)



Cortejo fúnebre do Dr. João Dias - ruas de Alcoutim

«Morre o Doutor João Francisco Dias, com 56 anos de idade, dos quais 23 ou 24 dedicados aos seus doentes na triste vila de Alcoutim que com a sua morte, dizem os seus habitantes, morreu também»(23)

«Morrera o Dr. João Dias. Deus chamara a si o maior benemérito do concelho de Alcoutim, o médico dos pobres, como era conhecido, pela maioria dos necessitados, a quem tantos ficaram devendo a vida e a

saúde. (...) O seu funeral, a maior manifestação de dor a que temos assistido, traduz bem o quanto era por todos querido, como o adoravam, a gratidão pelos benefícios que dele receberam (...).»(24)

Alguns testemunhos recolhidos confirmam-nos igualmente a consternação do momento:

«E então muita gente, muita gente chorava. Uma mulher da Mesquita que se tratou sempre com ele... era uma pessoa doente, chorava e dizia assim (...) “ai Senhor Doutor Dias... o que é que eu faço agora? Já não tenho quem me trate... já não tenho ninguém!” A mulher chorava de rijo (...).»(25)

(19) *Notícias do Algarve*, n.º 92, 13/03/1955, pp.1, 2.

(20) *Jornal do Barreiro*, n.º 239, 17/03/1955, p. 5.

(21) *O Algarve*, n.º 2450, 13/03/1955, pp. 1, 4.

(22) *Notícias do Algarve*, n.º 92, 13/03/1955, pp.1, 2.

(23) *Jornal do Barreiro*, n.º 239, 17/03/1955, p.5.

(24) *Notícias do Algarve*, n.º 137, 21/0 1/1956, pp. 1, 4.

(25) Jesuína Maria – Entrevista realizada em julho 2009.



Dr. João Cardoso - amigo íntimo do Dr. João Dias

Foi apontado (de uma forma geral pela imprensa e igualmente referido em testemunhos recolhidos) como momento de especial comoção o discurso de elogio fúnebre proferido pelo Dr. João Cardoso, amigo íntimo do Dr. João Dias, numa «sentida e vibrante oração»(26) para «com toda a vibração da sua sensibilidade (...) em palavras repassadas de emoção e de saudade»(27), «tecer um eloquente elogio fúnebre, à insigne figura desaparecida»(28)

No seu testemunho, Jesuína Maria refere que «estava lá um senhor (...) que falou no cemitério, era advogado (...) depois disse ali umas palavras e disse: “Vejam bem é o Senhor Doutor Dias...” (não posso falar sem chorar) “era a pessoa mais elevada de Alcoutim”... e era. (...) que era uma boa pessoa, era amigo dos pobres... e toda a gente estava com as lágrimas nos olhos por causa de se saber o que ele era; era bom para os pobres.»(29)

Do outro lado da fronteira, na povoação de Sanlúcar, o apreço em que era tido o Dr. João Dias foi demonstrado pela sua população de uma forma algo inédita. Devido às restrições impostas pelos regimes de ambos os lados, a fronteira encontrava-se encerrada e apenas a um re-

duzido número de pessoas, na sua maioria autoridades civis ou militares, era permitido cruzar o rio entre as duas povoações vizinhas. Desta forma, impedida de assistir ao funeral, «a população da vizinha povoação espanhola de S. Lucas del Guadiana (Sanlúcar) veio prostrar-se na praça junto do rio e ao longo das ruas, enquanto durou o cortejo fúnebre»(30) podendo dizer-se que esteve presente, ainda que separada por toda a largura do rio Guadiana.

A 1 de maio de 1955, no jornal *Notícias do Algarve*, a família do



(26) *Folha de Domingo*, n.º 2080, 13/03/1955, pp. 1,4

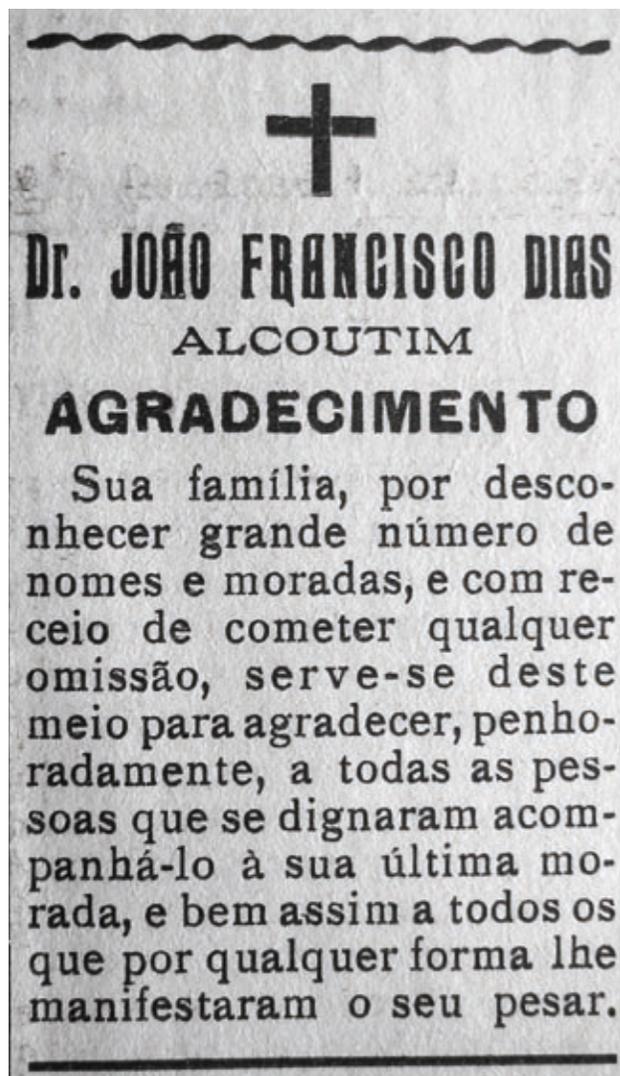
(27) *O Algarve*, n.º 2450, 13/03/1955, pp. 1, 4.

(28) *Notícias do Algarve*, n.º 92, 13/03/1955, pp. 1, 2.

(29) *Folha de Domingo*, n.º 2080, 13/03/1955, pp. 1, 4.

(30) *Folha de Domingo*, n.º 2080, 13/03/1955, pp. 1, 4.

Vista parcial de Alcoutim e Sanlúcar - década de 1950



Agradecimento da família Dias, publicado no jornal *Notícias do Algarve*, n.º 99, em 1 de maio de 1955

Da ata da reunião consta igualmente a seguinte deliberação:

«Considerando que o Doutor João Francisco Dias prestou ao concelho relevantes serviços; Considerado que a Câmara Municipal foi das entidades mais beneficiadas pela acção desenvolvida por aquele ilustre clínico; Considerando que se trata de um munícipe digno de

Dr. João Dias publicou um agradecimento a quantos lhe haviam prestado homenagem (31).

Após a sua morte, aos excertos de elogio fúnebre juntam-se os primeiros relatos na imprensa sobre a nobre figura do Dr. João Dias e a grandiosidade da sua obra. Nos anos seguintes ao seu desaparecimento, vários jornais, regionais e nacionais, continuaram a publicar trabalhos diversos sobre a figura do Dr. João Dias, recordando «o homem e a obra», principalmente nas datas próximas dos aniversários da sua morte.

A 21 de março de 1955, na primeira reunião da Câmara Municipal de Alcoutim realizada após o falecimento do Dr. João Dias, grande parte da reunião abordou a figura do ilustre médico. A reunião iniciou-se com a aprovação por unanimidade de «um minuto de silêncio em memória do saudoso e ilustre médico municipal, Doutor João Francisco Dias e que ficasse exarado em acta um voto de profundo pesar pelo seu falecimento (...)»(32). Foram igualmente lidas várias cartas de pêsames, endereçadas à Câmara, pelo falecimento do Dr. João Dias.

(31) *Notícias do Algarve*, n.º 99, 01/05/1955, p.2.

(32) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/03/1955, Livro 24, p. 31.

(33) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/03/1955, Livro 24, pp. 31v, 32.

(34) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/03/1955, Livro 24, p. 32.

(35) Ata da Câmara Municipal de Alcoutim, de 21/07/1955, Livro 24, p. 53v.

ser consagrado pela Câmara Municipal; e, finalmente, considerando que a consagração que se pretende prestar representa na sua simplicidade um acto de justiça às suas elevadas qualidades profissionais, ao seu amor pelas classes menos abastadas e desprotegidas da sorte e ainda ao seu particular espírito de sacrifício revelado durante duas dezenas de anos, a Câmara Municipal (...) deliberou conceder a título precário com isenção de taxas, a catacumba número trinta e seis – grupo B – no Cemitério Municipal, para nela se depositar o cadáver do Homem que em favor de tanta e variada gente gastou as suas energias e dispensou o seu saber, e soube como poucos dignificar em mais elevado grau a sua profissão.»(33)

Na mesma reunião, «em virtude do falecimento do médico municipal Doutor João Francisco Dias, a Câmara deliberou abrir concurso (...) para provimento do cargo de médico municipal do primeiro partido com sede na Vila de Alcoutim, abrangendo esta freguesia e a do Peireiro (...)».(34) O novo médico municipal viria a ser nomeado em 21 de julho de 1955(35).



Jazigo do Dr. João Dias - Cemitério de Alcoutim

não imaginados, essa «nova fase»teria o condão de deixar ainda mais claro o quão grande havia sido a perda, e de provar que, para Alcoutim, o Dr. João Dias jamais seria substituível.

Poderia pensar-se, à partida, que com a nomeação do novo médico estariam resolvidos os problemas com a saúde na área do concelho que haviam surgido com o desaparecimento do Dr. João Dias, mas a verdade é que este facto seria apenas o início de uma nova fase. Uma «tristemente nova» fase em que a esmagadora maioria dos casos, que anteriormente eram tratados pelo Dr. João Dias em Alcoutim, passaram a ser encaminhados para os hospitais do exterior. Mau grado os aspetos negativos, que viriam a refletir-se em campos talvez então

BIBLIOGRAFIA

Vida e Obra do Dr. João Dias

Victoria Cassinello

ANTUNES, João Lobo, *Egas Moniz – Uma Biografia*. Gradiva. 2010.

LOPES, Teresa Rita. *Estórias do Sul* – Edições Colibri, 2006.

MARREIROS, Glória Maria, *Quem foi Quem? 200 Algarvios do século XX*. Edições Colibri, 2000

MARQUES, A.O. *História de Portugal. Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias, vol. III*. Ed. Presença, 1998.

NUNES, António Miguel Ascensão (José Varzeano) *Alcoutim: Capital do nordeste Algarvio (subsídios para a monografia)*. Edição da Câmara Municipal de Alcoutim, 1985.

OLIVEIRA, Victor, «Professor Egaz Moniz», *Revista Faculdade de Medicina de Lisboa, Cinquentenário da morte do Professor Egas Moniz*, pág. 143 –Série III /Vol. 11 / Nº 3- Maio/Junho 2006

PEREIRA, Ana Leonor e João Rui Pita. *Egas Moniz em livre exame*. Minerva Coimbra, 2000.

PINTO, Maria Helena Mendes e Vitor Mendes Pinto, *As Misericórdias do Algarve*. Lisboa. Ministério da Saúde e Assistência, 1968. Pág.195.

ROSAS, Fernando - «O Estado Novo (1926-1974)», 7.º vol de José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Estampa, 1998

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*. Volume XIII-« Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)». Editorial Verbo.

SERRÃO, Joel – *Dicionário de História de Portugal* – (Direção de) Livraria Figueirinhas /Porto, 1971

Sites

Graça, L. – *Assistência Pública e Filantropismo Privado no Séc. XIX*. In [http:// www.ensp.unl.pt/lgraca/textos100.html](http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos100.html), 2005.

Graça, L.- *A política velha do Estado Novo em matéria de Saúde*. <http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos180.html>, 2005.

Fontes consultadas

Arquivo Distrital de Faro

Arquivo da Escola Secundária João de Deus

Arquivo da Universidade de Coimbra

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Alcoutim

Arquivo da Santa casa da Misericórdia de Alcoutim

Recortes de Jornais da época

Outras Fontes

Arquivo Família Dias

Arquivo Sr. Carlos Brito

Arquivo Associação Alcance

Dr. João Dias em Alcoutim

Gaspar Santos

VARZEANO, José, Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio

DIÁRIO DE LISBOA, 8 DE Abril de 1955

Protalgarve, Dinâmicas Demográficas Anexo N

Siemens levou energia eléctrica ao Algarve há 100 anos, 21 de Abril de 2011

WIKIPÉDIA, Transfusões de Sangue

Cavalcante, Meire, Como funciona uma sala de cirurgia?

Instituto Nacional de Saúde, Antibióticos e resistência aos antibióticos

Dr. João Francisco Dias

O Homem e o Médico no seu meio social

Gaspar Santos

DIÁRIO DE LISBOA, 8 DE Abril de 1955

MIMI AMARAL – Depoimento sobre Dr. Dias

SANTOS, Gaspar, Alcoutimlivreblogspot.com

SANTOS, Gaspar, Crónicas Alcoutenejas

VARZEANO, José, Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio

GUERREIRO, Eulália – Entrevista em 10 de Julho 2009

MARIA, Jesuína – Entrevista em 14 de Julho 2009

CUSTÓDIA, Maria – Entrevista em 14 de Julho 2009

Projecto de um Hospital Sub-Regional em Alcoutim

Fernando Estêvão Dias

DIAS, Fernando José Estêvão (2011); *As Grandiosas Festas de Alcoutim - 60 Anos*; Câmara Municipal de Alcoutim; Alcoutim; 38 pp.

MESQUISTA, José Carlos Vilhena (2009); «A Feira de Alcoutim em 1822»; In *Algarve – História e Cultura* Blogspot.com; Disponível em <http://algarvehistoriacultura.blogspot.com/2009/09/feira-de-alcoutim-em-1822.html>; Acesso em 15-06-2011.

NORONHA, Tito de Bourbon E (2006); *Memórias de um João Semana – Crónicas*; Município de Arruda dos Vinhos; Arruda dos Vinhos; pp. 29-46.

NUNES, António Miguel Ascensão (1985); *Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio (Subsídios para uma Monografia)*; Câmara Municipal de Alcoutim; Alcoutim; pp. 117 – 119.

Arquivo Da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim:

- Acta da Comissão Administrativa de 3 de abril de 1932
- Acta da Comissão Administrativa de 30 de junho de 1955
- Acta da Comissão Administrativa de 14 de julho de 1955
- Acta da Comissão Administrativa de 4 de agosto de 1955
- Fundo Festas de Alcoutim – Documentos vários
- Livro de tomadas de posse da SCMA

Homenagens ao Dr. João Dias

Jorge Palma

PINTO, Maria Helena Mendes, PINTO, Victor Mendes, *As Misericórdias do Algarve*, Ministério da Saúde e Assistência – Direcção-Geral de Assistência, Lisboa, 1968.

Arquivo Histórico Municipal de Alcoutim:

- Livros de Atas da Câmara Municipal de Alcoutim, 1950, 1955,

Arquivo particular:

- Processo de conceção e construção do monumento ao Dr. João Dias, 1955-57.

Câmara Municipal de Alcoutim:

- Livro de Atas da Câmara Municipal de Alcoutim, 1994, 1996.
- Regulamento de Atribuição de Medalhas Municipais, 1994.

Junta de Freguesia de Giões:

- Livros de Atas da Junta de Freguesia de Giões, 2004;
- Livro de Atas da Assembleia de Freguesia de Giões, 2004.

Periódicos:

- *Algarve, O*, Faro, 1955;
- *Correio do Sul*, Faro, 1957;
- *Diário de Lisboa*, Lisboa, 1955, 1957;
- *Diário do Governo*, II série, Lisboa, 1940;
- *Folha do Domingo*, Faro, 1955;
- *Gazeta do Sul*, Montijo, 1955;
- *Jornal do Algarve*, V. R. Sto. António, 1998;
- *Jornal do Barreiro*, Barreiro, 1955;
- *Notícias do Algarve*, V. R. Sto. António, 1955, 1956;
- *Século, O*, Lisboa, 1957.

O Desaparecimento do Grande Médico

José Manuel Simão

CUSTÓDIA, Maria. Entrevista em julho de 2009. Arquivo da Associação Alcance.

FRANCO, Francisco Abril. Entrevista realizada em 1990. Arquivo da família Dias.

MARIA, Jesuina. Entrevista em julho de 2009. Arquivo da Associação Alcance.

MARTINHO, Alfredo. Entrevista em setembro de 2009. Arquivo da Associação Alcance.

PEREIRA, Arlete. Entrevista em julho de 2009. Arquivo da Associação Alcance.

FOLHA DE DOMINGO, n.º 2080 – 13 de Março de 1955.

JORNAL do BARREIRO, n.º 239 – 17 de Março de 1955.

NOTÍCIAS do ALGARVE, n.º 92 – 13 de Março de 1955.

NOTÍCIAS do ALGARVE, n.º 99 – 01 de Maio de 1955.

NOTÍCIAS do ALGARVE, n.º 137 – 21 de Janeiro de 1956.

NOTÍCIAS do ALGARVE, n.º 144 – 11 de Março de 1956.

O ALGARVE, n.º 2540 – 13 de Março de 1955.

Ata da Câmara Municipal de Alcoutim – 21 de Março de 1955. Livro 24. Arquivo Histórico da Câmara Municipal.

Ata da Câmara Municipal de Alcoutim – 21 de Julho de 1955. Livro 24. Arquivo Histórico da Câmara Municipal.

Catálogo

Sala 1

Repercussion...

...of the ...

...of the ...

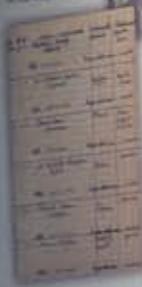
...of the ...



...of the ...



...of the ...



...of the ...



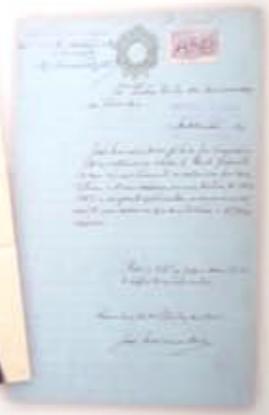
...of the ...



...of the ...



...of the ...



...of the ...

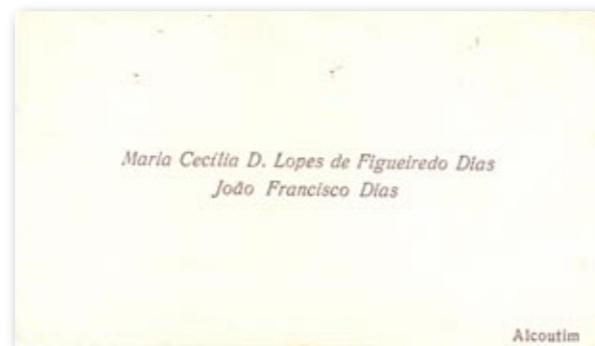
...of the ...

...of the ...



...of the ...

1. D. Maria Cecília Lopes de Figueiredo Dias,
mulher do Dr. João Dias
2. Dr. João Francisco Dias
3. Cartão de Visita do Casal Dias



4. Reunião com colegas de Curso na Universidade
de Coimbra (Dr. João Dias, 1º à esq.)



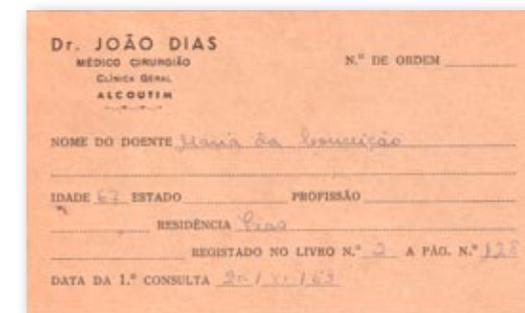
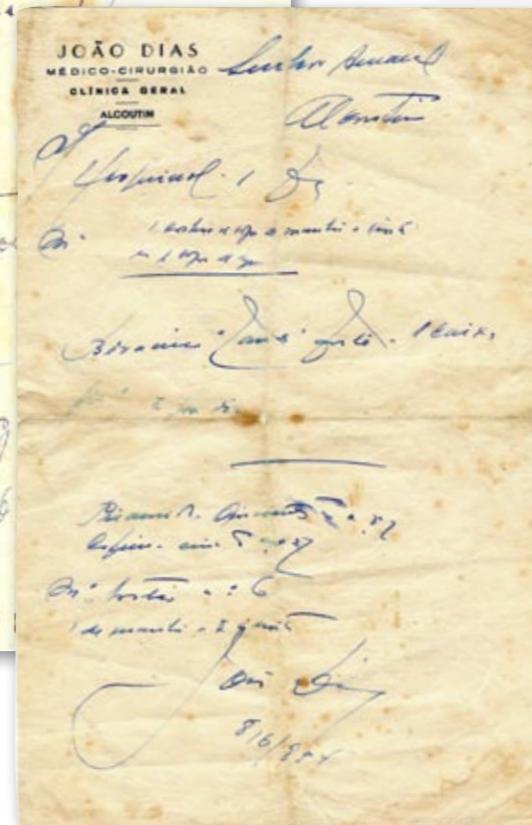
5. Dr. João Dias (à dir.)
com colega de Curso



6. Documentos pessoais do Dr. João Dias:
Bilhete de Identidade e Carta de Condução

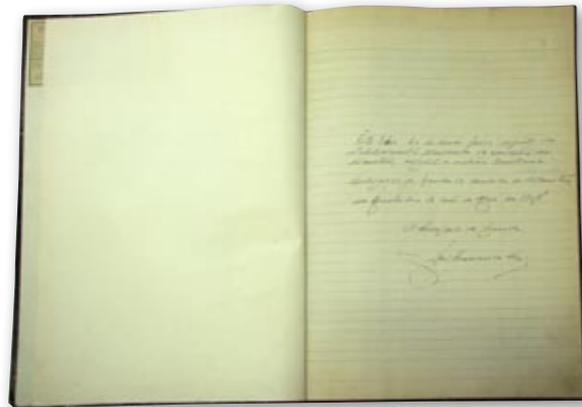


7. Ficha de identificação do doente, cuja utente é proveniente do Alentejo (1953)
8. Receitas prescritas pelo Dr. João Dias
9. Cartão de Visita do médico João Francisco Dias

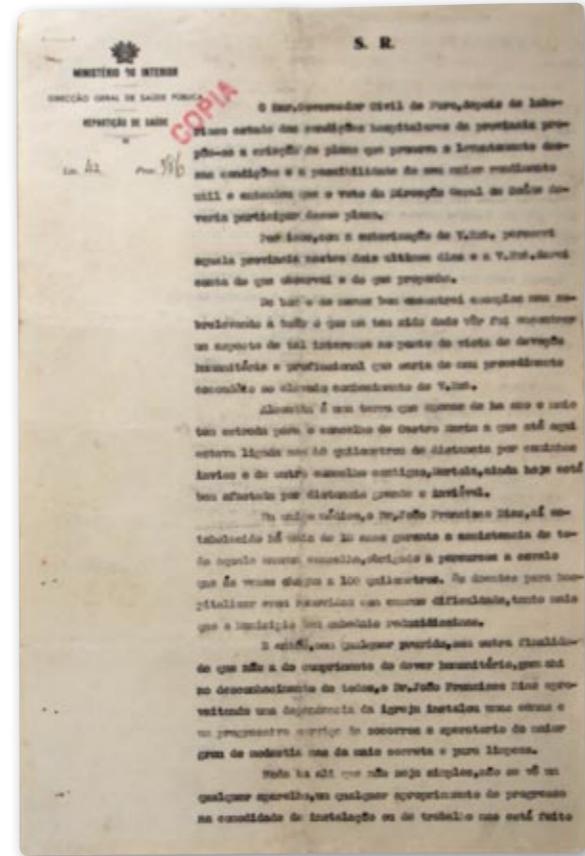


10. Livro de Registo dos Estabelecimentos licenciados do Concelho de Alcoutim sujeitos a vistoria sanitária.

Abertura de Livro assinada por Dr. João Francisco Dias enquanto Delegado de Saúde do Concelho de Alcoutim. 1937. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim



11. Louvor do Ministro do Interior ao Dr. João Dias, pelo notável trabalho desenvolvido em prol da saúde no Concelho (1940)



12. Dr. João Dias (1º à esq. na última fila) entre colegas de profissão



13. Dr. João Dias (à esq.) integrando comitiva de visita às obras de construção do cais novo de Alcoutim (1942/43)



14. Funeral do Dr. João Dias, 9 de Março de 1955



15. Inauguração do busto de homenagem ao Dr. João Dias. Alcoutim, 1957.



16. Documentário

Dr. João Dias, Médico e Benemérito

Duração: aprox. 20 min.

Ano: 2013



Catálogo

Sala 2





1. Diploma de Funções públicas

2. Biblioteca do Dr. João Dias

A biblioteca privada do consultório do Dr. João Dias ilustra as inúmeras assinaturas que mantinha com editoras nacionais e internacionais, que enviavam com regularidade livros actualizados de carácter científico e histórico-literário.

3. Marquesa de reconhecimento

Legenda correspondente à mesa do consultório do Dr. João Dias, conforme imagem da página seguinte.

4. Esfignomanómetro de mercúrio.

Utilizado para a medição da tensão arterial.

5. Livro de Registos Cirúrgicos aberto na página na qual estão inscritas as últimas cirurgias efectuadas pelo Dr. João Dias

6. Conjunto de escritório (oferta de um paciente)

7. Últimos óculos usados pelo Dr. João Dias

8. Fotografias do Dr. João Dias, esposa e filhos Fernando e João

9. Diploma e Medalha de Honra outorgada a título póstumo ao Dr. João Dias



4

9

8

8

5

7

8

8

6

9

Mr. John Wren was an American
Revolutionary War soldier
and a member of the
Continental Congress.

10. Marquesa articulada de obstetrícia

(objecto composto)- metal

Mesa de observação ginecológica e de partos

11. Armário metálico (1)

Material metal vidro

Dimensão 50x23x145cm

Armário metálico c/pastas de cerca de 20cm Alt, a porta é uma moldura metálica com vidro, no interior tem suportes para 4 prateleiras (vidro)1 está partida.

12. Separador hospitalar

13. Mesa de apoio à cirurgia

14. Balde de despejos

15. Armário embutido para colocação de material



**Parte do material cirúrgico
utilizado pelo Dr. João Dias**

As peças que se seguem estão identificadas segundo o nº de Inventário da Coleção Dr. João Dias doada pela família Dias ao Município de Alcoutim.

16. JD001 e JD002

Válvula Vaginal de Doyen

Material metal cromado
Dimensões 23,5x9,5x4,7cm
e 23,5x12x4,7cm

Marca Pasteur

Serve como afastador em cirurgia



17. JD0020

Afastador curvo

Material Metal cromado
Dimensão 30,5cmx13cm

Serve como afastador em cirurgia



18. JD0025 e JD0026

Fórceps

(Pode ser usado com JD0020)

Material Metal cromado

Dimensão 40cm e 38cm

Instrumentos cirúrgicos específicos para auxiliar o parto



19. JD0024

Fórceps de Tarnier

(Vide JD0025 e JD0026)

Dimensão 40cm

Fórceps de Tarnier, ramo esquerdo a ser utilizado com o ramo direito – as colheres



20. JD005

Pinça hemostática

Material metal cromado

Dimensões 14cm

Para pinçar vasos sangrantes



21. JD008

Collin

Material Metal cromado

Dimensões 13,5cm

Para pinçar vasos sangrantes



22. JD006

Porta-agulhas

Material Metal Cromado

Dimensões 17cm

Servem para suportar
uma agulha de sutura



23. JD007

Collin- Porta-agulhas

Material Metal cromado

Dimensões 13cm

Que serve de porta
agulhas articulação Collin





24. JD0011

Collin

Material metal cromado
Dimensão 21,5cm
Marcas Hmoutie France

Também chamada pinça de copróstase
Articulação Collin, clamp para fixação
de vísceras

25. JD0012

Clamp flexível Doyen recto para intestinos

Material Metal cromado
Dimensão 21,5cm
Marcas H Moutie 17

Também chamada pinça de coprostase
Collin, clamp para fixação de vísceras



26. JD0023

Duplo Clamp Curvo

Material metal cromado
Dimensão 11,3x24,2cm

Clamp para fixação de vísceras

27. JD0010

Peau

Material Metal cromado
Dimensão 14cm
Marcas AC 5

Para segurar compressas
em desinfecção de campos
operatórios



28. JD0013

Pinça de Garras

Material Metal cromado
Dimensão 24,5cm
Marcas 105

Articulação Collin
para fixar tecidos



29. JD0015 e JD0016

Cureta uterina de Sims

Material Metal Cromado

Dimensão 30,8cm e 30,2cm

Marcas Citel Inox e Inox, 2

Usadas para esvaziamento uterino



30. JD0017

Cabo de espelho

Material metal cromado

Dimensão 17,7cm



31. JD0019

Especulo Vaginal Modelo Cusco 100mm

Dimensão 19,5cm

Marcas Foto 19(1)

Usadas para esvaziamento uterino

Serve para afastar as paredes vaginais para observação e colheita de material para análise



32. JD003

Medição da Pelva

Material metal cromado

Dimensões 30,5x8x1cm

Instrumento de medição da pélvis graduado em cm



33. JD004

Bisturi

Material metal cromado

Dimensões 13,5x1,2x0,4cm

Marca Chiron Alemanha "Cromado"

Cabo de bisturi n.º4. Tem colocada uma lâmina, objecto cortante principal para intervenções cirúrgicas



34. JD009 A

Anuscópio (objeto composto)

Material Metal Cromado

Dimensão 18x7,5cm

Instrumento cirúrgico incompleto, utiliza-se para observação do ânus



35. JD0050

Bomba de jacto

(Pode servir para lavagens dos ouvidos)

Material tubo plástico, metal

Dimensão 93cm

Tudo de borracha maleável com balão, válvula metálica e cânula de plástico.



36. JD0031

Caixa Esterilizadora

Material Metal Cromado

Dimensão 11,5x15cm



37. JD0039

Caixa metálica de Seringas

Material metal cromado

Dimensão 13x4,7cm Caixa +tampa

Marcas ART (estrela de 8 pontas com círculo central)

38. JD0040

Caixa metálica de seringas

Material Metal cromado

Dimensão 11,5x3,5cm caixa +tampa

39. JD0041

Caixa metálica de seringas

Material Metal cromado

Dimensão 9,3x3,2cm caixa +tampa

Marcas ROCHE

40. JD0048

Seringa de vidro 10cc

Material vidro metal amarelo

Dimensão 11,5cm- Seringa em vidro c/grampo de segurança metálico.

Marcas Fortuna , W.G.Co, Made In Germany, 533

Apresenta uma linha azul vítrea em toda a extensão do tambor.



41. JD0051

Estojo de diagnóstico “diagnostic set
(objeto composto)

Madeira metal vidro têxtil

Dimensão 20,3x17x5,2cm

Marcas Gowlands Made in England”

Estojo de diagnóstico utilizado em
otorrinolaringologia e para observação
do fundo do olho



132

42. JD0071

Esgfigmomanómetro de mercúrio

Material Caixa baquelite que ao levantar a tampa superior tem fixa uma coluna de vidro graduada entre 0 e 300.No interior da caixa, braçadeira têxtil com barras metálicas, pera em borracha ??látex?? para insuflar braçadeira e tubos de borracha.

Metal: Baquelite Borracha Têxtil metal Vidro

Dimensão 11,5x35,7x5,8cm

Marcas Sphygmomanometer Mercurius made ins germany

Utilizam-se para medição da tensão arterial



43. JD0072

Esgfigmomanómetro Aneroiide borracha para insuflar

Dimensão 25,7x15,6x7cm

Marcas Exterior Sphygmomanometer nache Dr. H vom Recklinghausen.Interior: Oscilotonometer n.DR. Von Recklinghausen Scala Alternans 192842

Utilizam-se para medição da tensão arterial



133

44. JD0029

Recipiente para algodão+tampa

Material Vidro metal cromado

Dimensão Alt.14,5 Diâmetro:9 cm



45. JD0058

Frasco de vidro

Material vidro cortiça papel

Dimensão Alt. 23cm diam. base 9,5cm, boca 5,3cm

Tem afixada uma etiqueta rectangular c/cantos arredondados (11,5cm) "Soluto de Mercurocromo a 2% contem resíduos secos.

46. JD0056

Frasco de vidro com tampa de borracha

Material Frasco de vidro c/tampa em borracha

Metal Borracha papel

Dimensão Alt.15cm largura:9cm

47. JD0054

Frasco de vidro

(contem soluto de cetavlon 1%)

Material Frasco Vidro tampa Baquelite Etiqueta:

Papel

Dimensão Alt. 23cm Diam. 9cm

Marcas "549" e "1000"

Tem afixada etiqueta rectangular (8,6x5,8cm)

Sociedade Industrial Farmacêutica produtos químicos e farmacêuticos- 1 litro soluto de catavlon a 1% Laboratorios Azevedos Medicamentos desde 1775 Lisboa- Portugal



48. JD0028

Almofariz+Pilão

Material vidro

Dimensão Diâmetro 14cm Diâmetro 11cm pilão 20cm

Utiliza-se para preparação de fármacos manipulados



49. JD0055

Tina rectangular

Material em vidro com tampa em metal- Vidro

Dimensão 24cm





CRÉDITOS

Arquivo de Conceição Amaral/Alcoutim

p.84, p.93, p.94.

Arquivo da Escola Secundária João de Deus de Faro

p.22 (em cima).

Arquivo Família Dias/Alcoutim

p.6, p.8, p.10, p.13, p.23, p.24, p.26, p.30, p.33,
p.36, p.38, p.49, p.55, p.85 (em baixo), p.87,
p.96, p.138, p.140/141.

Arquivo Família Andrade/Tavira

p.20 (à esquerda).

Arquivo Histórico Municipal de Alcoutim/ Fundo Festas de Alcoutim

p.70, p.74.

Arquivo do Hospital de S. José/Lisboa

p. 14.

Arquivo de Jorge Palma/Alcoutim

p.76, p.78, p.79, p.86 (à direita),
p.88 (em cima), p.97.

Arquivo de José Serafim

p.56, p.60.

Arquivo de Maria Augusta Caimoto Amaral/ Alcoutim

p.75.

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Alcoutim

p. 4, p.34.

Arquivo da Universidade de Coimbra

p. 20, p.21, p.22 (em baixo), p.23.

Município de Alcoutim

p. 29, p.44, p.48, p.50, p.53, p.58, p.59, p.61,
p.67, p.81, p.83, p.85 (em cima),
p.86 (à esquerda), p.88 (em baixo), p.95.

À esquerda:

Dr. João Dias, ao centro, em congresso médico realizado
na cidade de Lisboa



